

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

LORENNA OLIVEIRA DOS SANTOS

**A REPETIÇÃO NA ORALIDADE: UMA ANÁLISE FUNCIONAL NO PORTUGUÊS
CULTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

LORENNA OLIVEIRA DOS SANTOS

**A REPETIÇÃO NA ORALIDADE: UMA ANÁLISE FUNCIONAL NO PORTUGUÊS
CULTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2017

Santos, Lorena Oliveira dos.

R37e A repetição na oralidade: uma análise funcional no português culto de Vitória da Conquista. / Lorena Oliveira dos Santos, 2017.
134f.

Orientador (a): Dr.^a Valéria Viana Sousa
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLIN, Vitória da Conquista, 2017.

Inclui referência F 127-129.

1. Língua Portuguesa – Português falado. 2. Oralidade – Discurso. Funcionalismo – Linguística. Cognição – Aprendizagem. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLIN. III. T.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Título em Inglês: Repetition in Oral Communication: A Functional Analysis in Vitória da Conquista *Corpus of Formal Portuguese*

Palavras-chave em inglês (Keywords): Repetition. Orality. Functionalism. Cognition.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca Examinadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Coorientador-UESB); Prof.^a Dr.^a Márcia Helena de Melo Pereira (UESB); Prof.^a Dr.^a Aurelina Ariadne Domingues Almeida (UFBA).

Data da defesa: 03 de março de 2017

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLIN

FOLHA DE APROVAÇÃO

LORENNA OLIVEIRA DOS SANTOS

A REPETIÇÃO NA ORALIDADE: UMA ANÁLISE FUNCIONAL NO PORTUGUÊS
CULTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 03 de março de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Vice-Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Alves da Silva

Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira
Instituição: UESB

Ass.: Márcia Helena de Melo Pereira

Profa. Dra. Aurelina Ariadne Domingues Almeida
Instituição: UFBA

Ass.: Aurelina Ariadne Domingues Almeida

A todos os amores que me motivaram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Se perguntarem o que me motiva todos os dias, em um único sentimento, vou dizer: o amor. O amor é como uma semente que foi plantada e, aos poucos, foi crescendo e florescendo dentro de nós. A vida se encarregou de me apresentar vários amores, desde os mais concretos até os mais abstratos.

O amor pelos meus pais, **Marilene dos Santos** e **Ulisses Oliveira do Amaral**, já estava ali, na primeira vez que abri meus olhos e os enxerguei. Esse amor, talvez, seja o mais concreto de todos, porque esse a gente abraça e chama de lar. Foi o amor deles que me deu a vida e é meu amor por eles que dá sentido à minha existência e às minhas conquistas. A vocês, meus pais, todos os meus sentimentos bons e a minha gratidão.

O amor pelos meus amigos foi cultivado a cada encontro e viagens regados a risos, abraços, livros, caminhadas, conselhos, sorvetes, *sushis*, vinho e conversas que me ensinaram mais sobre a vida do que qualquer manual de autoajuda. Esse amor, eu conheci ainda na infância com as melhores pessoas do mundo e, embora, hoje, nosso contato não seja diário, eu agradeço muito a vocês por tentarem estar presentes seja com uma mensagem no *whatsapp* ou com um encontro raro em um dia da semana: **Caliandra Plácido**, **Daniel Teixeira**, **Patrick Peixoto**, **Thiago Macêdo** e **Vinícius Nascimento**. Durante a graduação, esse amor de amizade só cresceu e criou laços com mais pessoas encantadoras. A essas pessoas, meu muito obrigada por tirarem as pedras do caminho e serem luz na minha vida: **Caio Aguiar**, **Evangeline Cabral**, **Gabriela Gonsalves**, **Hayat Passos**, **Valéria Sousa**, que, além de orientadora, é mãe e amiga, e, por último, mas não menos importante, **Warley Campos**, minha *soulmate*.

O amor romântico, eu encontrei com alguns quilômetros de distância. Ele foi crescendo silenciosamente, a cada mensagem no início e no fim do dia, a cada viagem cheia de saudade e a cada paciência cultivada nos momentos difíceis e ansiosos. A você, **Iago Farias**, meu muito obrigada por ter escolhido ficar, sendo meu apoio e o melhor namorado.

O amor acadêmico floresceu em mim nas aulas de Linguística no período da graduação. Esse amor meio abstrato que, em um processo multidirecional, torna-se concreto a partir das pessoas que ele me proporcionou conhecer. Meu agradecimento à **Família Janus**, que é um verdadeiro exemplo de cooperação; aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB, em especial, **Fernando Cardeal** e **Sinval Medeiros**, colegas que, sempre dispostos a ajudar, passaram-me um pouquinho de

suas experiências; **Adilson Ventura, Edvânia Silva, Jorge Augusto, Jorge Viana, Maíra Avelar, Márcia Helena Pereira e Nirvana Sampaio**, professores que, de alguma forma, ajudaram-me a realizar essa pesquisa; **Jonathan Lopes**, quem sempre me auxiliou nas questões mais burocráticas do mestrado; meu obrigada também a **Maria Aparecida Guimarães** e **Vânia Raquel Amorim** por todo o carinho; a **Ariadne Domingues** por ter aceitado, tão gentilmente, participar da banca examinadora da minha defesa; e, sobretudo, meu agradecimento à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES**, pela bolsa concedida e à **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, lugar que foi fonte de aprendizado e minha segunda casa durante seis anos.

Por fim, o amor divino, o qual eu encontrei na paz de silenciosas conversas de agradecimentos e pedidos. A **Ele** que me guia, que é luz e que torna todos esses amores possíveis: toda a minha gratidão dita repetidas vezes em uma prece.

Todos esses amores, apresentados separadamente, são singulares, mas, também, plurais, pois dialogam entre si e tornam-se todos uma coisa só, fazendo morada em mim e dando-me sorte na vida. Mais uma vez e repetidas vezes: muito obrigada, muito obrigada!

Sintaxe à vontade

*“[...] Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
todo verbo é livre para ser direto ou indireto
nenhum predicado será prejudicado
nem tampouco a frase, nem a crase,
nem a vírgula e ponto final.
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas,
entre vírgulas
e estar entre vírgulas é apostrofo
e eu apostrofo o oposto que vou cativar a todos
sendo apenas um sujeito simples
um sujeito e sua oração
sua pressa e sua prece
Que a regência da paz sirva a todos nós [...]”*

Fernando Anitelli, 2003

RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos um recurso frequentemente utilizado na oralidade: a repetição, compreendendo-a como um mecanismo que auxilia na interação, gerando novos significados, de modo que a retomada ocorra não somente no campo formal, mas, também, no campo semântico. Para tanto, baseamo-nos, sobretudo, nos estudos funcionalistas de Ramos (1983), Oliveira (1998) e Castilho (2014); em pressupostos da Linguística Cognitiva apresentados por Lakoff e Johnson (1998) e Ferrari (2011); e em estudos da Linguística Textual, à luz de Nóbrega (2011) e Marcuschi (2015). O nosso objetivo, com este trabalho, foi identificar como os informantes do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpus PCVC*, criado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – utilizam a repetição na construção do texto falado. Partindo do pressuposto de que a repetição é um mecanismo muito produtivo na fala, analisamos quatro entrevistas desse *corpus*, sendo considerados 30 minutos de cada uma delas. Elencamos 07 funções microestruturadoras: a reconstituidora I, a reconstituidora II, a distribuidora, o reforço, a intensificadora, o contraste e a temporalização; sendo que, na função distribuidora, há 04 subfunções: a retificação, a paralelização, a enumeração e o desdobramento. No estudo qualitativo, constatamos que a repetição é um recurso de suma importância para a condução e manutenção do tópico discursivo, para a coesão e argumentatividade do texto falado e para a compreensão do ouvinte e que, além de ser um processo metafórico, constitui-se também como um processo metonímico, o qual ocorre entre subdomínios, desde que estes façam parte de um domínio-matriz. Na análise quantitativa, verificamos que a paralelização, em linhas gerais, foi o aspecto funcional mais frequente e os menos recorrentes foram a reconstituidora I e a reconstituidora II. Em suma, a repetição é a consequência da relação entre forma e função, sendo, assim, um processo que possibilita a organização da experiência humana, chegando ao âmbito textual por meio dos atos de fala e produzindo, cognitivamente, estruturas linguísticas dispostas em camadas. Este estudo é relevante, pois, além de demonstrar como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o recurso da repetição na interação discursiva, traça um diálogo entre várias linhas de pesquisa, principalmente, entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, constatando que a repetição é um processo metonímico, contribuindo, assim, para futuras pesquisas sobre o objeto de estudo em questão, podendo cooperar na formulação de hipóteses e no diálogo entre os resultados obtidos.

PALAVRAS-CHAVE

Repetição. Oralidade. Funcionalismo. Cognição.

ABSTRACT

In this research, we investigated a resource that is often used in the orality: the repetition, which is comprehended as a mechanism that helps in the interaction, generating new meanings, in such a way that the resumption occur not only in the formal sphere, but also in the semantic one. For this purpose, we based our research, especially, on the functionalist studies of Ramos (1983), Oliveira (1998), and Castilho (2014); on the postulates of Cognitive Linguistics, presented by Lakoff; Johnson (1998), and Ferrari (2011); and on the studies of Text Linguistics, according to Nóbrega (2011), and Marcuschi (2015). In this work, we aimed at identifying how speakers, who have high schooling level and are from Vitória da Conquista (through the *Corpus PCVC*, created by the *Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo*), use the repetition in the construction of the spoken text. Basing on the assumption that the repetition is a mechanism so productive in the speech, we analyzed four interviews, considering thirty minutes of each one of them. We catalogued seven micro-structuring functions: the *reconstituidora I*, the *reconstituidora II*, the *distribuidora*, the *reforço*, the *intensificadora*, the *contraste*, and the *temporalização*; taking into consideration that, in the function *distribuidora*, there are four sub-functions: the *retificação*, the *paralelização*, the *enumeração*, and the *desdobramento*. In the qualitative study, we attested that the repetition is an important resource for keeping and conducting the discursive topic, for the cohesion and the argumentative nature of the spoken text, and for the listener's comprehension. We also attested that, besides being a metaphoric process, the repetition is constituted as a metonymic process, which occurs between sub-domains, since they belong to a matrix domain. In conclusion, the repetition is the consequence of the relation between form and function, being, this way, a process that makes possible the organization of the human experience, reaching the textual scope by means of speech acts and producing, cognitively, linguistic structures in layers. This study is relevant, because, besides demonstrating how speakers, who have high schooling level and are from Vitória da Conquista, make use the resource of the repetition in the discursive interaction, it provides a dialogue with several research lines. An important dialogue was between Linguistic Functionalism and Cognitive Linguistics, which corroborated to attest that the repetition is a metonymic process, contributing, this way, to the future researches about the object of study at hand, and cooperating with the formulation of hypotheses and with the dialogue between the results obtained.

KEYWORDS

Repetition. Orality. Functionalism. Cognition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do processo metafórico	80
Figura 2: Representação do processo metonímico	80
Figura 3: Processo metonímico do exemplo 03.....	83
Figura 4: Localização de Vitória da Conquista	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: A repetição em estruturas redobradas.....	21
Quadro 2: A repetição na retórica: um dom do estilo	28
Quadro 3: A repetição e a Linguística Textual.....	40
Quadro 4: Exemplo de repetição de sintagmas nominais.....	56
Quadro 5: Exemplo de repetição de sintagmas verbais.....	57
Quadro 6: Exemplo de nominalização.....	57
Quadro 7: Exemplo de repetição de perífrase 01	58
Quadro 8: Exemplo de repetição de perífrase 02	58
Quadro 9: Exemplo de repetição de perífrase 03	58
Quadro 10: A repetição em estudos funcionalistas	59
Quadro 11: Pressupostos funcionalistas	72
Quadro 12: Os processos cognitivos, a metáfora e a metonímia.....	88
Quadro 13: Informantes selecionados do Corpus PCVC.	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de F.S.L.B. do Corpus PCVC.....	118
Tabela 2: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de R.F.V. do Corpus PCVC.....	119
Tabela 3: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de L.S.S. do Corpus PCVC.	120
Tabela 4: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de A.I.R.M. do Corpus PCVC.....	121
Tabela 5: Resultado geral das categorias funcionais da repetição analisadas no Corpus PCVC.	122
Tabela 6: Resultado geral de cada categoria funcional da repetição analisada no Corpus PCVC.....	122

LISTA DE SIGLAS

M – Matriz da repetição
MC – Matriz da Conversação
N – Nome
PCVC – Português Culto de Vitória da Conquista
R, R1, R2 – Repetições derivadas da matriz
SAdj. – Sintagma Adjetival
SAdv. – Sintagma Adverbial
SN – Sintagma Nominal
SP, SPrep. – Sintagma Preposicionado
SV – Sintagma Verbal
V – Verbo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS	17
2 DIFERENTES OLHARES E UM OBJETO: A REPETIÇÃO	20
2.1 A REPETIÇÃO EM ESTRUTURAS REDOBRADAS	20
2.2 A REPETIÇÃO NA RETÓRICA: UM DOM DO ESTILO	22
2.3 REESCRITURA: A REPETIÇÃO NA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO	28
2.4 A REPETIÇÃO E A LINGUÍSTICA TEXTUAL	31
2.5 A REPETIÇÃO EM ESTUDOS FUNCIONALISTAS	41
3 ALICERCE COGNITIVO FUNCIONAL: A REPETIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO	61
3.1 A BATALHA ENTRE OS CONVENCIONALISTAS E OS NATURALISTAS	62
3.1.1A escolha do conceito de função	64
3.1.2 O encontro entre o funcionalismo e a cognição	66
3.1.3 A motivação entre a forma e a função	68
3.1.4 A união entre a marcação e a expressividade	71
3.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	73
3.2.1 Projeção entre domínios	75
3.2.1.1 Projeção entre domínios: metáfora.....	75
3.2.1.2 Projeção em um domínio: metonímia.....	79
3.3 A METÁFORA E A METONÍMIA NO FUNCIONALISMO.....	84
3.3.1 A analogia e a reanálise na repetição	87
4 MECANISMOS METODOLÓGICOS	91
4.1 O <i>CORPUS</i> ANALISADO.....	91
4.2 ASPECTOS GERAIS DE VITÓRIA DA CONQUISTA	92
4.3 AS ENTREVISTAS SELECIONADAS	93
4.4 UNIDADES DISCURSIVAS	94
4.5 CATEGORIAS FUNCIONAIS DA REPETIÇÃO.....	96
5 “REPETIR, REPETIR – ATÉ FICAR DIFERENTE”: A MULTIFUNCIONALIDADE DA REPETIÇÃO	98
5.1 ANÁLISE QUALITATIVA DA REPETIÇÃO NO <i>CORPUS</i> PCVC	98
5.1.1 ReconstituidoraI	98
5.1.2 ReconstituidoraII	100

5.1.3 Distribuidora	102
5.1.3.1 Desdobramento.....	103
5.1.3.2 Enumeração.....	106
5.1.3.3 Paralelização.....	108
5.1.3.4 Reparação.....	109
5.1.4 Reforço	111
5.1.5 Intensificadora	112
5.1.6 Contraste	114
5.1.7 Temporalização	116
5.1.8 Casos Especiais.....	117
5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DA REPETIÇÃO NO <i>CORPUS</i> PCVC.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128
ANEXO A	132
ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA	132

1 INTRODUÇÃO

Imaginemos um professor que tenha duas turmas do sexto ano e que, nas duas turmas, ele tenha que explicar o mesmo conteúdo, assim, ele poderá planejar apenas uma aula e repetir tal aula nas duas classes. Provavelmente, ainda que o assunto e o planejamento sejam os mesmos, a aula será ministrada de maneira diferente, o que equivale dizer que repetir não é dizer o mesmo. Essa parece apenas uma situação isolada, mas, diariamente, participamos de diálogos e nem nos damos conta do quanto utilizamos o recurso da repetição. Se pesquisarmos em um dicionário, o verbete repetição estará definido como ato ou efeito de repetir ou, ainda, como um erro tipográfico que consiste em duplicar palavra(s) ou frase(s). Por conseguinte, se pesquisarmos o que significa o verbo repetir, encontraremos, entre outros significados, que é *voltar a dizer, a fazer, a escrever, a usar* etc. (cf. HOUAISS, 2009).

Na escrita, por orientações, muitas vezes, o indivíduo tende a evitar o uso da repetição e, quando a utiliza, é de forma intencional. No entanto, para além de uma simples repetição utilizada, a rigor, com a finalidade de intensificar alguma informação no texto escrito, a repetição é usada como um processo de referenciação que, geralmente, é feito por meio de pronomes, marcadores discursivos ou termos semelhantes. Se, na escrita, a repetição é utilizada de maneira moderada, na oralidade, esse mecanismo é usado sem restrições, o que nos leva a crer que repetimos as mesmas palavras, dizendo sempre coisas semelhantes ou iguais, mas, apesar dessa primeira impressão, o ato de repetir vai além de uma simples reprodução da forma.

Antes de iniciarmos o nosso estudo sobre a repetição na oralidade, observamos que, curiosamente, em gêneros textuais que se aproximam da fala, as pessoas repetem palavras, não, necessariamente, como uma maneira de intensificá-las, mas por entender que dizê-la apenas uma vez, não seria o suficiente, o que nos leva a considerar que o falante, quando utiliza esse recurso, busca uma maior expressividade, o que pode levar-nos a interpretações acerca da funcionalidade da repetição.

Diante dessas reflexões acerca da repetição, fomos motivados a investigar quais funções a repetição desempenha na língua falada. Para tanto, baseamo-nos, principalmente, nos estudos de Ramos (1983), Oliveira (1998), Castilho (2014) e Marcuschi (2015). Partindo do pressuposto de que o falante é motivado, cognitivamente, a criar estruturas que estão sujeitas a pressões advindas de diversas situações comunicativas, neste estudo, optamos por ancorarmo-nos, especialmente, no Funcionalismo e em alguns pressupostos da Linguística Cognitiva.

Considerando que o falante adequa a linguagem de acordo com a sua necessidade em determinada situação comunicativa, escolhemos a Teoria Funcionalista para entendermos o funcionamento da repetição na oralidade e, para isso, tomamos como base nos princípios de (1) iconicidade, no qual defendemos a motivação entre a forma e a função; (2) marcação, o qual utilizamos para verificar a frequência dos aspectos funcionais da repetição; e expressividade, o qual nos referimos para compreender as funções de coesividade e interatividade proporcionadas pela repetição no funcionamento do fluxo discursivo.

Considerando que a repetição é um mecanismo motivado cognitivamente, amparamos nossa pesquisa, também, nos postulados da Linguística Cognitiva. Nos estudos dessa teoria, fundamentados em George Lakoff, Mark Johnson, Charles Fillmore entre outros, busca-se investigar as relações entre sintaxe e semântica, mais especificamente, as relações entre forma e significado, partindo do pressuposto de que a palavra e o mundo são mediados pela cognição.

Nesse sentido, tendo a repetição na oralidade como objeto de estudo, visamos responder a seguinte questão-problema: como falantes do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC) utilizam o recurso da repetição e quais aspectos funcionais desse mecanismo organizam, de forma cognitiva, as estruturas gramaticais produzidas pelos falantes do PCVC.

1.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS

A partir dos estudos de Ramos (1983), Oliveira (1998), Castilho (2014) e Marcuschi (2015) e supondo que as repetições sejam “peças-chave” necessárias ao processamento textual-discursivo, à comunicação entre os interlocutores e à construção e manutenção do tópico discursivo, hipotetizamos, *a priori*, o seguinte: 1) o recurso é altamente produtivo na oralidade; 2) a interação dos interlocutores na fala é facilitada por esse mecanismo; 3) os aspectos funcionais da repetição atuam diretamente na construção e manutenção do tópico discursivo; 4) a repetição é um processo metonímico; 5) a paralelização dos aspectos funcionais selecionados é o mais produtivo nos dados analisados no *Corpus*; 6) as frases que têm um valor semântico adversativo favorecem o uso da repetição; e, por fim, 7) o sistema de repetição é motivado cognitivamente, refletindo o modo como o indivíduo interpreta a realidade que está a sua volta.

Nesse sentido, a fim de atestarmos as nossas hipóteses, estabelecemos os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Identificar como os informantes do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) utilizam a repetição na construção do texto falado.

Objetivos específicos

- Realizar um estudo sobre o recurso da repetição à luz de diversas abordagens teóricas da Linguística e, em especial, de forma mais acurada, a partir de pressupostos funcionalistas.
- Verificar a forma como falantes do *Corpus PCVC* utilizam o recurso da repetição em suas falas, apreendendo a dinâmica social de usos;
- Identificar a importância do uso da repetição na interação verbal e na condução e manutenção do tópico discursivo;
- Analisar como a repetição é um processo metonímico;
- Identificar os aspectos funcionais da repetição que organizam, cognitivamente, as estruturas gramaticais produzidas pelos falantes do *Corpus PCVC*, agrupando-os em padrões funcionais e contextos de uso.

Com esses objetivos, compomos a presente dissertação em cinco seções: Nesta Seção 1, foram abordados as hipóteses e os objetivos da pesquisa realizada. Na Seção 2, intitulada *Diferentes olhares e um objeto: a repetição*, apresentamos como a repetição é compreendida em diversas linhas de pesquisa, traçando um diálogo entre esses estudos, com o propósito de contextualizar a pesquisa que foi realizada. Por isso, percorremos pelos estudos de estruturas redobradas, à luz de Machado (1941) e de Castilho (2013); pela Retórica, segundo Geir Campos (1965), Massaud Moisés (1985) e Reboul (2004); pela Semântica do Acontecimento, a partir dos postulados de Guimarães (2002; 2007); pela Linguística Textual, mediante os estudos de Nóbrega (2011) e de Marcuschi (2015) e, por fim, pelo Funcionalismo, à luz de Ramos (1983), Oliveira (1998), Defendi (2009) e Castilho (2014), para entendermos como o mecanismo da repetição foi compreendido nessas discussões teóricas e qual foi a importância do seu uso.

Na Seção 3, com o título *Alicerce cognitivo funcional: a repetição na construção do texto falado*, abordamos as bases teóricas que deram luz ao nosso objeto de estudo, apresentando os pressupostos do Funcionalismo, segundo Givón (1995; 2001), Martelotta e Areas (2003) e Neves (2012), e da Linguística Cognitiva, conforme Lakoff e Johnson (1980) e Warren (2006), com o objetivo de fundamentar o caráter multifuncional e cognitivo da repetição. Entre os pressupostos expostos nessa Seção, dedicamos uma subseção ao processo

metafórico e, sobretudo, ao processo metonímico por entendermos que, ao analisar as repetições no nível da sentença (microestruturação), os itens retomados são subdomínios de um domínio-matriz, fazendo, na maioria das vezes, referência a um antecedente explícito.

Na Seção 4, com o tema *Mecanismos metodológicos*, demonstramos a constituição do *Corpus PCVC*, utilizado para a análise de dados, as entrevistas selecionadas e a escolha dos aspectos funcionais da repetição e, na Seção 5, intitulada “*Repetir, repetir – até ficar diferente*”: *a multifuncionalidade da repetição*, discutimos, de maneira quantitativa e qualitativa, os resultados da pesquisa referentes à amostra de fala retirada do *Corpus PCVC*, com a finalidade de estabelecer um diálogo entre a teoria apresentada, as pesquisas já realizadas sobre o tema e os dados encontrados em nosso estudo.

Por fim, nas *Considerações Finais*, reapresentamos os resultados gerais obtidos na pesquisa, os objetivos propostos alcançados, atestamos as nossas hipóteses e reafirmamos a importância do nosso estudo, visto que, propondo uma conversa entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, demonstramos como falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o recurso da repetição na interação discursiva.

Desse modo, na pesquisa realizada, mediante os dados analisados, uma de nossas principais constatações foi de que a repetição é um processo metonímico, fato que contribui, de alguma forma, para futuros trabalhos sobre o objeto de estudo em questão, podendo cooperar na formulação de hipóteses e no diálogo entre os resultados obtidos.

2 DIFERENTES OLHARES E UM OBJETO: A REPETIÇÃO

Palavras Iniciais

Motivados por um estudo da repetição enquanto um recurso linguístico, frequentemente utilizado na oralidade, que facilita a interação entre interlocutores, desempenhando inúmeras funções, sentimos a necessidade de averiguar, antes de mostrarmos a nossa proposta de análise funcional sobre o objeto de estudo em questão, como esse recurso é estudado em outras abordagens teóricas.

Nesse sentido, apresentamos, nesta seção, cinco abordagens sucintas e diferenciadas sobre o mecanismo da repetição, distribuídas nas seguintes subseções: (i) a repetição enquanto estrutura de redobramento, no latim e no Português Arcaico; (ii) a repetição como figura de estilo, em dicionários e livros de retórica; (iii) a repetição enquanto reescritura, sob a perspectiva da semântica do acontecimento; (iv) a repetição à luz da Linguística Textual e, por fim, (v) a repetição sob um ponto de vista funcional, perspectiva adotada em nosso estudo.¹

Ao final de cada abordagem, para uma melhor sistematização do exposto, apresentamos um quadro síntese.

2.1 A REPETIÇÃO EM ESTRUTURAS REDOBRADAS

Em gramáticas latinas, já podíamos encontrar estudos do redobro em substantivos, adjetivos e verbos. Conforme Machado (1941), o redobro, na língua latina, é a “repetição intencional de sons num vocábulo” (MACHADO, 1941, p. 298), com determinadas finalidades: (i) gerar um traço onomatopéico em palavras, como em *gar-ga-lhar*; (ii) expressar uma noção de movimento contínuo, progressão constante ou a presença múltipla de um objeto, como na progressão de tempos verbais em *cano/cecini* (canto/ cantei) ou *do/dedi* (dou/dei); (iii) indicar um maior realce a determinados conceitos, intensificando, desse modo, o significado de uma raiz, como, por exemplo, o redobro do sistema do *inflectum* que é formado com a consoante inicial da raiz, acompanhada da vogal –i: *bi-bo, bi-bis, bi-bere*, “verbo do presente redobrado; da raiz *b-* formou-se *bi-b-o*” (MACHADO, 1941, p. 276).

Em estudos realizados na Língua Portuguesa, encontramos o redobramento sintático. De acordo com Castilho (2013), a partir da leitura dos primeiros textos medievais portugueses, já podíamos observar estruturas redobradas. Essas estruturas aparecem quando

¹ Esclarecemos que os estudos sobre a repetição apresentadas em cada área da linguística obedecem a ordem cronológica em que foram realizados e/ou publicados.

“uma dada classe x ocorre juntamente com uma classe y, de tal sorte que, ocorrendo x, obrigatoriamente ocorrerá y” (CASTILHO, 2013, p.34). O redobramento pode se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, o redobramento por topicalização (x=construção do tópico/y=pronome resumptivo), o redobramento por negação (x=advérbio de negação/y=advérbio de negação), o redobramento de quantificadores (x=quantificador/y=quantificador), entre outros (CASTILHO, 2013). Entretanto, o redobramento que nos interessa é o redobramento por repetição que se revela na língua falada. Esse redobramento pode ser compreendido pela fórmula $x=y$, ou seja, ocorre através da repetição das mesmas classes, por exemplo: $X=SN, SP/ Y=SN, SP^2$. Embora esse recurso não tenha sido muito recorrente no Português Arcaico, Castilho (2013, p.35) traz um exemplo de reduplicação na constituição de um sintagma verbal (SV): “*E outrosy mandamos quenenhuuiuramento que omefez per força subre qual cousa quer ou per medo de seu corpo ou de seu auer perder, mandamos quenõuallya*”³. Nesse excerto, podemos notar que parte do SV é repetido, **mandamos que**, sendo, assim, uma estrutura redobrada, já que a ocorrência $X= SV/ Y=SV$ demonstra a repetição de uma mesma classe.

Para lembrar...

Por fim, a partir dessas abordagens sobre redobramento constatamos que, de certa maneira, a repetição já era estudada na morfologia da língua latina, como um sistema de redobro de ordem gramatical, utilizado intencionalmente, ao passo que em estudos mais contemporâneos, verificamos que, no Português Arcaico, a repetição foi analisada como uma estrutura de redobramento sintático.

No quadro a seguir apresentamos, resumidamente, as perspectivas de estudo abordadas nesta seção:

Quadro 1: A repetição em estruturas redobradas

Estudiosos	Perspectiva de estudo
Machado (1941)	O redobro é a repetição proposital de sons em uma palavra, com o objetivo de: (1) gerar um traço onomatopeico em palavras; (2) expressar uma noção de movimento contínuo, progressão constante ou a presença múltipla de um objeto; e (3) intensificar determinados conceitos.
Castilho (2013)	O redobramento por repetição revela-se na língua falada, por meio da repetição das mesmas classes, sendo, assim, compreendido pela fórmula $x=y$.

Fonte: elaborado pela autora

² Conforme a tabela de siglas: sintagma nominal (SN) e sintagma preposicionado (SP).

³ Exemplo citado por Castilho (2013), p. 35, grifo do autor.

Na próxima seção, retrataremos como a repetição é vista no campo da retórica.

2.2 A REPETIÇÃO NA RETÓRICA: UM DOM DO ESTILO

Tendo sua origem do nome grego *rhéseis*, que significa “ação de falar”, a Retórica Antiga era uma disciplina voltada para a arte da oratória e tinha como principal objetivo convencer pelo discurso. Essa retórica que se formou na Antiguidade Clássica e está presente, principalmente, nas obras de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, sempre, esteve associada ao utilitarismo, pois visava um fim prático: o de persuadir. Depois, no período do Classicismo da Renascença, consolidou-se a Retórica Clássica a qual era considerada apenas como a arte de escrever e falar bem. No entanto, tal retórica desapareceu com o surgimento da estilística no século XIX. A partir da Retórica Clássica, foi criada a Retórica das Figuras que é vista como um método de ornamentação, isto é, como um enfeite. Assim, essa disciplina foi perdendo o seu caráter argumentativo e passou a ser um catálogo de figuras (cf. FIORIN, 2014; TRINGALI, 1988). Essa última servirá de base para o estudo da repetição na retórica.

Partindo do conceito de retórica como o estudo do estilo, mais precisamente das figuras, recorreremos a dicionários e a livros de retórica para encontrarmos figuras que tenham como base o recurso da repetição. Antes de elencarmos as figuras encontradas, cabe esclarecermos, sucintamente, o que é figura de estilo. Conforme Reboul (2004), é um recurso estilístico que nos possibilita uma expressividade livre e codificada. Livre, pois “não somos obrigados a recorrer a ela para comunicar-nos [...] e [codificada], porque cada figura constitui uma estrutura conhecida, repetível, transmissível” (REBOUL, 2004, p.113).

A repetição, segundo Amador (1954), é uma “figura retórica que consiste em repetir de propósito palavras ou conceitos” (AMADOR, 1954, p. 1292)⁴. Por outro lado, Ribeiro (1955) restringe a repetição como uma “figura pela qual se repetem as mesmas palavras ou locuções” (RIBEIRO, 1955, p. 792-793), como, por exemplo: “**Abri, abri** estas entranhas, **vede, vede** este coração” (Vieira)⁵. Diante desses conceitos, encontramos outras figuras que têm como base a repetição.

⁴ Texto original: “Figura retórica que consiste en repetir de propósito palabras o conceptos” (AMADOR, 1954, p. 1292)

⁵ Exemplo citado por Ribeiro (1955), p. 793, grifo do autor.

No *Pequeno Dicionário de Arte Poética*, escrito por Geir Campos e publicado em 1965, foram encontradas as seguintes figuras de estilo⁶:

Anáfora, também chamada de epanáfora, é a repetição de uma mesma palavra ou frase no início de vários versos, como em *Salmo perdido* de Dante Milano:

Creio num deus moderno,
Um deus, sem piedade.
Um deus moderno, deus de guerra e não de paz.
Deus dos que matam, não dos que morrem.
 Dos vitoriosos, não dos vencidos.
Deus da glória profana e dos falsos profetas.

Dobreé a repetição de uma mesma palavra no fim de vários versos, também chamada de rima repetida. Observemos um exemplo em uma estrofe do poema *Firmamental* de Martins Fontes:

Desde menino que amo as **estrelas**
 A horas caladas, ao vento frio
 me expunha, às vezes, só para vê-las
 e apaixonado, vendo as **estrelas**
 passava, insone, noites a fio [...]

Enumeração corresponde a uma apresentação consistente, “quase catalogal, de idéias ou elementos que se sucedem com um máximo de rapidez e fluência, sem prejuízo da qualidade do texto” (CAMPOS, 1965, p. 72). Embora Campos (1965) não defina a enumeração como uma figura que tem como base a repetição, consideramos que a lista de ideias ou elementos produzida no texto parte de uma estrutura que se repete, como no poema *José* de Carlos Drummond de Andrade:

E agora, José
Sua doce palavra
seu instante de febre
sua gula e jejum
sua biblioteca
seu terno de vidro
sua incoerência
seu ódio— e agora?

⁶ Todas os trechos de poemas utilizados para exemplificar as figuras de linguagem encontradas no *Pequeno Dicionário de Arte Poética* foram citados por Campos (1965), p. 20- 159, grifo do autor.

Epanadiplose é a repetição de uma mesma palavra ou frase no início de um verso e no fim do seguinte como no poema *Os monges* de Cruz e Souza: “**Nem incensos**, nem mirras, e nem louros/ Nem mirras, **nem incensos**”.

Epanalepse é a repetição de uma mesma palavra ou expressão no início e no fim de um mesmo verso ou período, como no primeiro terceto do poema *Rei da ilha de Paulo Mendes Campos*: “Ser como a tarde que voltou, voltou/ **além** de meus enganos, muito **além...**/ **Eu vou** por um país, por onde **eu vou...**”. Por outro lado, em um estudo mais recente, Reboul (2004) apresenta, em seu livro *Introdução à Retórica*, tal figura como uma repetição pura e simples, porém, ainda assim, na epanalepse,⁷ há a sugestão de dois problemas: o da correção e o da utilização. Imaginemos, pois, como propõe o teórico, que quando o aluno repete alguma palavra na frase, provavelmente, o professor pedirá para substituí-la por um sinônimo. No entanto, será que o professor corrigiria: “O homem é o lobo do homem”⁸? Certamente que não, pois se a frase fosse O homem é lobo para seu semelhante, “estaria destruído o argumento de incompatibilidade que sugere: o homem é aquilo que não deveria ser, pois tem o homem como semelhante” (REBOUL, 2004, p. 127).

Epanástrofe é a repetição de um verso ou frase com palavras na ordem inversa, como nos trechos do poema *Lira Paulistana* de Mário de Andrade: “**Minha viola bonita/ bonita viola minha/** cresci, crescestes comigo/ nas Arábias.”

Epânodos é a repetição das mesmas palavras, *a priori* juntas e *a posteriori* separadas, ou vice-versa, como no poema *A lição* de Guilherme de Almeida:

Pelos **remendos** do meu canto pobre,
pela moeda de **cobre**,
pelacôdea de pão,
conhecerás o mundo que não cabe
nos livros e não sabe sair do coração
Nos **remendos** terás um mapa-múndi.
O **cobre** há de dizer, mais que a palavra.
que o bem não se azinhavra
se vai de mão em mão;
acôdea mostrará que a crosta dura
da terra é uma fartura
para os que têm e dão.

⁷De acordo com Reboul (2004), não podemos confundir a epanalepse com antanáclase e nem com perissologia, visto que a primeira diz respeito à repetição de uma palavra com sentidos diferentes, ao passo que a segunda diz respeito à repetição de uma mesma ideia, mas com palavras diferentes.

⁸ Exemplo citado por Reboul (2004), p. 127.

Epífora, também chamada de epístrofe, é a repetição de uma mesma palavra ou frase no final de vários versos, como no seguinte trecho retirado do *Cancioneiro* de Emílio Moura: “Ninguém se lembra de **nada**/ Estrelas ermas na altura/ se brilham, não dizem **nada**.”

Epímoneé a repetição enfática de uma mesma palavra, como no trecho de uma elegia em *Um dia depois do outro*, de Cassiano Ricardo, em que, afirmar e reafirmar a condição de inocente fazia parte da argumentação:

Eu não era **inocente**
quando nasci
Mas agora **inocente** confesso
Diante dos crimes que os outros praticam
fiquei inocente.

Mesarquiaé a repetição idêntica de uma palavra no começo e no meio do verso ou período, como no trecho do poema *Gemidos de arte* de Augusto dos Anjos: “**Grito** e se **grito** é para que meu grito/ seja a revelação deste infinito [...]”

Mesodiploseé a repetição de palavras no meio de versos consecutivos, como no poema *O anjo rebelde* de Cassiano Ricardo:

E fiz um novo **abismo**, aos meus pés – cismo –
o obrigatório **abismo** de quem voa
Foi o **abismo** que criou a **asa** ao pássaro; agora
foi a minha **asa** que criou o abismo.

Mesoteléutoné a repetição da mesma palavra no meio e no final do verso ou período, como no trecho do poema *Caçador* de Alberto de Oliveira:

Que importa êrmas as mãos leves de qualquer caça?
Vazio o coração levas de tua dor!
Não enodoaste o céu com um pouco de fumaça
fôste mau **caçador**? Inda bem,**caçador**!

Pleonasmoe a repetição de conceitos já enunciados anteriormente, para indicar mais vigor à sentença, como no início do poema *Iam vinte anos* de Alberto de Oliveira: “Iam vinte anos desde aquêle dia/ quando **com os olhos eu quis ver** de perto/ quanto, em visão, com os da saudade via”. Por outro lado, Martins (1989), em seu livro *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*, traz uma definição, ligeiramente, diferenciada acerca dessa figura de linguagem: “o emprego supérfluo de palavras e frases cujo sentido já está expresso num dos elementos da frase ou cuja função já figura no contexto da oração”

(MARTINS, 1989, p.157). Tal pesquisadora ainda apresenta quatro categorias dessa figura: (i) o pleonasma semântico – a repetição do sentido, como no trecho destacado do poema *Iam vinte anos*; (ii) o pleonasma sintático – quando uma mesma função é exercida por mais de um elemento: “A **mim** ninguém **me** engana”⁹; (iii) o pleonasma gramatical – corresponde a uma exigência da língua de um traço seja marcado duas ou mais vezes no mesmo sintagma, como no exemplo a seguir, nos qual há as marcas de gênero e de número: “**As meninas engraçadinhas**”¹⁰; e, por fim, (iv) o pleonasma vicioso – ocorre quando há a ignorância do conceito ou da etimologia de uma palavra, como em: “**hemorragia de sangue**”¹¹.

Finalmente, a última figura de linguagem verificada no dicionário de Campos (1965) foi a **poliptóton** que é a repetição da mesma palavra em diversos casos, graus, tempos e pessoas etc., como nos versos do poema *Casamento de rapôsa* de Cassiano Ricardo: “Meu **solzinho** querido/ tão diferente daquele **solzão** atrevido/ dos dias tórridos de verão.” Essa figura de linguagem será, mais adiante, discutida nas pesquisas linguísticas contemporâneas.

A partir das figuras de linguagem elencadas no dicionário de Campos (1965), notamos que elas foram categorizadas mediante alguns critérios: (1) quanto à localização, no início, meio ou fim do texto: anáfora, dobre, epanadiplose, epanalepse, epífora, mesarquia, mesodiplose e mesoteléuton; quanto à contiguidade: epânados; quanto à ordem: epanástrofe; quanto à intensidade: epímone; quanto ao sentido: pleonasma; quanto à transição de grau, tempo ou pessoa: poliptóton; e quanto à listagem de ideias ou elementos: enumeração.

Além do dicionário de Campos (1965), consultamos, também, *Dicionário de termos literários* de Massaud Moisés, publicado em 1985 e encontramos três figuras que têm como base a repetição: a antanáclase, epizeuxe e a palilogia. Segundo o referido autor, a **antanáclase**, também denominada de diáfora, corresponde à “repetição de vocábulos idênticos ou semelhantes na forma e no som, mas distintos no sentido em que são empregados” (MASSAUD MOISÉS, 1985, p. 28). Vejamos um exemplo: “Em **vão** aos deuses **vãos**, surdos e imotos” (Os Lusíadas)¹². Nesse trecho, há a repetição de palavras semelhantes, **vão** e **vãos**, mas são atribuídos a esses vocábulos sentidos diferentes. A expressão “Em vão” carrega um sentido de inutilmente e a segunda expressa uma ideia de falsidade. Desse modo, poderíamos entender tal trecho como: Inutilmente aos deuses falsos.

A figura de retórica **epizeuxe**, também denominada de reduplicação, é a “repetição enfática de uma palavra sem outra de permeio” (MASSAUD MOISÉS, 1985, p.195), como

⁹ Exemplo citado por Martins (1989), p. 158, grifo nosso.

¹⁰ Exemplo citado por Martins (1989), p. 158, grifo nosso.

¹¹ Exemplo citado por Martins (1989), p. 158, grifo nosso.

¹² Exemplo citado por Moisés (1985), p. 28, grifo do autor.

por exemplo: “Tudo agora, nada em breve/ Enquanto a nuvem que passa/ Tem a mesma, a terna graça/ **Leve, leve, leve, leve**” (Ribeiro Couto)¹³. Nesse caso, há a repetição enfática da palavra **leve** de forma contígua.

Por fim, a **palilogia** é uma figura que “consiste na repetição integral e consecutiva de um ou mais segmentos métricos (versos) ou sintáticos” (MASSAUD MOISÉS, 1985, p. 381), como, por exemplo: “**Ah! Foi você que roubou/ Ah! Foi você que roubou**” (Jorge de Lima)¹⁴.

Enfim, o último livro que consultamos as figuras de linguagem que têm como base a repetição foi o *Introdução à Retórica* de Reboul, publicado em 2004. Segundo tal teórico, as figuras podem ser de palavras, relacionadas a aspectos sonoros do discurso; de sentido, relacionadas à significação das palavras ou dos grupos de palavras; de construção, relacionadas à estrutura da frase e, às vezes, do discurso; ou de pensamento, que se referem à relação do discurso com o seu orador ou com o seu objeto. Diante disso, ele dividiu a repetição, enquanto recurso estilístico, em dois grupos: figuras de palavras e figuras de construção.

Nas figuras de palavras, encontramos somente a **aliteração**, que ocorre quando há a repetição de uma mesma letra na sentença, como nesta frase de De Gaulle: *La grogne, larogne et lahargne* (Resmungo, rezinza, rabugem)¹⁵. Nas figuras de construção, constatamos a **epanalepse** e a **antítese**. A epanalepse, conforme abordamos anteriormente, é a repetição de uma mesma palavra no início e no fim de um período, e a antítese diz respeito a uma oposição retórica que se destaca por conta da repetição, como, por exemplo: “Fulminados hoje pela **força mecânica**, poderemos vencer no futuro com uma **força mecânica** superior¹⁶”. Nesse caso, houve uma oposição por meio da repetição idêntica de “força mecânica”, demonstrando que, apesar dessa repetição idêntica, a força mecânica do futuro expressa superioridade em relação à força mecânica do atual momento.

Ressaltamos ainda que as figuras de linguagem são características da linguagem literária, visto que muitos escritores e poetas utilizam todo o material significativo e sonoro da palavra como uma maneira de se expressar e estabelecer uma relação com o leitor ou ouvinte. Em geral, o sentido conotativo ou figurado é uma peculiaridade do texto literário, pois é preciso que o escritor tenha uma sensibilidade e veja as coisas, os sentimentos e os acontecimentos cotidianos de modo diferente, criando, por meio das figuras, condições para

¹³ Exemplo citado por Moisés (1985), p. 195, grifo do autor.

¹⁴ Exemplo citado por Moisés (1985), p. 381, grifo do autor.

¹⁵ Exemplo citado e traduzido por Reboul (2004), p. 116.

¹⁶ Exemplo citado pelo autor Reboul (2004), p. 128, grifo nosso.

que nós, leitores, possamos reconstruir e ressignificar o mundo que conhecemos (ABAURRE; PONTARA, 2005). Nesse sentido, a linguagem literária, dotada de estilo, exige um esforço do escritor em relação ao sistema linguístico.

Como vimos, as figuras de linguagem com base na repetição têm características sonoras, quando são repetidos aspectos fonéticos e fonológicos, e, também, características relacionadas aos significados das palavras, quando repetimos em busca de uma maior expressividade ou de um novo sentido.

Para lembrar...

Diante do que foi exposto, a repetição foi estudada como um recurso retórico que pode ser utilizado de diversas maneiras, de forma livre, sem obrigação, tornando-se figuras de estilo que compõem a arte de um discurso. Para melhor ilustrar as figuras de linguagem que elencamos, fizemos um quadro:

Quadro 2: A repetição na retórica: um dom do estilo

Estudiosos	Figuras de linguagem
Geir Campos (1965)	Anáfora, Dobre, Enumeração, Epanadiplose, Epanalepse, Epanástrofe, Epânodos, Epífora, Epímone, Mesarquia, Mesodiplose, Mesoteléuton, Pleonasmo e Poliptóton.
Massaud Moisés (1985)	Antanáclase, Epizeuxe e a Palilogia.
Reboul (2004)	Figuras de palavras: Aliteração. Figuras de construção: Epanalepse e Antítese.

Fonte: elaborado pela autora

Na próxima subseção, abordaremos como a repetição é vista no campo da semântica do acontecimento.

2.3 REESCRITURA: A REPETIÇÃO NA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Na semântica do acontecimento, o funcionamento da linguagem e a produção de sentido são concebidos por meio de dois procedimentos gerais: a articulação¹⁷ e a reescrituração. Contudo, neste estudo, abordaremos a reescrituração.

Partindo do pressuposto de que, segundo Guimarães (2007), as palavras possuem uma história de enunciação, pois elas não estão em um texto sem qualquer passado, e de que o texto

¹⁷ “A articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local entre elementos linguísticos, mas também e fundamentalmente por uma relação do Locutor (enquanto falante de um espaço de enunciação) com aquilo que ele fala” (GUIMARÃES, 2009, p.51).

é uma “unidade de significação integrada por enunciados” (GUIMARÃES, 2007, p.82), na semântica do acontecimento, a reescrituração é analisada como um procedimento pelo qual a “enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2007, p.84).

Nesse sentido, a reescritura é própria das relações de textualidade e pode ocorrer por meio de procedimentos de deriva¹⁸: anáfora, catáfora, repetição, substituição, elipse etc. Em outras palavras, a reescrituração atua no funcionamento de uma ação enunciativa essencial na composição do sentido de um texto, sendo que, nessa ação, um elemento faz referência a outro por meio de diversos procedimentos que os relacionam no texto integrado: por negar o outro, por retomá-lo, por redizê-lo com outras palavras, por expandi-lo ou condensá-lo etc. Verifiquemos o seguinte exemplo citado por Guimarães (2002)¹⁹: “São cidadãos brasileiros **os** que no Brasil tiverem nascido [...]”. Nesse exemplo, podemos identificar duas possibilidades de interpretação do **os**: uma anafórica e outra dêitica. Nessa análise, verificamos como, ao determinar um ponto de interpretação no texto (**os**) relacionado a outro (o antecedente do **os**), o que se obtém é uma ausência de relação unívoca entre esses dois pontos.

Assim, a partir do momento que o **os** reescriturados, temos, mediante uma interpretação anafórica, a preexistência do sentido de cidadãos, o qual, simultaneamente, é predicado pela interpretação dêitica que nos leva ao sentido de pessoa. É essa atividade de predicação na duração do presente pelo memorável que tem significado, pois projeta um futuro, o tempo da interpretação após acontecimento, quando o reescriturado é recuperado pelo reescriturante. Nas palavras de Guimarães (2002):

[...] o sentido de uma expressão não é construído pelo sentido de suas partes. O sentido é constituído pelo modo de relação de uma expressão com outras expressões do texto, tal como [foi exemplificado] acima a propósito de **cidadão**. Só assim se torna possível deixar intervir na descrição do sentido os rememorados que os diversos pontos de um texto recortam. Ou seja, a descrição do sentido não pode se limitar ao estudo do funcionamento do enunciado. Este é parte da questão e não seu lugar (GUIMARÃES, 2002, p.28, grifo do autor).

¹⁸ O conceito de deriva deve ser compreendido a partir dos estudos de Pêcheux (1997 [1983]). Para o referido teórico, as palavras não têm sentido associado à sua literalidade, o sentido é concebido através de uma palavra por outra, partindo de relações metafóricas (transferência), ocorrendo em formações discursivas que são o seu lugar histórico temporário. De modo que toda descrição “está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1997 [1983], p.53).

¹⁹ Exemplo citado por Guimarães (2002), p.27, grifo do autor.

Por meio dessa análise, percebemos, ainda, que a reescrituração é um mecanismo que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. Esse mecanismo é uma marcação contínua de uma duração temporal daquilo que ocorre. E o processo de reescrever atribui (predica) ao reescriturado aquilo que a própria reescrituração destaca como passado, memorável (GUIMARÃES, 2002)

Outro exemplo, também, citado por Guimarães (2002) é “**Paulo** viajou ontem. Deve estar em São Paulo na quinta. **Ele** deve voltar no final de semana”²⁰. Nesse exemplo, a relação entre a expressão reescriturada e o que a reescreve retrata as seguintes características: uma relação transitiva, simétrica e não-reflexiva. Para entendermos melhor tais características, observemos a explicação nas palavras de Guimarães (2009):

- 1) se **ele** reescreve **Paulo**, então **Paulo** é também uma reescritura de **ele**. Ou seja a relação em questão é simétrica. Isso dá conta de que a reescrituração não se constitui pela ordenação dos elementos linguísticos. Essa relação [...] tem a ver diretamente com o fato de que os enunciados e seus elementos significam em virtude do texto que integram.
- 2) Por outro lado, podemos considerar que [no exemplo] vemos uma relação seguinte: **Paulo** é reescriturado por elipse no segundo enunciado. E o elemento elíptico é reescriturado por **ele**. O que faz com que se o elemento x (**Paulo**) é reescriturado por um outro, a elipse (y), e se y é reescriturado por um terceiro elemento (z), no caso **ele**, o elemento (z) também reescreve o elemento (x). Ou seja essa é uma relação transitiva. Ela está diretamente ligada ao seu funcionamento à distância e transversal.
- 3) Em terceiro lugar, se **ele** reescreve **Paulo**, a relação de reescrituração não estabelece uma igualdade, ou seja **ele** não é igual a **Paulo**. Isto é, **ele** não significa no enunciado como **Paulo** significa, e vice-versa. Nesse caso a relação é não-reflexiva. Um aspecto importante a considerar aqui é o caso em que um elemento linguístico é reescrito por repetição, por exemplo **Paulo** reescreve **Paulo**. Nesse caso, o que interessa é que **Paulo1** é reescrito por **Paulo2**. Interessa em **Paulo2** que **Paulo2** significa diferentemente de **Paulo1**, em virtude de ser uma repetição. E é essa diferença entre **Paulo2** e **Paulo1** que dá sentido à repetição (GUIMARÃES, 2009, p. 53-54, grifo do autor)

Assim, a partir das análises dos exemplos citados, podemos observar que, para a semântica do acontecimento, o procedimento da textualidade e o sentido das expressões se constituem, no texto, por meio de uma reescrituração infinita da linguagem, no sentido de que uma expressão pode ser reescrita de diversas maneiras. No entanto, esse processo se dá como finito condicionado pelo acontecimento (e sua temporalidade) em que se enuncia, pois, em um determinado texto, há uma quantidade limitada de reescrituras.

²⁰ Exemplo citado por Guimarães (2009), p.53, grifo do autor.

Para lembrar...

Nesta seção, vimos a reescrituração como um processo de repetição que atua nas relações de textualidade e auxilia na construção de sentido do texto, na medida em que retoma algo que já foi dito, revelando, assim, o passado enunciativo de determinada palavra.

No próximo subtópico, abordaremos pesquisas dos campos da Linguística Textual e do Funcionalismo, nas quais a repetição é considerada como um recurso da oralidade que auxilia na interação entre interlocutores.

2.4 A REPETIÇÃO E A LINGUÍSTICA TEXTUAL

Nesta subseção, primeiramente, apresentaremos um estudo feito por Nóbrega (2011) e, logo depois, um trabalho feito por Marcuschi (2015), os dois sob uma perspectiva da Linguística Textual.

Nóbrega (2011), motivada pela produção escrita no contexto escolar, tem o objetivo de verificar como a anáfora pronominal e a repetição favorecem a continuidade e a progressão temática na tessitura textual. Para tanto, a pesquisadora, considerando a anáfora pronominal e a repetição como elementos coesivos de caráter semântico-formal que promovem a conectividade semântica entre os componentes da superfície textual, avaliou textos de alunos do 9º ano de uma determinada escola. Em relação à repetição, que é a abordagem que nos interessa, Nóbrega (2011) buscou observar o seu funcionamento coesivo, avaliando até que ponto a repetição pode prejudicar ou não a continuidade e a progressão temática. Desse modo, a repetição foi analisada em seis circunstâncias: (1) repetição literal contígua (“[...] quando não **fica, fica** mesmo na amizade.”); (2) repetição com variação contígua (“Ficar não é novidade e **um jato de ocorrências, e um jat[sic] que ocorre todos os dias.**”); (3) repetição literal próxima (“Pra nós **jovens** não é novidade porque **os jovens** só querem ficar [...]”); (4) repetição com variação próxima (“[...] eu acho você **um professor muito excelente** pois gostari [sic] que você estivesse mim ensinando no estadual pra min [sic] **você é um dos melhores professores.**”); (5) repetição literal distante (“[...] ela **gostava** de um garoto o garoto não dava a mínima para ela ela descobriu que **gostava dele** quando via ele com outras garotas [...]”); (6) repetição com variação distante (“**Ficar** pra mim é uma coisa muito importante por que pode ser um começo de um relacionamento começa minha aventura é acaba **ficandoserio** [sic]”)²¹.

²¹ Todos os trechos citados para cada tipo de repetição da pesquisa de Nóbrega (2011) foram apresentados pela própria autora, p. 78-80, grifo da autora.

A partir dessa análise, Nóbrega (2011) chegou aos seguintes resultados: (i) tanto a repetição literal contígua quanto a com variação contígua foram encontradas em apenas 4% das ocorrências, não sendo, assim, repetições relevantes; (ii) em relação às repetições próximas, a literal foi identificada em 68% das ocorrências, ao passo que a com variação foi encontrada em 70%; (iii) no que diz respeito às variações distantes, a literal foi encontrada em 28% das ocorrências e a com variação em 26%; (iv) no total, pensando nos grupos de repetição literal e repetição com variação, o primeiro alcançou um percentual de 56% e o segundo de 43%. Considerando esses dados, Nóbrega (2011) avaliou a repetição como um recurso fundamental para construir a unidade de sentido dos textos analisados, porém julgou que o uso excessivo desse recurso, principalmente em colocação próxima, poderia indicar que os alunos não tinham conhecimentos sobre a temática em foco para promover o desdobramento do texto.

Em outro trabalho pautado na Linguística Textual, dessa vez, realizado por Marcuschi (2015), a repetição não foi considerada somente como uma marca da língua falada, na verdade, foi compreendida como um dos recursos de formulação textual mais presente na oralidade que, por ter uma maleabilidade funcional, expressa diversas funções, contribuindo para a “organização discursiva e monitoração da coerência textual; [favorecendo] a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; [dando] continuidade à organização tópica e [auxiliando] nas atividades interativas” (MARCUSCHI, 2015, p. 207). Nesse sentido, a repetição é um processo de construção do texto e condução do tópico discursivo. O referido autor, em seu trabalho, definiu a repetição como a “produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”²² (MARCUSCHI, 2015, p. 209), ressaltando que repetir as mesmas palavras não significa dizer a mesma coisa, pois há uma diferença entre repetir a mesma forma e o mesmo conteúdo.

Essa definição de Marcuschi (2015) acerca da repetição dialoga com noção de reescritura abordada na semântica do acontecimento, pois, como apresentamos anteriormente, as palavras carregam uma história e, quando são enunciadas novamente em texto, elas, embora pareçam redizer o que foi dito a partir de elementos repetidos, fazem isso de uma maneira diferente, ativando uma nova significação.

Marcuschi (2015) reconheceu que a repetição pode se manifestar de diversas formas: (i) autorrepetição (quando o próprio falante realiza a repetição na sua fala); (ii)

²² É válido esclarecer que (i) *segmento textual* é qualquer realização linguística de um texto falado; (ii) *idêntico* é a produção de uma repetição sem variação; (iii) *semelhante* é a produção de uma repetição com variação; e (iv) *evento comunicativo* é a unidade de interação desde seu início até o final” (MARCUSCHI, 2015, p. 209).

heterorrepetição (quando o falante repete algo dito por outro interlocutor); (iii) repetições fonológicas (aliteração, alongamento, entoação etc.); (iv) repetições de morfemas (prefixos, sufixos etc.); (v) repetições de itens lexicais (em geral N e V); (vi) repetições de construções subordinadas (SN, SV, SPrep., SAdj., SAdv.); e, por fim, (vii) repetições de construções oracionais. Além disso, o pesquisador distribuiu as repetições em adjacentes ou contíguas, aquelas próximas à matriz (M), ou distantes, pois o segmento pode ser repetido após vários tópicos. É válido ressaltar que, em seu estudo, Marcuschi (2015) concentrou-se somente em repetições de elementos lexicais, de construções subordinadas e oracionais. Para tanto, analisou uma amostra de duas horas, com partes de seis diálogos entre dois informantes (D2) do *Corpus* do projeto Nurc²³, chegando aos seguintes resultados:

- a. a autorrepetição é mais frequente do que a heterorrepetição, apresentando 80% das ocorrências [...];
- b. quanto à categoria linguística do segmento repetido, observa-se um equilíbrio entre as repetições lexicais, as de sintagmas subordinadas e as de construções oracionais, com um leve predomínio (40%) das repetições lexicais;
- c. do ponto de vista das [repetições] na cadeia textual, observa-se que as repetições adjacentes são as mais frequentes, atingindo 90% [...];
- d. as [repetições idênticas] mais comuns são de itens lexicais, e as repetições de construções oracionais são as que mais variam [...]
- e. finalmente, do ponto de vista estatístico, a fala apresenta cerca de 20% de seus materiais repetidamente, o que não equivale, automaticamente, a uma dispersão informacional ou rarefação do conteúdo (MARCUSCHI, 2015, p. 212-213).

Essas formas de manifestação, segundo Marcuschi (2015), geraram 50 (cinquenta) tipos de repetição, mas ele fez um recorte apresentando somente algumas categorias funcionais que atuam no nível da:

- a. [...] *coesividade*, abrangendo a sequenciação propriamente, a referenciação, a expansão oracional, a parentetização e o enquadramento funcional;
- b. [...] *compreensão*, fortalecendo a intensificação e o esclarecimento;
- c. [...] *continuidade tópica*, propiciando a amarração, a introdução, a reintrodução e a delimitação do tópico;
- d. [...] *argumentatividade*, possibilitando a reafirmação, o contraste e a contestação;
- e. [...] *interatividade*, colaborando com a monitoração da tomada de turno, na ratificação do papel do ouvinte e na incorporação de opinião (MARCUSCHI, 2015, p. 219).

²³ Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Urbana Linguística Oral Culta – Projeto NURC.

A seguir, apresentaremos, sucintamente, a análise desses níveis, utilizando exemplos citados pelo próprio pesquisador, Marcuschi (2015)²⁴.

A **coesividade**, para Marcuschi (2015), é um dos recursos básicos da construção textual-discursiva, responsável pelo encadeamento intra e interfrástico no plano da cotextualidade que pode ser analisada de duas maneiras: a coesão sequencial e a referencial²⁵.

Marcuschi (2015) elencou 03 (três) tipos de repetição que fazem parte da coesão sequencial:

- 1) **Listagem**, que ocorre quando o falante constrói listas, geralmente, com variações lexicais e morfológicas e manutenção de uma sequência nuclear, identificadas como paralelismos sintáticos:

2)

L2	–você	conhece	índio	que	morreu	de	amor
você	conhece	índio	que	morreu	de	amor	
você	conhece	índio	que	morreu	guerreando	pela	amada
você	conhece	índio	que	morreu	em luta	de	tribos
		conhece	índio	que	foi	morto	
			porque o outro	queria tomar	a chefia	da tribo	
queria		virar		pajé			[...]

(D2 REC 266: 1.741-50)

- 3) **Amálgamas sintáticos**, que ocorrem quando o falante repete estruturas, em um jogo de construção e reconstrução, objetivando a composição textual:

L1 – a gente tem muitos **grupos de dança** bons
 agora tudo muito **escondido** ainda entendeu?
 que quase a gente não vê
num é divulgado mas é muito bom
 masa gente tem **grupos de danças** assim que não tem **mui::ta**
divulgação
mas que são muito bons (D2 REC 240)

- 4) **Enquadramento sintático-discursivo**, um segmento que aparece tanto no início quanto no final do turno, “ou no início e final de uma unidade discursiva, servindo de sinalização para a completude da contribuição informativa e para a formulação discursiva” (MARCUSCHI, 2015, p.224):

²⁴ Todos os exemplos utilizados para ilustrar os aspectos funcionais apresentados por Marcuschi (2015) foram citados pelo próprio autor, p. 219-238, grifo do autor.

²⁵ Koch (2012) postula que a repetição é um recurso primordial para a instauração da coesão textual que pode ser categorizada em dois tipos: (i) coesão referencial, quando a organização das cadeias coesivas se formam através de recursos reiteradores, de natureza gramatical ou lexical, e (ii) coesão sequencial que constitui a repetição do mesmo item lexical, do tempo verbal, da estrutura sintática (paralelismo), do conteúdo semântico (paráfrase) ou do fonema (aliteração/assonância).

L1 – **quando eu saio** do trabalho
 eu quero DISTÂNCIA do trabalho
 eu quero me tornar alienada do trabalho
quando eu saio (D2 REC 340:451 -54)

Dentro desse grupo da coesividade, algumas categorias funcionais da repetição, apontadas por Marcuschi (2015), conversam com algumas figuras de linguagem apresentadas por Campos (1965), como, por exemplo, a figura enumeração, que ocorre quando uma catalogação de ideias é elaborada a partir de uma base repetitiva, corresponde à função listagem e a figura epanalepse, que ocorre quando retomada está presente no início e no fim de um verso, é semelhante à função enquadramento sintático-discursivo.

A **compreensão** é uma das principais funções da repetição, segundo Marcuschi (2015). Também, são observadas, nesse plano funcional, 03 (três) categorias:

- 1) **Intensificação**, “que obedece a uma espécie de princípio de iconicidade, segundo o qual a um maior volume de linguagem idêntica em posição idêntica corresponde um maior volume de informação” (MARCUSCHI, 2015, p.225):

L2 – mas eu acho que ele falava **tanto**
tanto
tanto
 e eu o admirava muito
 eu tinha a impressão [...] (D2 SP 360: 1.519-21)

- 2) **Rema** → **tema**, quando a estratégia da repetição transforma “em tema do enunciado seguinte o rema do enunciado precedente, pela ênfase dada ao item repetido” (MARCUSCHI, 2015, p.225):

L1 – de repente se você for fazer um levantamento em todo o acervo que tá aí hoje já virou um **samba de crioulo doido**
 eu acho
 L2 – não mas **esse samba de crioulo doido**
 é nossa CULTURA ... riquíssima
 é nossa
esse samba do crioulo doido
 é a nossa cult/
 é a nossa cultura sabe?
 (D2 REC 05: 1.467-76)

- 3) **Esclarecimento**, que tem a função de tornar explícito as informações com ampliações sucessivas, por meio de repetições com variação ou paráfrases:

L1 – você acha que ... **desenvolvimento** é BOM ou é ruim?
 L2 – **desenvolvimentoem** que sentido?
 L1 – **desenvolvimento** ... o Brasil diz-se basicamente
subdesenvolvido e diz-se também
 que ele está **desenvolvendo** ...
 parece que está **desenvolvendo** ... **condição de subdesenvolvimento**
parachegar sei lá numa condição de desenvolvido ... okay?
 (D2 SP 343:497-503)

Nesse grupo da compreensão, podemos estabelecer uma correspondência entre a figura de linguagem epizeuxa, apresentada por Massaud Moisés (1985), que é utilizada para enfatizar elementos, e a função intensificação abordada por Marcuschi (2015).

A **organização tópica** está no plano das repetições que têm o papel de introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos, por meio de marcadores discursivos, itens lexicais, sintagmas ou orações. Nesse sentido, são analisadas 04 (quatro) categorias:

- 1) **Introdução do tópico**, que ocorre quando o falante reitera uma estrutura de maneira explícita, marcando um novo tópico discursivo que será desenvolvido:

L1 – **e o demônio?**
e o demônio na moda?
 o que é que você acha **do demônio na moda?** (D2 REC 05)

- 2) **Reintrodução de tópico**, que ocorre após o falante produzir uma espécie de parênteses ou após a inclusão de um tópico discursivo no interior de outro que estava sendo desenvolvido:

L2 – então ... ele diz que **para ... por exemplo cada cem engenheiros que é pedido** ... {ele funciona do seguinte modo as firmas precisam ... de um em/ de um cara então ah por exemplo (ah) um:: () um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim ‘eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assimassimassim’... então ele vai procurar ... certo? ... ou então chega de outra firma e diz assim ‘preciso ... um gerente de:: ... de produção:: o um gerente de ()’ normalmente é um engenheiro isso issoisso} então eu estava explicando ... que **para cada cem engenheiros que são pedidos** ... é pedido UM advogado ... quer dizer a desproporção é inCRÍvel ... [...] (D2 SP 360)

- 3) **Delimitação do tópico**, que são os casos “em que um tópico se encerra com a [repetição] de construções que o introduziram” (MARCUSCHI, 2015, p. 228):

L1 – **eu quero continuar os estudos** ... e:: trabalhar fora **mas por enquanto ainda não**

as crianças dependem muito de mim ... ((abertura))
então ... futuramente **eu pretendo... reiniciar os estudos... mas por enquanto não** ((fecho)) (D2 SP 360)

- 4) **Condução e manutenção de tópico**, que ocorre quando há a presença contínua de um item lexical, demonstrando o tópico que está em foco:

L2 – o tema viagem é muito ruim né? ... E. o que é que elas querem falar?
é sobre **negócio de comunicação** é?

L1 – bom é:: o tal negócio... nós estamos... nesse nessenesse **século de comunicação...e::** para mim pelo menos me parece que **comunicação é faca de dois gumes** como consequência de uma **comunicação muito intensa** os Estados Unidos tiveram algum tempo atrás ... éh:: uma crise de cultura própria [...] (D2 REC 05: 13-106)

Entre as funções da organização tópica, podemos estabelecer um diálogo entre a função delimitação do tópico, postulada por Marcuschi (2015), e a figura epanadiplose, apresentada por Campos (1965), que é a repetição de um elemento no início de um verso e no final do seguinte.

A **argumentatividade** que tem a função de conduzir orações com o propósito de reafirmar, contrastar ou contestar argumentos. Nesse sentido, são observados 03 (três) aspectos:

- 1) **Reafirmação de argumentos**, que ocorre quando o falante, por meio de várias repetições, objetiva reafirmar algo como no próximo exemplo:

L2 – **a mercadoria mais cara** do país ...

inda é dinheiro

como **é caro comprar dinheiro**

L1 – **é o negócio mais caro**

inda é dinheiro

L2 – **porque o dinheiro é um elemento de troca** ... certo?

o dinheiro é um elemento de troca

então ... **a gente pra comprar dinheiro**

a gente paga ca::ro

você paga caro por dinheiro (D2 REC 05: 497-502)

- 2) **Contraste de argumentos**, que pode ser apresentado por meio de negações em termos preposicionais ou mediante a modulação entoacional, como, por exemplo, transformar uma assertiva em indagação, expressando determinada surpresa:

L1 – agora você quer ... você quer ver uma coisa que eu detesto que eu não GOS:to de jeito nenhum

é fazer compras

L2 – **fazer compras?**

L1 – seja qual for ela ... viu? (D2 REC 340: 728-32)

- 3) **Contestação de argumentos**, que tem uma função interativa com relação às faces dos interlocutores. Não há preocupação com a face negativa do interlocutor “quando se trata de contestar em situações de relações interativas simétricas, sendo por isso possível que esse tipo de repetição apresente menos traço de polidez” (MARCUSCHI, 215, p.234)

L1 – toda vez que **posso viajar por terra não viajo de avião**

L2 – ah não **eu não vou por terra aonde eu posso ir de avião**

(D2 REC 05)

A **interatividade**, conforme Marcuschi (2015), é uma função central no processo de construção do texto falado, pois muitas escolhas do falante são tomadas devido às pressões da situação comunicativa, por isso, Marcuschi (2015) reconhece que, a rigor, não é uma categoria que deveria ser apresentada separadamente. Nesse plano funcional, podemos observar 04 (quatro) aspectos funcionais da repetição:

- 1) **Expressão de opinião pessoal**, que se apresenta, sempre em uma heterorrepetição, quando os interlocutores têm posições divergentes sobre um determinado assunto:

L2 – é mas aí:: é o tal negócio **eu não me preocupo muito com a média**
pra mim interessa::: o:: indivíduo né? salvação individual [...]

L1 – **é eu às vezes me preocupo com ... digamos com a média** pelo seguinte ...

eu me preocupo com o que eu estou contribuindo com o bem da média ou não (D2 SP 343: 568-78)

- 2) **Monitoramento de tomada de turno**, que ocorre quando uma repetição persistente sobrepõe vozes, em uma autorrepetição:

L1 – você leva a vida ... falsificando a cultura éh: ... éh::
prostituído a arte para leva-la ao povo

L2 – mas por quê? ... por que você não leva a cultura ao povo primeiro?

L1 – não porque:: **eu acho que** ()

[
L2 – porque se você não tiver outra opção
não tiver Chacrinha não tiver Flávio Cavalcanti

[
L1 – **eu continuo achando**

L2 – não tiver Sílvio Santos o povo

- [
- L1 – **eu continuo achando**
 L2 – o povo vai ligar pra TV universitária
- [
- L1 – **não eu continuo achando** viu?
 L2 – pra Tom Jobim pra Chico Buarque Holanda Caetano
- [
- L1 – **não/ veja eu continuo achando**
 L2 – ora se vai
 L1 – viu E./ **eu continuo achando** que o Brasil só tem três problemas graves:
 educaçãoeducação e educação (D2 REC 05:305-21)

- 3) **Ratificação do papel do ouvinte**, que “tem o mesmo objetivo dos marcadores do tipo **sim, claro, ahn, sei** e outros, geralmente em sobreposição de vozes e para expressar a ideia de que o falante pode continuar com a palavra” (MARCUSCHI, 2015, p. 237):

- L2 – e quando veio a conta ele chegou e disse ‘rapaz... seiscentinhos’
 L1 – quanto?
 L2 –SEIScentinhos ... ele disse ‘divide divide pelos quatro vês quanto dá’
 ele disse ‘não:: é seiscentos **pra cada um**’
 L1 – **pra cada um**
 L2 – **são dois e quatrocentos**
 L1 – **são dois e quatrocentos** ((rindo))
 L2 – e não comeram ... absolutamente nada ... [...] (D2 REC 266)

- 4) **Incorporação de sugestões**, que ocorre em contextos, geralmente de hesitação, nos quais o falante expressa certa dificuldade, seja por problemas de memória ou de conhecimento do assunto:

- L1 – agora ele quer ser MESmo pelo gosto dele ele gostaria de ser jogador de futebol ((risos)) não é? então ... ele:: torce ... pelo Palmeiras e é o:: ... o:: xodó dele é o ... o verde e branco
- [
- L2 – **ele joga?**
 L1 – **ele joga**
 L2 – ah
 L1 – ele gostaria de:: jogar no::
 L2 – **no dente-de-leite**
 L1 – **no dente-de-leite** ... mas o horário pra mim era ruim mas NO Palmeiras ele me fez inscrevê-lo
- [
- L2 – então cortou uma vocação ((risos))
- [
- L1 – não eu não cortei ...
 ele joga futebol de salão ... então eu expliquei direitinho que se realmente for bom vocação eu:: não impedirei de seguir ...
 mas só pra não dizer que a gente ...

L2 – certo/ **cerceou** ...
 [
 L1 – tolheu **cerceou** aquela:: aquela ambição [...]
 e:: ele segue os
 [
 L2 – ahnahn
 L1 – **salários dos**::
 [
 L2 – **jogadores**
 [
 L1 – **ele segue os salários dos jogadores** ... através da::
 revista Placar ... é uma revista::
 L2 – **especializada** em esporte
 [
 L1 – **especializada em esporte** ... [...] (D2 SP 360)

Com a pesquisa realizada, Marcuschi(2015) chegou à conclusão de que a repetição é mais frequente e sistemática nos planos funcionais da coesividade e da condução do tópico, enquanto que a argumentatividade e a interação têm um aparecimento mais variado.

Para lembrar...

Nesta seção, a repetição foi analisada à luz da Linguística Textual tanto na oralidade quanto na escrita. A seguir, apresentaremos um quadro que ilustra, sucintamente, essas duas análises:

Quadro 3: A repetição e a Linguística Textual

Estudiosos	Perspectiva de estudo
Nóbrega (2011)	Análise da repetição em textos escritos de alunos do 9º ano, observando a coesão textual em seis circunstâncias: (1) repetição literal contígua; (2) repetição com variação contígua; (3) repetição literal próxima; (4) repetição com variação próxima; (5) repetição literal distante; (6) repetição com variação distante
Marcuschi (2015)	Análise da repetição na oralidade, categorizando-a a partir de cinco parâmetros: (1) Coesividade: listagem, amálgamas sintáticos e enquadramento sintático-discursivo; (2) Compreensão: intensificação, rema→tema e esclarecimento; (3) Organização tópica: introdução do tópico, reintrodução do tópico, delimitação do tópico e condução e manutenção do tópico; (4) Argumentatividade: reafirmação de argumentos, contraste de argumentos e contestação de argumentos; (5) Interatividade: expressão de opinião pessoal, monitoramento de tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte e incorporação de sugestões.

Fonte: elaborado pela autora

Apesar de a repetição ser uma estratégia que, geralmente, é evitada na escrita, no estudo de Nóbrega (2011), foi revelado que essa estratégia é fundamental para a construção de sentido do texto, mas que o uso excessivo pode refletir na falta de conhecimento sobre o tema em pauta. Marcuschi (2015), por sua vez, ratificou a importância desse recurso na oralidade, pois este fornece coesão ao texto, auxiliando, assim, na interação entre interlocutores. Nesse sentido, percebemos que a repetição, diferentemente das estruturas redobradas ou das figuras de linguagem, não é, necessariamente, utilizada de maneira intencional para promover, muitas vezes, um efeito estilístico, mas, sim, é usada, na maior parte das vezes, de maneira expressiva para contribuir na construção do texto, seja ele falado ou escrito.

Após a realização dessas abordagens, a seguir, apresentaremos, de forma mais acurada, a repetição nos estudos funcionalistas, perspectiva adotada para a análise do nosso objeto de estudo.

2.5 A REPETIÇÃO EM ESTUDOS FUNCIONALISTAS

Nesta subseção, apresentaremos, primeiramente, uma pesquisa feita por Ramos (1983), depois outra pesquisa feita por Oliveira (1998), seguida do estudo de Defendi (2009) e, por fim, com o trabalho de Castilho (2014), estudos nos quais nos embasamos para a construção da nossa proposta de categorização.

No estudo funcional feito por Ramos (1983), a repetição foi analisada em 130 (cento e trinta) minutos de entrevista, sendo que foram examinados 15 (quinze) minutos de 06 (seis) entrevistas e 40 (quarenta) minutos de 01 (uma) entrevista, a partir da perspectiva do receptor. Com o objetivo de mostrar que a repetição desempenha um papel funcional no processo de interação discursiva, a linguista buscou descrever de que forma a repetição contribuiu para facilitar a compreensão do ouvinte e procurou investigar se com o recurso da repetição houve auxílio na tarefa do receptor de decodificar estratégias sintáticas ou se, por meio da redundância, foi propiciado a neutralização de deficiências decorrentes de limitações da memória ou das falhas de atenção. Para tanto, foram consideradas as hipóteses de que (i) a repetição assume uma função comunicativa que torna o enunciado acessível para o interlocutor e de que (ii) a repetição não estaria ligada a uma determinada língua, mas sim ao processo de interação linguística²⁶.

²⁶ Ramos (1983) ressalta que embora a entonação não seja o foco do seu trabalho, ela pode fornecer informações fundamentais para a compreensão das funções da repetição. Desse modo, foi necessário marcar a entonação para diferenciar algumas funções, como, por exemplo: hesitação e reforço; que serão apresentadas adiante.

Ramos (1983) entende por repetição “a ocorrência do mesmo conjunto de palavras, duas ou mais vezes, recebendo a mesma interpretação semântica” (RAMOS, 1983, p. 52). Partindo dessa definição, Ramos (1983) observou as ocorrências repetidas em oito funções, dividindo-as em dois grupos: (i) um grupo referente a repetições que contribuíram para facilitar a compreensão do ouvinte; e (ii) outro grupo referente a repetições que não contribuíram para facilitar a compreensão do ouvinte. No primeiro grupo, Ramos (1983) propôs ainda duas subclasses da repetição: (i) as repetições que atuam no nível da sentença, aquelas que “tornam as sequências mais acessíveis a estratégias sintáticas de processamento, isto é, repetições que contribuem para tornar contíguos²⁷ os constituintes das orações, assim como ordená-los” (RAMOS, 1983, p.62); e (ii) as repetições que atuam no nível do discurso, “aquelas que enfatizam elementos de conteúdo, e/ou delimitam as ‘unidades de assunto’²⁸” (RAMOS, 1983, p.62).

No entanto, embora adotemos, em nosso estudo, alguns aspectos funcionais postulados pela referida autora, a maneira como escolhemos para definir a repetição dialoga mais estreitamente com o conceito defendido por Marcuschi (2015) de que a repetição não é dizer o mesmo.

Posto isso, voltemos para as funções da repetição de cada grupo dividido por Ramos (1983). No grupo das repetições que contribuíram para facilitar a compreensão do ouvinte, foram identificadas 06 (seis) funções, sendo que as 04 (quatro) iniciais atuam no nível da sentença e as 02 (duas) últimas atuam no nível do discurso²⁹:

- 1) a Repetição **Reconstituidora I**, encontrada em 9,6% das ocorrências, tem o papel de reconstruir estruturas que haviam sido fragmentadas por alguma inserção:

elapor exemplo elaarrumou um namorado
(E 5 P 14)

²⁷Ramos (1983) retoma um estudo de Perini (1980) sobre a repetição. Nesse estudo, o linguista distingue as funções da repetição a partir do traço de contiguidade, concluindo que algumas repetições não-contíguas indicam dificuldades de processamento do texto, desse modo, ele argumenta que as repetições contíguas e não-contíguas não podem desempenhar as mesmas funções, atribuindo, então, somente duas funções para a repetição contígua: a ênfase e a hesitação. No entanto, Ramos (1983) não considera o traço de contiguidade suficiente para separar repetições que exercem as mesmas funções, já que encontrou, em sua análise, repetições não-contíguas e contíguas exercendo as mesmas funções.

²⁸Ramos (1983), em seu estudo sobre repetição, prefere denominar as unidades discursivas de unidades de assunto, pois propõe um paralelo entre o tópico frasal de parágrafos escritos e unidades discursivas (neste caso, unidades de assunto). Nas palavras da pesquisadora, a unidade de assunto é “um fragmento do discurso cuja sequência inicial compõe-se de duas ou mais orações, concentrando em si os fios que orientarão a narrativa” (RAMOS, 1983, p. 65).

²⁹ Os exemplos utilizados para ilustrar as 08 (oito) categorias funcionais da repetição (Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Reforço, Atualizadora de Cena, Síntese, Hesitação e Intensificadora) analisadas por Ramos (1983) foram apresentados pela própria autora, p. 67-70, grifo da autora.

- 2) aRepetição **Reconstituidora II**, encontrada em 10% das ocorrências,encarrega-se de preencher a localização original de um elemento que foi topicalizado:

bagunçanão tem jeito d'ocê fazer **bagunça**
lá no colégio (E 5 P 2)

- 3) aRepetição **Distribuidora**, a categoria com maior incidência, constatada em 30% das ocorrências,tem a função de apresentar o tópico da nova sequência e garantir a coesividade do discurso:

homem assim tem...muito mais chance//³⁰
depende da **aparência**/
aparência acho que leva muito em conta
(K 9 P 10)

- 4) aRepetição**Reforço**, constatada em 8,6% das ocorrências,desempenha o papel de enfatizar termos da sequência:

deve ser por causa da colonização européia lá//
deve ser (E 9 P 5)

- 5) aRepetição **Atualizadora de Cena**, também, encontrada em 8,6% das ocorrências, exerce a função de repor informações que ajudarão o ouvinte e o falante a reconstruir o tema central do discurso:

E: aqui na sua casa como é que que vocês ...
você e sua família comemoram as festas
natal/aniversário/batizado?
I: ó natal a gente sempre vai pra casa de uma
tia minha//
a gente faz um almoço/sabe?/
a gente nunca faz ceia não//
a gente vai pra casa da minha tia/
tem sempre almoço lá//
I: assim a família da mamãe/ sabe?/
e a família do papai a gente vai pra casa
da minha avô/ à tarde/ depois do almoço
a gente vai pra lá//
encontra todo mundo lá//
páscoa/ normal/ **sei lá**//
páscoa a gente não tem muito diferença não/

³⁰ Na transcrição das entrevistas, “as pausas em limites sintáticos foram marcadas com uma barra, quando a intonação [sic] era de vírgula, e com duas barras, quando era de final de sentença” (RAMOS, 1983, p. 56).

natal também a gente sempre vai na missa//
 nós nunca deixamos de ir na missa//
 aqui em casa é assim
 todo domingo a gente vai na missa/ sabe?//
 não é só católico de falar não//
 a gente vai mesmo//
 todo domingo a gente vai à missa//
páscoa/ sei lá/ sabe?/
 não tem uma comemoração assim pra páscoa não
 claro que a gente encontra/ né?/
 minha tia vem aqui/ a gente vai na casa dela/sabe?//
 mas não tem nada de certo igual tem no natal//

- 6) aRepetição **Síntese**, constatada em 9,45% das ocorrências,encarrega-se de enfatizar elementos e conteúdo e demarcar as unidades de assunto:

E: imagine uma situação que você morreria de medo
 de passar por ela//
 I: olha/**morreria do medo do ser assaltada**
na rua//
 demais da conta//
 uma pessoa virar assim
 ‘cê vê a quantidade do assalto que
 tem hoje por aí//
 vamos supor//
 principalmente de carro/
 assalto principalmente de carro//
 por exemplo ou tô parada e vem uma
 pessoa por trás do carro/
 assim numa rua/ de noite né/
 numa rua mais deserta assim/
 e então entra dentro do carro
 o manda tocar o carro//
 então**eu morro do medo disso//** sabe?/
 e mesmo assim assalto em rua//
 E: hum hum (...) (E 5 P 10)

A partir dessas funções postuladas por Ramos (1983), podemos estabelecer um diálogo com algumas funções abordadas por Marcuschi (2015), como, por exemplo, a função distribuidora corresponde à função esclarecimento; a função reforço equivale ao enquadramento sintático-discursivo e a função síntese está relacionada à delimitação do tópico.

No grupo das repetições que não contribuíram para facilitar a compreensão do ouvinte, foram identificadas 02 (duas) funções:

- 1) a Repetição de **Hesitação**, encontrada em 14,1% das ocorrências, propicia um tempo extra até o falante decidir como continuar:

e ela fica mais **com... com** a minha mãe/ meu pai

(E 9 P 10)

- 2) aRepetição **Intensificadora**, constatada em 1,2% das ocorrências,tem a função de intensificar características semânticas do elemento repetido:

uma menina **linda lindalinda** (E 7 P 10)

Por fim,Ramos (1983) concluiu que, apesar de essas categorias da repetição apresentadas, supostamente, terem responsabilidade pela aparência caótica do texto, elas ocorrem seguindo padrões funcionais e formais. Nesse sentido, a reestruturação não ocorre aleatoriamente, pois, na verdade, “é guiada por uma espécie de ‘mecanismo de facilitação que atua no nível sintático também, mas, principalmente, no nível textual” (RAMOS, 1983, p.126), proporcionando, assim,a verificação de contextos em que a repetição contribuiu na atividade do ouvinte.

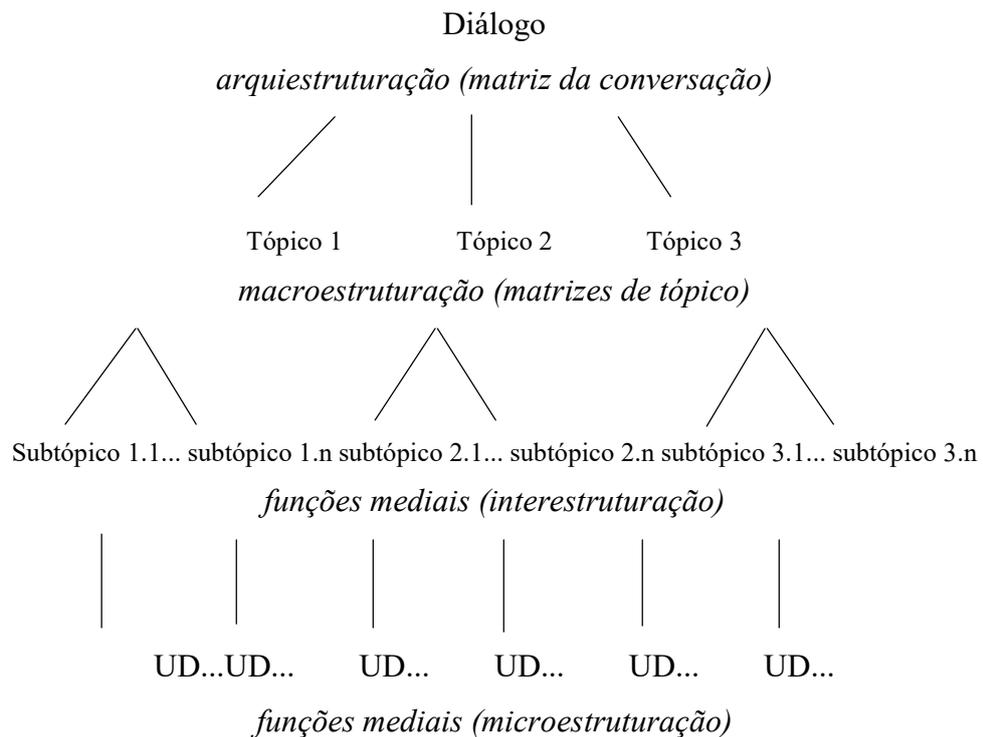
Já Oliveira (1998), tomando como base o Funcionalismo norte-americano e objetivando avançar na pesquisa da Análise da Conversação, propôs um estudo descritivo da repetição, analisando 02 (dois) diálogos temáticos³¹ e atribuindo a esse fenômeno linguístico categorias funcionais que atuam na organização hierárquica da construção de um diálogo como um todo. Além disso, a referida pesquisadora dedicou-se a mostrar como a repetição é um processo fortemente icônico e metafórico que influencia no processamento cognitivo do falante. Processo, a nosso ver, fundamental aos pressupostos da teoria funcionalista.

Oliveira (1998) argumentou, ainda, que a repetição é “a recorrência de um termo em determinada sequência de um diálogo temático” (OLIVEIRA, 1998, p. 12) e que esse recurso linguístico, também, apresenta-se como um mecanismo multidirecional, pois considerando que para cada forma da língua há um significado (uma função) e que significados diversos são representados por formatação diversa, a repetição é, ao mesmo tempo, anáfora formal, pela restauração de uma mesma forma, e catáfora conceptual, pela distinta função a cada nova manifestação. Essa concepção abordada por Oliveira (1998) aproxima-se do conceito de reescritura estudado na semântica do acontecimento e à noção de Marcuschi (2015) de que repetir não é dizer o mesmo. No entanto, distancia-se da concepção de Ramos (1983) de que repetir um item ocasiona a mesma interpretação semântica.

Partindo desses argumentos, então, Oliveira (1998) separou as categorias funcionais, chamadas de funções mediais, da repetição em dois conjuntos: (i) o da organização interna

³¹ As duas entrevistas, o inquérito 20 e o inquérito 219, utilizadas por Oliveira (1998) foram retiradas dos arquivos do Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Urbana Linguística Oral Culta – Projeto NURC – da cidade do Rio de Janeiro.

das unidades discursivas (UDs)³², chamado de microestruturação, e (ii) e o da estruturação dessas unidades discursivas internas entre si, denominado de interestruturação. É importante ressaltar que as funções mediais são uma espécie de pilares que auxiliam na edificação do texto falado, pois elas concorrem para a ordenação das funções sistematizadas em níveis discursivos superiores, como, por exemplo, o descritivo, o narrativo e o dissertativo/argumentativo. Assim, todo esse funcionamento das estruturas repetidas ajuda na construção de estágios ainda mais altos da conversação, a macroestruturação e a arquiestruturação. A primeira tem o papel de produzir e conduzir a significação do tópico discursivo e a segunda está voltada para a composição geral do diálogo temático, em sua totalidadediscursiva, permitindo-nos verificar a transposição tópica entre sequências repetidas e a transferência metafórica, conceito que será discutido na Seção 3, de uma matriz tópica do mundo exterior para a organização de todo diálogo temático. Verifiquemos um esquema³³, feito por Oliveira (1998), que ilustra os diversos níveis de processamento da repetição na conversação:



Esquema sobre os diversos níveis de processamento da repetição na conversação (OLIVEIRA, 1998, p.72)

³² Oliveira (1998) entende por unidade discursiva (UD) a composição de “elementos mínimos: orações (com verbo expresso) e/ou frases (com verbo elidido)” (OLIVEIRA, 1998, p.17). Além disso, a UD foi verificada a partir de dois princípios: o semântico e o entoacional. No primeiro, a unidade discursiva foi interpretada como constituidora de um núcleo significativo, formado de unidade(s) mínima(s) que se estruturara(m) em uma organização de nível superior, visando a produção de uma significação. Enquanto que, na entoação, a UD foi situada entre duas margens entoacionais, geralmente finalizada por pausa. A pesquisadora reconhece a relevância da observação de aspectos entoacionais, mas ressalta que esse não é o foco de seu estudo, por isso não utilizou critérios mais refinados para marcá-los no discurso.

³³ Oliveira (1998), p. 172.

Quanto às categorias funcionais da repetição postuladas por Oliveira (1998)³⁴, foram examinadas, no conjunto da microestruturação, 10 (dez) categorias³⁵:

- 1) **aparelização** é a função básica desse conjunto, pois se organiza mediante sequências que têm entre si valor semântico e/ou estrutura sintática semelhante. O falante reitera estruturas lexicais ou sintáticas com acentuado tom intensificador:

UD 987. H2³⁶
 ora...→
 a. era um **exame** gratuito ...
 b. não pagava nada ...
 c. um **exame** que dói coisa nenhuma ... ↓

- 2) **oreforço** é a função com maior incidência após a paralelização. Oliveira (1998) utiliza a mesma terminologia de Ramos (1983) e postula que essa categoria da repetição ocorre enfaticamente, em uma autorrepetição ou em uma heterorrepetição, quando a matriz é repetida, sem variação, tendo, assim, um destaque no discurso:

UD 849. H4
 acho →
 a. engraçado também o ... o ... o ... paranaense ...
 b. o modo de “eu-vou-de-bon-de” ...
 c. diz tudo **muito** silabado ... **muito ...muito**
 explicado ...↓

- 3) **ocontraste** ocorre quando a matriz é reconstruída por meio de uma articulação distintiva e/ou opositiva:

UD 12. H6
 bom ...
 mas
 a. tem uma situação muito bacaninha aí ...
 é que
 b. na viagem que você faz por diletantismo
 c. você está gastando **dinheiro** ...
 d. e na outra viagem você está ganhando **dinheiro** ... ↓

- 4) **odesdobramento** acontece quando a sequência do elemento repetido tem uma expansão do significado:

UD 384. H2

³⁴ Segundo Oliveira (1998), as funções mediais levantadas foram aquelas verdadeiramente produtivas, ou seja, que se apresentaram pertinentes do ponto de vista da frequência.

³⁵ Os exemplos utilizados para ilustrar as 18 (dezoito) categorias funcionais da repetição, tanto do conjunto da microestruturação quanto do conjunto da interestruturação, analisadas por Oliveira (1998) foram citados pela própria pesquisadora, p.46-70, grifo da autora.

³⁶ As unidades discursivas foram numeradas, com a referência inicial do inquirido e do locutor; os marcadores foram representados em posição central e as frases ou orações, numeradas alfabeticamente. “Também se registra o tipo de entoação finalizadora da UD, bem como os marcadores iniciais e finais: ascendente ↑, descendente ↓ ou continuativa →. Por várias ocasiões, a marcação continuativa representa interrupção do turno em andamento, devido a assalto do interlocutor” (OLIVEIRA, 1998, p.18).

- a. eu tenho um **muro** lá em casa – um **muro** enorme –
- b. esse **muro** era muito velho ...
- c. e um dia o **muro** caiu ...
compreende?
- d. – o **muro** que separa os fundos da casa ... ↓

- 5) **atemporalização** consiste na repetição de verbos que têm suas desinências alteradas em função das informações sobre o modo e o tempo que melhor expressam as necessidades do falante. Além disso, essa categoria tem um caráter polissêmico, visto que se encontra integrada a outras funcionalidades, como a paralelização, o reforço e o contraste:

- UD 812. H4
- a. eu **fui a Fortaleza por terra** ...
 - b. e::**foi** /
 - c. **era** uma África ... em quarenta e sete ...
 - d. **ir até Fortaleza por terra** ... →

- 6) **areparação** é uma característica bem peculiar da oralidade e ela consiste na retificação de um termo, sintagma nominal ou oracional. Geralmente, o reparo ocorre após “um truncamento ou ruptura da estrutura sintática (marcada por / na transcrição)” (OLIVEIRA, 1998, p. 51)

- UD 360. H2
- a. **quando ele fica** /
 - b. **quando ele** consegue já ...
 - c. fazer alguma coisa melhor
 - d. – já está um pouco mais prático – [...]]

- 7) **aenumeração** é caracterizada pela justaposição de um termo que é repetido a outro termo que, a rigor, está em uma mesma categoria morfológica, ainda que tenham valores semânticos distintos:

- UD 579. H2
- e realmente ... →
- a. o menino **desacatava** o professor ...
 - b. **desacatava** o inspetor ... ↓

- 8) a **reordenação** está relacionada aos procedimentos de reelaboração que opera no “sentido de recuperar ou reformular estruturas sintáticas que, durante a fala, sofreram interrupções pela inserção de comentários paralelos, marcadores discursivos e/ou circunstanciadores” (OLIVEIRA, 1998, p. 53):

- UD 22. H6
- a. **vou** ...
 - b. mês que vem
 - c. **vou** pra Copa do Mundo ... ↓

9) a **tematização** é um processo de desdobramento do tópico frasal:

UD 1006. H2

então ... ↑

a. é **obrigatório** ...

b. como ... como agora está no Congresso uma lei

c. tornando **obrigatório** o exame pré-nupcial ... ↓

10) a **confirmação** ocorre na repetição de termos ou expressões enunciados por um mesmo informante, nas modalidades pergunta-resposta, afirmação-pergunta ou pergunta-pergunta:

UD 162. H2

a. aqui na rua São Clemente ...

por exemplo ...

ali perto da ... daquele **posto de gasolina**

b. – sabe

c. onde é o po / aquele primeiro **posto de gasolina?** –

d. é um posto da Atlantic ...

não sei qual é ...

na esquina de ... Muniz Barreto ... ↓

Em algumas dessas funções microestruturadoras apresentadas por Oliveira (1998), também, percebemos uma relação com outras funções abordadas por Ramos (1983) e por Marcuschi (2015), como, por exemplo: a paralelização é semelhante ao aspecto funcional amálgamas sintáticos apresentado por Marcuschi (2015); o reforço tem características equivalentes à intensificação abordada tanto pelo referido linguista quanto por Ramos (1983); a função contraste corresponde ao contraste de argumentos postulado por Marcuschi (2015); o desdobramento está relacionado ao aspecto funcional introdução do tópico, também, apresentado pelo referido pesquisador; a enumeração corresponde à função listagem postulada por Marcuschi (2015); a tematização está relacionada à função desdobramento abordada por Ramos (1983); e a reordenação que equivale à reconstituidora I apresentada, também, pela referida pesquisadora.

Já no conjunto da interestruturação, foram examinadas 08 (oito) categorias:

1) a **amplificação** é uma das funções básicas da interestruturação, assemelhando-se à paralelização, e consistem em encadeamento de unidades discursivas compostas por elementos repetidos, com ou sem variação, justapostos e/ou alternados, proporcionando a progressão semântica de um termo:

Subtópico 3.7 importância da televisão

UD 367. H6

eh ... →

a. eu discordo um pouco do G. ... nesse negócio de/

b. dele não gostar de **televisão** ... ↓

UD 368. H6

evidentemente que ... →
 a. eu não estou comparando ... o ... o ... o esquema programa ...
 eu acho que
 b. a **televisão** veio
 c. encurtar pra burro a distância ... ↓
 UD 372. H6
 Então ...
 Você observa que
 a. eu sei de um negócio
 b. que está passando no Amazonas ... via **televisão** ... ↓

- 2) **oendosso**, semelhante à função microestruturadora confirmação, é, em geral, heteroexpressiva. Nessa categoria, há a confirmação de uma asserção presente em uma unidade discursiva anterior. Essa confirmação, para Oliveira (1998, p.60), é o sinal verde para a continuidade da elaboração em andamento:

Subtópico 1.6 amores de viagem
 UD 60. H6
 e o que aconteceu com a outra? ↑
 UD 61. H4
 bom ... →
 a. a outra ele tinha deixado no Brasil
 b. há algum tempo ((riso)) ↓
 UD 62. H6
ficou na geladeira? ↑
 UD 63. H4
 a. **ficou na geladeira** ...
 b. e ele até hoje está com a alemã ... →

- 3) **afocalização** é definida como um processo que, considerando o subtópico em desenvolvimento (geralmente coordenado por amplificação), apresenta, em duas ou três UD's, determinada informação referente ao segmento em questão:

Subtópico 1.37 casas pré-fabricadas
 UD 319. H2
 a. só tem um defeito ...
 b. que é muito calor
 não é?
 c. porque não tem forro ... →
 UD 320. H2
 então →
 a. pra fazer o³⁷ forro
 b. é separado ...
 c. não vem com forro ... →

- 4) **adistinção**, similar função da microestruturação contraste, indica oposição e/ou divergência entre a referência realizada inicialmente e uma realizada posteriormente com o propósito de recuperar o sentido de UD's geralmente contíguas:

³⁷ Os termos sublinhados expressam que não houve, necessariamente, uma variação formal, mas, sim, uma paráfrase ou repetição semântica.

Subtópico 2.11

uso de maconha – perigos

UD 532. M3

agora ... →a. há pessoas /

b. há médicos

c. que dizem

d. que a maconha não é/

e. **é menos nociva que o álcool** ... ↓

UD 533. H2

ah:: ↑que menos nociva que o álcool ... nada ... ↓

UD 534. M3

a. eu já vi ...

b. eu já vi ... sobre isso ...

c. que é menos nociva que o álcool ... ↓

- 5) **atualização** restitui uma informação no fluxo discursivo que se atualiza perante novos dados informacionais em estágio de processamento. Essa função diferencia-se “acentuadamente da focalização, já que entre a primeira referência e a repetição o processo atualizador cria um espaço a ser ocupado por um conjunto de outros informes” (OLIVEIRA, 1998, p. 64):

Subtópico 3.6 futebol no circuito fechado

UD 338. H6

e →

a. havia em **Los Angeles** – no **Fórum de Los Angeles** – o circuito fechado

...

b. como vai ter aqui no Bruni ... ↓

UD 339. H6

e que ... →

a. toda a colônia porto-riquenha ... mexicana e brasileira ... que se interessava pelo futebol ...

b. pagava seis dólares

c. para ir àquele troço

d. ver ... ↓

UD 340. H6

e →

eu fui ver ...

b. fui eu ... minha mulher ... todo mundo ... ↓

UD 341. H6

e →

a. era uma tela monstruosa de grande ...

b. muito maior do que no cinema ...

c. porque ...

eh::

o **Fórum** é tipo Maracanãzinho ... ↓

- 6) o **balizamento** é a realização de uma repetição em trecho final de subtópico, referindo-se a uma informação transmitida no início deste. Nesse sentido, os termos

repetidos funcionam como uma espécie de fronteira de subtópico, “indicando que ali se marca a elaboração de um determinado conjunto de informações, e preparam as condições de entrada de novos segmentos no fluxo discursivo” (OLIVEIRA, 1998, p. 66):

Subtópico 2.19 tempos antigos 11 – disciplina escolar
UD 698. H2
olha aqui ...
você quer ver ...
você quer ver ...
a. esse problema não era só na **família** ...
b. isso era no magistério também ... ↓
UD 715. H2
a. e na **família** com muito mais razão ...
b. se isso acontecia com estranhos ...
não é?
c. se havia essa ... essa ... essa dependência com estranhos ... ↓

- 7) **adifusão** tem uma tendência auto-expressiva, pois é, geralmente, articulada por duas unidades discursivas contíguas ou próximas, na qual “a informação recuperada passa por *refinamento*, que pode se manifestar sob a forma de reparo, especificação ou exemplificação” (OLIVEIRA, 1998, p. 67):

Subtópico 1.12 documentação por *slides*
UD 108. H6
a. eu comprei
b. há alguns anos atrás uma **Polaróide** ... ((ruído)) ↓
UD 109. H6
a. – **Polaróide** é aquela ((ruído))
b. que a gente bate a fotografia colorida
c. e Tira da máquina pronta ...
d. se ela não está boa
e. a gente rasga
f. e joga fora
g. e tira outra – ↓

- 8) por fim, a **reintrodução** é função que está relacionada “à retomada de um subtópico interrompido por trecho de transição ou que recebeu a inserção de outro subtópico” (OLIVEIRA, 1998, p. 69):

Subtópico 4.10 o português europeu 11 – o major Pereira
UD 629. H6
a. me arrumei ... ‘crau’ ...
b. me mandei lá pra baixo ...
c. e esqueci
d. que não tinha ido ao banheiro ...
né?
Naquela afobação
UD 630. H6
a. **fiquei esperando pelo ca::ra** ...

- b. aquele movimento de por::ta ...
 e tal ... ↓
 UD 645. H6
 a. saí do retreto ...
 b. **estou esperando o cara** lá de camisola azul ...
 não é? ↑

É fato que, em um diálogo temático, a repetição é mais recorrente nos turnos dos informantes mais participativos da interação, pois estes buscam defender suas ideias veemente, detendo a palavra por mais tempo. Isso confirma a marca interacional da repetição, enquanto recurso de criação, expansão e manutenção do significado. Nesse sentido, após a análise das categorias funcionais da repetição, Oliveira (1998) chegou à conclusão de que a repetição em diálogos é um procedimento icônico, já que a sua representação formal é articulada por uma função que pode estar presente em vários níveis: unidade discursiva, subtópico, esquema discursivo, tópico e a conversação de um modo geral. Além disso, a repetição é multifuncionalmente expressiva, e considerando a transferência metafórica de domínios, ela opera do geral para o mais específico, tendência que revela o contrário do que é defendido no realismo experiencialista de que o domínio metafórico se dá por meio da passagem de um domínio mais concreto para um mais abstrato. Por fim, afirmamos que os resultados obtidos na pesquisa de Oliveira (1998), além de serem aplicáveis à conversação, podem contribuir para investigações sobre a produção textual e ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Outro estudo de base funcional foi o de Defendi (2009) que, ao realizar sua pesquisa acerca da repetição, preferiu denominar tal recurso linguístico de **reduplicação**³⁸, pois a pesquisadora defende que o termo repetição tem um sentido mais abrangente, podendo ser relacionado ao domínio da estilística como uma estratégia que serve para enfatizar. Nessa perspectiva, Defendi (2009), com o objetivo de analisar a possibilidade de estabelecer um diálogo entre o processo de gramaticalização e a reduplicação no português culto de São Paulo, representado por uma amostra sincrônica da língua falada do século XX: seis inquéritos de diálogos entre dois informantes (D2) – NURC SP, fez um trabalho observando a reduplicação em morfemas (prefixo e preposição), de sílabas, palavras ou ideias expressadas em orações simples ou complexas. Para tanto, tomando como base o princípio da persistência da gramaticalização, um dos cinco princípios discutidos por Hopper (1991)³⁹, no qual a

³⁸ Segundo Defendi (2009), ainda que a motivação de sua pesquisa tenha sido os estudos de Castilho (2005) sobre o fenômeno redobro ou redobrimento, ela optou por chamar a repetição de reduplicação.

³⁹ Além da persistência, os outros princípios apresentados por Hopper (1991) são: (i) estratificação, que consiste nas diversas formas de uma mesma função; (ii) divergência, que remete às várias funções de formas etimologicamente iguais; (iii) especialização, que consiste no estreitamento de escolhas para se codificar

utilização sincrônica de um elemento linguístico revela traços e propriedades de usos anteriores, e o princípio do uniformitarismo, defendido na teoria sociolinguística, no qual fenômenos linguísticos rotineiros no passado ainda continuam ocorrendo no momento atual da língua, Defendi (2009) levanta as seguintes questões:

Seria a reduplicação uma necessidade estilística ou seria [...] um efeito de esquecimento histórico? Haveria uma explicação lógica para esses tipos de estruturas? Ou os casos de reduplicação no português culto falado seriam explicáveis pelo processo de gramaticalização? (DEFENDI, 2009, p. 124).

Para tais perguntas, a pesquisadora hipotetizou que as respostas seriam encontradas à luz da gramaticalização. Desse modo, dividiu o processo de reduplicação, buscando motivações icônicas, em quatro grupos, mediante critérios fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e, também, discursivos:

- 1) **Reduplicação por processamento fônico na palavra:** consiste na repetição de um “segmento fônico [...] que integre uma palavra compondo com essa e o item reduplicado um todo significativo não ultrapassando a complexidade estrutural de um vocábulo mórfico” (DEFENDI, 2009, p. 125). No *Corpus* avaliado por Defendi (2009), um dos exemplos encontrados foi a onomatopeia: “conforme o caminho que ele faz ele... passaria em cima de PRÉdio... tanto que houve aquela... **blábláblá** aí de:... desapropria ali o colégio [...]” (D2-343:417);
- 2) **Reduplicação por processamento sintático regencial:** são reduplicações “configuradas como exigências sintáticas de cunho regencial. Invariavelmente, o item a ser repetido apresentará o estatuto de prefixo-radical, sendo que o prefixo é repetido sob forma de preposição” (DEFENDI, 2009, p. 127). Algumas palavras que apresentam compatibilidade entre prefixo e preposição identificadas no *Corpus* avaliado foram: **coadunar com** (D2-62:393), **desenvolvimento de** (D2-62:159), **implantar em** (D2-255:583);
- 3) **Reduplicação por processamento sintático não-regencial:** são as “reduplicações de sentido, expressos por idéias semelhantes ou palavras repetidas” (DEFENDI, 2009, p. 129), utilizadas como um recurso de ênfase. Essa reduplicação foi observada por três subgrupos diferentes dessa reduplicação: (i) espelho formal, com ênfase comunicativa, ou seja, a repetição de elementos iguais, como, por exemplo: “eu acho que ele falava **tantotantotanto** e eu o admirava muito” (D2-360:1519); (ii) parcialmente espelhado, intensificado semanticamente, isto é, quando ocorre o acréscimo de algum termo à

algumas funções; e, por fim, (iv) decategorização, que remete à mudança de classe gramatical de um item linguístico.

expressão repetida: “é... ES/essas **esses progressos...** houve isso houve **muito progresso** (D2-333:379); e, por fim, (iii) não-espelhado, em relações semânticas sinonímicas, em outras palavras, e repetição de palavras diferentes, mas com conteúdo semântico igual: “então ligam **para a casa...** da pessoa **para a residência ...** normalmente a maioria das vezes fazem isso” (D2-360:1064);

- 4) **Reduplicação sintática de orações:** ocorre quando há a repetição em orações combinadas. Essa reduplicação, também, foi observada em cinco subgrupos: (i) especificação – integra “um conjunto de dados em que uma oração principal é seguida por outra(s) oração(ões) que respeita(m) à seguinte configuração” (DEFENDI, 2009, p. 134). No exemplo a seguir, a barras são utilizadas para discriminar o geral do mais específico: “eles ganham menos... //eles ganham:: um terço do que ganha um um eletrotécnico um engenheiro eletrotécnico (D2-62:994); (ii) correção/retificação – ocorre quando a oração repetida tem uma porção informativa, ligeiramente, diferente, sendo, assim, uma correção (na forma e no conteúdo) da anterior: “isso realmente **atrapalha um pouco... aliás eu diria queatra/atrapalha até bastante**” (D2-62:15); (iii) adendo – corresponde à cominação de duas ou mais orações, manifestando informações circunstanciais. No exemplo a seguir, as barras separam a primeira informação das outras: “quando a... começa a ficar muito ruim a coisa... // começa a haver uma gritaria geral e aí sim se torna uma atitude... mais forte né?” (D2-343:137). (iv) enumeração – diz respeito a uma lista de orações equivalentes, apresentando um paralelismo sintático: “tem uma filosofia na vida que ele vai... (i) quer atingir determinada meta (ii) quer pesquisar (iii) quer estudar isso ou aquilo” (D2-62:1555); e, finalmente, (v) reforço – a repetição pleonástica, “em que as porções informacionais não acrescentam realmente informações novas e sim, simplesmente parafraseiam a informação dada” (DEFENDI, 2009, p. 137), obtendo a seguinte configuração: x = y (ou, até mesmo = z). Vejamos um exemplo: “precisa praticar esporte precisa... **precisa é necessário é fun::/ é fundamental** o esporte né?” (D2-360:1345)⁴⁰.

Posto isso, Defendi (2009), pautando-se nos princípios da gramaticalização, chegou à conclusão de que (i) na reduplicação por processamento fônico, historicamente relacionada à onomatopeia, não há percurso de abstratização dos itens, nem constituição de itens mais gramaticais e nem traços de conexidade ou cristalização, por isso, nesse processo a reduplicação é realizada por uma expressividade sonora/fonológica e semântica; (ii) na

⁴⁰ Todos os exemplos apresentados nessa pesquisa foram citados por Defendi (2009), p. 125-137.

reduplicação por processamento sintático regencial, podemos verificar, efetivamente, a gramaticalização⁴¹ – princípio que será discutido mais adiante, na Seção 3 –, pois os prefixos/preposições passam por uma abstratização, a passagem de itens mais lexicais para itens mais gramaticais, que se inicia no latim, assim, diversas formas, em coocorrência, são utilizadas para demonstrar o mesmo significado até que ocorra a especialização de uma única forma possível em um contexto de uso (DEFENDI, 2009); (iii) tanto a reduplicação por processamento sintático não regencial quanto a reduplicação sintática de orações têm função discursivo-pragmática, logo, não foram analisados sob os princípios da gramaticalização propostos neste estudo; e (iii) ainda que nem todos os padrões de reduplicação puderam ser explicados à luz da gramaticalização, não impossibilitou o diálogo entre a gramaticalização e a reduplicação.

Para finalizar as nossas abordagens de estudos funcionalistas, apresentaremos a pesquisa de Castilho (2014), que foi voltada, mais precisamente, para a sintaticização, considerando que o falante produz estruturas sintáticas mediante repetições. Para explicarmos a repetição como geradora de sintagmas verbais e nominais abordada por Castilho (2014), trouxemos exemplos citados pelo próprio linguista⁴²:

Quadro 4: Exemplo de repetição de sintagmas nominais

<i>M</i>	<i>Química</i>	
<i>R1 professor</i>	<i>de Química</i>	<i>não tem</i>
<i>R2 não tem</i>	<i>Química</i>	
<i>R3</i>	<i>de Química</i>	<i>não tem professor</i>
<i>R4 o cara que gosta</i>	<i>de Química</i>	
<i>R5 fazer o curso</i>	<i>de Química</i>	
<i>R6 o cara quando quer fazer</i>	<i>Química</i>	
<i>R7 eles já trabalham</i>	<i>em Química</i>	<i>nê?</i>
<i>R8 já fizeram curso no OSI lá</i>	<i>de Química</i>	<i>não sei</i>
<i>R9 acho que é na OSI que faz curso</i>	<i>de Química</i>	<i>sei lá</i>

Fonte: LPVII 1996, exemplo recolhido pela aluna Andréa Mendes, citado em Castilho, 2014, p. 160

Nos exemplos expostos no quadro 4, Castilho (2014) analisou o termo matriz (M) como uma construção de tópico que logo depois passou a exercer funções de adjunto *de professor* em R1, “argumento único do verbo *ter* em R2, complemento oblíquo de *gostar* em R4, e assim por diante.” (CASTILHO, 2014, p. 161). Sobre a repetição e a constituição de

⁴¹ Conforme Neves (1997), o termo gramaticalização foi postulado pelo pesquisador Meillet no século XX.

⁴² Castilho (2014) fez seu estudo analisando uma entrevista transcrita com alunos de Letras da Universidade de São Paulo. O documento foi gravado em 1996 por C. Sawada, C.C. Borella, K.G. de Toledo, M.de Araújo e S.D.Paião.

sintagmas nominais, o linguista, examinando os seus dados, constatou tendências morfossintáticas que, segundo ele, foram antes reconhecidas por Bessa Neto (1991):

(1) os itens lexicais repetidos ocorrem sempre em posição pós-verbal; (2) o verbo a que se seguem é predominantemente transitivo; (3) pertencem predominantemente à classe dos substantivos; (4) desempenham predominantemente a função sintática de objeto; (5) recobrem predominantemente num conjunto que abriga mais de duas orações. (BESSA NETO, 1991, p.126 apud CASTILHO, 2014, p.159)

Castilho (2014) chegou à conclusão de que essas tendências revelam uma motivação funcional interessante, porque evidenciam a importância do rema precisamente dito no interior da sentença.

Agora, vejamos ocorrências que representam a repetição ea constituição de sintagmas verbais:

Quadro 5: Exemplo de repetição de sintagmas verbais

	<i>A fazenda</i>	<i>era</i>	
<i>M</i>		<i>tinha</i>	
<i>R</i>		<i>teria</i>	<i>duas partes</i>

Fonte: DID SP 18:30, exemplo citado por Castilho, 2014, p.161

A partir dessa ocorrência, Castilho (2014) hipotetizou que, ao realizar as repetições alteradoras⁴³ do verbo *ter*, primeiramente, utilizando a conjugação *tinha* (M) e depois *teria* (R), o falante escolhe uma sequência que vai do modo real para o modo eventual e irreal. Essa hipótese dialoga com a figura de estilo abordada por Campos (1965), poliptóton, que é a repetição da mesma palavra em diversos tempos, graus etc. e, também, dialoga com a constatação de Oliveira (1998) de que a repetição é um processo metafórico que opera do geral para o mais específico.

Além disso, a repetição de verbos pode gerar nominalizações:

Quadro 6: Exemplo de nominalização

<i>M1</i>	<i>Chega</i>	<i>imigrante</i>
<i>R1</i>	<i>Chega</i>	<i>imigrante</i>
<i>R2</i>	<i>Chega</i>	<i>imigrante</i>
<i>M2 e</i>	<i>Cresce</i>	
<i>R1 e</i>	<i>Cresce</i>	
<i>R2 e</i>	<i>Cresce</i>	
<i>M3 e ao mesmo tempo houve</i>	<i>o crescimento</i>	<i>das vias de circulação</i>
<i>R1 dentro da cidade não acompanha</i>	<i>esse crescimento</i>	<i>da população</i>

Fonte: D2 SP 343:454-458, exemplo citado por Castilho, 2014, p.161.

⁴³ Castilho (2014) considera repetições idênticas, aquelas que não variam da matriz (M), e repetições alteradoras, aquelas que variam da matriz.

Nos exemplos expostos no quadro 6, segundo Castilho (2014), quando o verbo repetido se nominaliza, de *crece* para *crescimento*, o procedimento de construção sentencial é modificado. Desse modo, “[...] de um esquema verbal estruturado por *crece* nos movimentamos para um esquema nominal estruturado por *crescimento*”. (CASTILHO, 2014, p. 162). Exemplos, a rigor, muito comuns tanto na modalidade oral como escrita.

Nas próximas amostras dos quadros 7, 8 e 9, ocorreram, na construção de perífrases, respectivamente, os seguintes processos: o verbo pleno tornou-se auxiliar (*pode* > *pode ter*); o verbo auxiliar converteu-se em pleno (*ia fazer* > *ia*); e, por último, o verbo pleno tornou-se auxiliado (*se repete* > *acaba se repetindo*):

Quadro 7: Exemplo de repetição de perífrase 01

<i>M como é que</i>	<i>pode</i>		
<i>R como é que</i>	<i>pode</i>	<i>ter</i>	
		<i>ter tido</i>	<i>idades</i>

Fonte: Exemplo citado por Castilho, 2014, p.161.

Quadro 8: Exemplo de repetição de perífrase 02

<i>M ia fazer</i>	<i>uma pesquisa de arquivo</i>	
<i>R ia</i>	<i>até o arquivo</i>	

Fonte: Exemplo citado por Castilho, 2014, p.161.

Quadro 9: Exemplo de repetição de perífrase 03

<i>M esse negócio</i>	<i>se repete</i>	
<i>R ou</i>	<i>acaba se repetindo</i>	<i>em qualquer cidade</i>

Fonte: Exemplo citado por Castilho, 2014, p.161.

Diante desses processos, “à semelhança da constituição de sentenças, encontramos igualmente aqui a ‘procura’, por assim dizer, de uma classe por outra, que se recategoriza e dá origem às estruturas gramaticais” (CASTILHO, 2014, p. 162). Fenômeno descrito pelos funcionalistas como gramaticalização, o qual será abordado na Seção 3.

Por fim, Castilho (2014) obteve os seguintes resultados: sintagmas nominais: 6%; sintagmas adjetivais: 10%; sintagmas preposicionais e sintagmas adverbiais: 12%; sintagmas verbais: 13%.

Para lembrar...

Nesta seção, todos os estudiosos apresentados fizeram uma pesquisa analisando a repetição no texto falado com base no Funcionalismo. Para lembrarmos as diversas perspectivas adotadas, vejamos o quadro a seguir:

Quadro 10: A repetição em estudos funcionalistas

Estudiosos	Perspectiva de estudo
Ramos (1983)	Análise da repetição na oralidade, categorizando-a a partir da compreensão do ouvinte: (1) Repetições que auxiliam a compreensão do ouvinte: Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Reforço, Atualizadora de Cena e Síntese; (2) Repetições que não auxiliam na compreensão do ouvinte: hesitação e intensificadora.
Oliveira (1998)	Análise da repetição na oralidade, observando as categorias funcionais que atuam na organização hierárquica da construção de um diálogo temático como um todo. Assim, as categorias foram divididas em dois grupos: (1) Microestruturação: paralelização; reforço; contraste; desdobramento; temporalização; reparação; enumeração; reordenação; tematização e confirmação;(2) Interestruturação: amplificação; endosso; focalização; distinção; atualização; balizamentos; difusão e reintrodução.
Defendi (2009)	A repetição, chamada de reduplicação, é estudada na oralidade e categorizada em quatro grupos mediante critérios morfo-sintáticos: (1) Reduplicação por processamento fônico da palavra; (2) Reduplicação por processamento sintático regencial; (3) Reduplicação por processamento sintático não-regencial e (4) Reduplicação sintática de orações.
Castilho (2014)	Análise sintática da repetição na oralidade, observando a repetição como geradora de sintagmas verbais e nominais.

Fonte: elaborado pela autora

A partir desses trabalhos de Ramos (1983), Oliveira (1998), Defendi (2009) e Castilho (2014), pudemos verificar a natureza multifuncional da repetição, um recurso linguístico e, a partir da análise dos nossos dados, também, cognitivo, que, além de ser altamente produtivo na oralidade, contribui para a compreensão entre interlocutores. E, também, assim como na Linguística Textual, nos estudos funcionalistas, os falantes utilizam a repetição em busca de uma maior expressividade, sendo assim, um recurso necessário para a construção e desenvolvimento do texto falado.

Palavras Finais

Em resumo, apesar de esses olhares para a repetição serem diferenciados, eles se encontram de alguma maneira, na medida em que, nas pesquisas, são retomadas perspectivas de outros estudos e, assim, estabelecidos diversos diálogos ainda que sem as intenções dos autores. Por exemplo, pudemos perceber que Defendi (2009) e Castilho (2013) apresentam alguns conceitos semelhantes de redobrimento, embora Defendi (2009) utilize o termo

reduplicação; Oliveira (1998) e Marcuschi (2015) consideram a repetição como um recurso linguístico que compõe a organização do tópico discursivo; além disso, percebemos que as funções da repetição podem ter influência das figuras de linguagem, como no caso da figura enumeração que compartilha uma ideia com as funções de mesmo nome abordadas por Oliveira (1998) e Defendi (2009) e com a função listagem, reconhecida por Marcuschi (2015); há, também, a figura epizeuxe que tem noções parecidas com as funções: intensificação, apresentada por Marcuschi (2015), a intensificadora, apresentada por Ramos (1983); e com a função reforço, abordada por Oliveira (1998).

No entanto, percebemos, também, algumas divergências, como, por exemplo: as funções denominadas de reforço apresentadas por Ramos (1983), Oliveira (1998) e Defendi (2009) não têm exatamente a mesma ideia, cada uma tem a sua peculiaridade. Assim, em Ramos (1983), o enfoque é reforçar algum item da sentença, não, necessariamente, contíguos; já em Oliveira (1998), o foco está em enfatizar o conteúdo semântico por meio da retomada sem variação de um elemento e, geralmente, ocorre de maneira contígua; por fim, em Defendi (2009), a função reforço é definida como um recurso pleonástico em que a retomada de uma informação por meio de uma paráfrase não apresenta um novo dado.

É partindo desses olhares que tentamos, neste trabalho, encontrar semelhanças nas diferenças, construindo um caminho que nos leve às respostas dos nossos questionamentos e à fundamentação dos nossos dados. Adotando uma perspectiva funcional, estudamos a repetição na oralidade, principalmente com base nas pesquisas de Ramos (1983), Oliveira (1998), Castilho (2014) e Marcuschi (2015). Retiramos ocorrências de estruturas repetidas, que atuam no nível da sentença (microestruturação), no *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC), categorizando-as mediante as seguintes funções: Contraste, Intensificadora, Reconstituidora I, Reconstituidora II, Reforço Temporalização e, por fim, Distribuidora, sendo que dentro dessa função, abordaremos mais quatro aspectos funcionais, o Desdobramento, a Enumeração, a Paralelização e a Reparação.

3 ALICERCE COGNITIVO FUNCIONAL: A REPETIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO

Palavras Iniciais

Na seção anterior, apresentamos diversos trabalhos acerca da repetição e vimos que, em cada um deles, era abordada uma perspectiva específica. Diferentemente de Ramos (1983), não consideramos que a repetição seja apenas a recorrência formal de um termo com a mesma interpretação semântica. Nesta pesquisa, buscamos um diálogo com os conceitos de repetição defendidos por Oliveira (1998) e Marcuschi (2015), uma vez que analisamos tal fenômeno na oralidade.

Oliveira (1998) advoga que, na oralidade, a repetição é um mecanismo que auxilia na interação, de modo que o falante, ao retomar um termo anteriormente citado, “faz avançar a significação inicial, concorrendo para a dinâmica da significação e da formalização na conversação temática” (OLIVEIRA, 1998, p. 12). Isto é, cada item repetido, independente da alteração de sua forma, é uma nova ocorrência que ajuda no desenvolvimento do diálogo. Assim, a repetição é uma ferramenta multidirecional, já que exerce duplo papel: é anáfora, enquanto recorrência da mesma forma, e catáfora conceptual, enquanto renovação de significados. Esse conceito de repetição dialoga com a definição postulada por Marcuschi (2015), pois, para ele, a repetição é a realização de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, no plano de um mesmo evento comunicativo, destacando que repetir não é dizer o mesmo, porque há diferença entre repetir a mesma forma e o mesmo conteúdo.

Na oralidade, o discurso é construído de maneira dinâmica por interlocutores que, em busca de uma maior expressividade e motivados por pressões de natureza pragmática e cognitiva, utilizam recursos de um texto relativamente planejado. Essa dinamicidade é desenvolvida mediante uma troca de turnos, sendo que um turno, de alguma maneira, é produzido fazendo referência ao anterior, estabelecendo, então, uma relação colaborativa entre os interlocutores (JUBRAN, 2015).

Desse modo, a repetição, em nosso estudo, não é apenas uma característica da língua falada, mas, sim, uma estratégia com função cognitivo-interacional, multidirecional (anáfora e catáfora conceptual) e multifuncional, pois contribui para a condução e manutenção do tópico discursivo⁴⁴, favorecendo a coesão e a coerência textual.

⁴⁴Segundo Jubran (2015), o tópico discursivo se sucede a partir de um processo de cooperação entre os interlocutores, sendo sujeito a diversos fatores contextuais, como a situação comunicativa, a familiaridade entre os interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, a visão de mundo e o *background* de cada um.

Partindo desses pressupostos, estudamos a repetição no texto oral à luz do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva. Para tanto, nesta seção, primeiramente abordamos sobre (i) a relação entre a forma e a função no diálogo *Crátilo* de Platão; (ii) seguida de uma sucinta abordagem acerca do conceito de função; (iii) posteriormente, apresentamos o Funcionalismo e os seus princípios, iconicidade e marcação expressiva; e, por fim, (iv) retratamos alguns pressupostos da Linguística Cognitiva, demonstrando como a repetição é um processo metafórico e metonímico.

3.1 A BATALHA ENTRE OS CONVENCIONALISTAS E OS NATURALISTAS

“-Claro que eles atendem pelo nome, não é? [...]

-Nunca soube que o fizessem.

-De que serve terem nomes, disse o Mosquito, se não atendem por eles?

-Não serve de nada para **eles**, disse Alice, mas é útil para as pessoas que lhes dão nomes, suponho.

Senão, para que afinal as coisas têm nome?”

(CARROLL, Lewis, 2009, p.195)

Desde muito tempo, estudiosos mergulham no mundo da linguagem, investigando não só a sua estrutura, mas, também, a sua relação com o mundo e com o funcionamento da mente humana.

No diálogo *Crátilo* de Platão, já podíamos encontrar questionamentos acerca da linguagem. Esse diálogo é formado por três personagens: Crátilo, Hermógenes e Sócrates, sendo que cada um deles tem um julgamento sobre a relação que há entre o nome, a ideia e a coisa. Crátilo alega que os nomes refletem a natureza das coisas, enquanto Hermógenes argumenta que os nomes são resultados de uma convenção e Sócrates, por sua vez, tentará propor um equilíbrio entre esses dois julgamentos.

Para Platão, falar é expressar as coisas, diferenciando-as e atribuindo nomes a elas. Por conseguinte, nomear se transforma na ação de falar e essa ação precisa ser praticada de acordo com a exigência de sua natureza e com os meios adequados. Sócrates, por sua vez, exemplifica tal pensamento com a ação de tecer que ocorre por meio de uma lançadeira, um instrumento de que se serve o tecelão. Já o homem se serve do nome para nomear. Ora, se a lançadeira é obra do marceneiro, do mesmo modo o nome, adequado a cada objeto, é a obra do legislador (um criador de nomes). O nome aplicado pelo legislador não é imposto diretamente à coisa, mas, sim, por meio de um intermediário: a forma ou a matriz ideal da coisa.

Em uma abordagem sobre *Crátilo*, Kristeva (1969) afirma que a linguagem tem uma função didática, visto que é um instrumento de conhecimento, logo, o nome em si representa

o conhecimento da coisa: “quem conhecer os nomes conhece também as coisas” (CRÁTILLO, p. 137). A relação entre o nome e a coisa revela uma semelhança ou, até mesmo, uma imitação. Portanto, o nome parece se apropriar de uma determinada exatidão natural que não cabe a todo indivíduo saber adaptá-lo corretamente a qualquer objeto.

Em resumo, Platão, em *Crátilo*, segundo Kristeva (1969), une as duas concepções, a convencional e a natural, acerca do caráter da linguagem. O filósofo postula que a linguagem é uma criação humana, revelando, assim, o seu caráter convencional, e, ao mesmo tempo, ela tem origem da essência das coisas que representa, demonstrando o seu caráter natural. Desse modo, a linguagem se converte em algo obrigatório, isto é, uma lei para a sociedade.⁴⁵

Essa discussão sobre o convencionalismo e o naturalismo nos leva a identificar dois princípios que versam sobre o assunto: a arbitrariedade e a iconicidade.

O princípio de arbitrariedade, baseado nos postulados de Saussure (2006 [1916]), refere-se à convenção: o signo linguístico é uma unidade constituída por dois elementos de natureza psíquica, o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). A imagem acústica não é um som material, ela, na verdade, é uma representação psíquica desse som, tonando-se algo de caráter sensorial. Para o referido linguista, o referente não faz parte da formação do signo linguístico⁴⁶, pois a relação entre o som da palavra e a coisa a qual ela se designa é imotivada⁴⁷. Em razão de percebermos a língua como um produto, uma herança de épocas anteriores, Saussure (2006 [1916]) optou por retirar o referente do signo, em uma tentativa de apagar historicamente o acordo de nomeação e, por fazer um recorte no tempo, estudando o signo à luz da sincronia, pois esta não é imperativa e proporciona uma regularidade na língua.⁴⁸

O princípio da iconicidade diz respeito à proposta naturalista: há uma “motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os

⁴⁵ De acordo com Camara Jr (1986), Aristóteles acredita que a linguagem é formada por uma convenção ou decisão entre os homens, no entanto, distingue a linguagem do seu conteúdo, sendo que a linguagem é um produto da convenção e o conteúdo tem uma relação de compatibilidade com as coisas.

⁴⁶ Conforme Sousa (2008), os estoicos postulam uma tripartição para conceituar o signo linguístico. Resgatando tal concepção dos estoicos, Richards e Ogden (1923) apud Sousa (2008), sugerem a adição de outro elemento ao signo linguístico: o referente ou a coisa referida. Com essa adição, o signo passa a ser representado com os seguintes elementos: símbolo (significante); pensamento ou referência (significado) e referente ou coisa referida (objeto). No Funcionalismo, teoria que será apresentada, aqui, posteriormente, a função analisada dentro de uma situação comunicativa, de certa maneira, resgata o referente ou a coisa referida.

⁴⁷ Saussure (2006 [1916]) ressalva que ainda que as onomatopeias sejam uma objeção ao princípio arbitrariedade, elas não são elementos orgânicos de um sistema linguístico, além disso, elas têm um número bem menor do que se crê. E as exclamações, outro exemplo contra a arbitrariedade, não ameaçam tal princípio, pois elas variam de uma língua para outra.

⁴⁸ Para Saussure (2002), a língua é histórica no sentido que “ela é um objeto de análise histórica e não abstrata, que ela só se compõe de fatos e não de leis que tudo o que parece *orgânico* na linguagem é, na realidade, *contingente* e completamente *acidental*” (SAUSSURE, 2002, p. 131).

elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos” (WILSON; MARTELOTTA; 2008, p.72). Em outras palavras, para a teoria funcionalista, a relação entre forma e função é motivada – abordaremos mais detalhadamente sobre este princípio adiante.

Ancorados nos estudos funcionalistas, com base cognitiva, na análise da repetição na oralidade, enquanto um processo iconicamente motivado, apresentaremos, na próxima subseção, a ideia de função adotada para este trabalho.

3.1.1A escolha do conceito de função

O termo função carrega vários significados, por isso, muitas vezes, a sua definição pode ser considerada como algo de grande complexidade. A nosso ver, uma discussão preliminar a esse respeito é fundamental para iniciarmos o tema Funcionalismo. Assim, buscando delinear um conceito de função que melhor se adeque para a nossa pesquisa, trouxemos algumas contribuições relevantes e as apresentamos seguindo uma ordem cronológica.

Começemos por uma visão estruturalista com Martinet (1994, p.11-12) que apresenta algumas definições: (1) o valor de papel ou de utilidade de um objeto ou de um comportamento, adotado pela Sociedade Internacional de Linguística Funcional – SILF; (2) o valor de papel de uma palavra em uma oração, utilizado pela tradição gramatical; (3) o valor matemático de grandeza dependente de uma ou diversas variáveis um conceito perigoso quando adotado pela linguística. Ainda segundo o referido teórico, fundador da SILF, a expressão funcional deve ser entendida pelos linguistas “em referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de suas experiências uns aos outros” (MARTINET, 1994, p.13). Em outras palavras, o modo pelo qual o mundo é percebido pelo homem depende diretamente de processos que o levam a comunicar ao outro, por meio de um acordo, a sua experiência, sendo esta, por sua vez, tudo aquilo que o homem sente, percebe e compreende a todo instante de sua vida.

Para Halliday (1994), diante de uma perspectiva funcionalista, o termo função corresponde ao papel que a linguagem exerce na vida do homem, auxiliando em variadas exigências universais. Embora o linguista associe função a questões sociais, ele não considera somente essa teoria extrínseca de função, mas, também, discute uma teoria intrínseca, e argumenta que a pluralidade funcional atua na estrutura linguística tanto no nível semântico quanto no nível sintático. Nesse sentido, Halliday (1994) cria uma proposição de funções, ou melhor, “metafunções” da linguagem, todas fundamentadas em uma relação cognitiva: (i) a

função ideacional, que consiste no uso da linguagem como expressão do conteúdo, relacionada ao significado cognitivo. É a partir dessa noção que os interlocutores organizam e inserem na língua a sua experiência, ou seja, a maneira como interpretam o mundo real; (ii) a função interpessoal, que está ligada ao modo como o falante utiliza a linguagem em uma situação comunicativa; e, finalmente, (iii) a função textual, que é uma espécie de instrumento da combinação das duas funções citadas anteriormente, já que o texto produzido pelos interlocutores proporciona a contextualização de unidades linguísticas que vão além das relações sintáticas. Segundo Neves (1996), nessas funções postuladas por Halliday (1994), podemos refletir sobre duas noções básicas: (i) o texto é a estrutura de maior funcionamento da língua que produz significados em seu interior e (ii) os elementos têm caráter multifuncional e operam nos planos do sintagma, da sentença e do texto.

Martelotta e Areas (2003), ao abordarem a noção de função, optam por mencionar o conceito de função postulado por Nichols (1984 apud MARTELOTTA; AREAS, 2003). Para esse estudioso, o termo tem um valor polissêmico, porém todos os seus significados se relacionam tanto na dependência entre elementos estruturais e elementos que podem ser ou não estruturais quanto no papel exercido por um elemento estrutural em uma situação comunicativa. Então, partindo desse pressuposto, segundo Martelotta e Areas (2003), no Círculo Linguístico de Praga⁴⁹, foi adotada uma teoria teleológica de função, pois, para os linguistas de Praga, a língua é um sistema funcional usada para um fim específico.

Investigando mais sobre a teoria de função proposta por Nichols (1984 apud NEVES, 1997), encontramos cinco variantes de função correspondentes a cinco elementos da gramática, apresentadas por esse teórico: (1) função/interdependência; (2) função/propósito; (3) função/relação; (4) função/contexto e (5) função/significado. Considerando as três últimas variantes de função citadas e os estudos de Oliveira (1998), elegemos, para a nossa pesquisa, a **função/contexto**, que atua na taxonomia funcional das repetições microestruturadoras e na construção das unidades discursivas, e a **função/significado**, juntamente com a **função/relação**, as quais operam na repetição enquanto processos metafórico e metonímico.

Não julgamos excludentes essa pluralidade de concepções acerca do termo função, visto que, em nossa análise, a repetição, à luz de uma perspectiva funcional, é observada diante de um processo comunicativo, considerando tanto os interlocutores e a expressão de suas experiências pela linguagem quanto a dinamicidade do contexto.

⁴⁹ É o nome que se dá ao grupo de linguistas que começou a atuar antes de 1930, para os quais, considerando uma visão funcional, “a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística. As frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio contexto linguístico.” (NEVES, 1997, p.17)

Realizada essa discussão preliminar sobre função, na subseção seguinte, abordaremos como os fenômenos linguísticos são tratados no Funcionalismo e como a Cognição influencia no estudo desses fenômenos.

3.1.2 O encontro entre o funcionalismo e a cognição

O Estruturalismo⁵⁰ não foi um movimento unificado, foram desenvolvidas tendências tanto no polo formalista, no qual os estudos linguísticos eram voltados para a análise da forma, quanto no polo funcionalista, no qual os pesquisadores analisavam a função que determinada forma exercia. Nesta subseção, para fundamentarmos o nosso trabalho sobre a repetição, abordaremos o Funcionalismo norte-americano, que surgiu sob influência de etnolinguistas, como Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, com base cognitiva.

Na Linguística Funcional, a linguagem é entendida como um mecanismo de interação social. Nesse contexto, segundo Neves (2012), são pressupostos primordiais para uma abordagem funcional da língua:

- 1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987), e, portanto, tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.
- 2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995), imune a uma relação com fatores externos de ativação: embora o sistema linguístico exiba um grau de arbitrariedade, ele se ativa motivado por fatores externos (e de mais de um tipo).
- 3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (Halliday, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações (NEVES, 2012, p.51).

Diante disso, em um estudo de natureza funcionalista, há a investigação da motivação para os fatos da língua, considerando o falante em situações reais de uso e, também, do conjunto de processos históricos. Ao estudar a língua, os funcionalistas podem orientar-se por meio da noção pancrônica de mudança, pois são observadas as relações cognitivas e comunicativas que se desenvolvem no indivíduo em um determinado contexto e que se manifestam de maneira universal, visto que refletem nas potencialidades e restrições da mente humana para armazenar e transmitir mensagens (MARTELOTTA; AREAS, 2003). Esse interesse funcionalista pela motivação do falante em usar uma forma para exercer

⁵⁰ Tendência que se desenvolveu a partir da publicação do Curso de Linguística Geral (*Cours de Linguistique Générale*) de Ferdinand Saussure, em 1916, tendo grande aparição no Círculo Linguístico de Praga (cf. MARTELOTTA; AREAS, 2003, p.17)

determinada função, dependendo da situação comunicativa, incide em um dos princípios fundamentais para o Funcionalismo, o da iconicidade, que será abordado na próxima subseção.

Tendo em vista a dinamicidade da estrutura linguística, que está sujeita a pressões advindas de diferentes situações pragmático-discursivas e que ajudam a compor a estrutura gramatical, para o Funcionalismo, conforme Cunha (2015), o discurso gera o sistema linguístico e, este, por sua vez, é maleável e está em constante transformação. Assim, a gramática é construída na situação comunicativa, o que Hopper (1998) denominou de “gramática emergente”.

Seguindo essa concepção, na visão funcionalista, juntamente, com postulados da Linguística Cognitiva que adotamos para o estudo da repetição, “a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante” (CROFT, 1990, p.164). Segundo Neves (1997), na motivação cognitiva, não a limitando a uma representação conceptual, mas estendendo-a a toda gramática, há uma relação icônica entre a gramática e a base conceptual. Assim sendo, para Lakoff (1987), a gramática é uma categoria radial de construções gramaticais, pela qual cria uma relação de correspondência entre o modelo cognitivo e as propriedades da forma linguística.

A escolha pela teoria funcionalista com base cognitiva deve-se, entre outras razões, ao fato de lidarmos com o conceito de gramática emergente, considerando-a como um sistema maleável, construído a partir das situações comunicativas e das experiências do falante. Diante desse contexto, o processo de repetição é constituído por um conjunto de mecanismos regularizadores da experiência humana que, cognitivamente, interfere no processo de interação. Esta, por sua vez, “se funda e organiza por intermédio da centração e da organicidade do significado, efetuadas [...] pela atuação funcional da repetição”. (OLIVEIRA, 1998, p.36).

Nas subseções seguintes, retrataremos os princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação expressiva, evidenciando os agentes influenciadores no estudo da repetição na oralidade.

3.1.3 A motivação entre a forma e a função

De acordo com Haiman (1980), as palavras são iconicamente motivadas, pois são estruturadas seguindo determinada ordem, revelando a linearidade do signo linguístico. Dando continuidade a esses estudos, Givón (2001) afirma que a abordagem funcional é fundada a partir da noção de que a gramática é adaptavelmente motivada, resultando, então, no princípio de não arbitrariedade. Contudo, o teórico ressalta que a iconicidade⁵¹ não compreende todas as funções da língua motivadas pelo discurso, porque grande parte delas é explicada pelo princípio de arbitrariedade:

A iconicidade da linguagem não é absoluta, mas antes uma questão de grau. Na maior parte das construções gramaticais, recursos (ou princípios) mais icônicos são mesclados com recursos (ou regras) simbólicos convencionais mais arbitrários (GIVÓN, 2001, p.34)

A motivação, segundo Wilson e Martelotta (2015), está presente em diversos níveis: (i) no fonético, que podemos observar nas onomatopeias, como em “cocorocó”; (ii) no morfológico, que podemos encontrar nos processos de formação de palavras, como em livro/livreiro/livraria; (iii) no sintático, que podemos constatar na ordem em que o falante organiza uma frase a partir de sua experiência, como em “Acordei, tomei café e fui ao trabalho”; e, por fim, (iii) no semântico, que podemos notar nos processos analógicos relacionados aos sentidos das palavras, como, por exemplo, quando dizemos “Pedro é o cabeça da turma”, utilizamos o termo “cabeça” associando-o ao conceito de líder ou chefe. Essa analogia é possível, pois a cabeça enquanto parte do corpo pensa e envia informações a outras partes do corpo para que estas exerçam suas funções. Esse processo analógico é uma projeção metafórica. Outro exemplo de motivação semântica ocorre por meio projeção metonímica, como em “Maria bebeu uma jarra de suco sozinha” não quer dizer, literalmente, que Maria bebeu uma jarra, mas sim que ela bebeu todo o suco que estava na jarra. Nesse caso, fizemos uma transferência de significado de um termo com base mediante uma relação de contiguidade entre o sentido primário e o sentido novo. Sobre a metáfora e metonímia

⁵¹Segundo PeirceapudSantaella (1983), os símbolos são os signos que carregam em si caracteres icônicos e indicais, pois o diagrama de uma frase, a ordem das palavras, revela, justamente, a sua natureza icônica, além disso, uma frase é composta por índices de referências. Nesse sentido, Peirceapud Neves (1997) advoga que a sintaxe das línguas naturais não é totalmente arbitrária, visto que a interação entre princípios icônicos e mais simbólicos proporciona dois tipos de iconicidade: a iconicidade imagética, definida pela estreita relação entre o signo e o seu referente na representação de uma característica específica; e a iconicidade diagramática, a relação icônica entre signos não necessariamente intersemelhantes, a que mais nos interessa para os estudos linguísticos, no âmbito do Funcionalismo.

comentaremos mais adiante, pois esses processos têm relação direta com o estudo da repetição na oralidade.

Ancorados nos estudos de Givón (2001), o princípio de iconicidade, ainda, pode ser estudado segundo três subprincípios, a saber: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

No **subprincípio da quantidade**, a quantidade de informação é proporcional à quantidade da forma, de maneira que a organização gramatical de uma estrutura corresponde à estrutura do conceito que ela revela, como, no exemplo de repetição retirado do *Corpus PCVC*:

(01) INF: Então a // o carro das prostitutas
passavapassavapassava(A.I.R.M.)

Nesse excerto, ocorre uma estreita relação entre a quantidade de tempo e, também, de material linguístico presente no enunciado. Dessa forma, quando o falante repete o verbo **passar**, ele expressa uma ação que se prolonga em um determinado tempo. Assim, a repetição idêntica do verbo expressa, com realismo e dinamismo, a experiência vivida pelo informante, demonstrando uma relação de motivação entre o sentido, quantidade/tempo relacionados ao ato de passar e a forma, demonstrada pela ação de repetir o verbo (passava). Então, na repetição, o subprincípio da quantidade é notado quando os tópicos mais expressivos são marcados por um grande número de unidades discursivas, geralmente, de forma parafrástica. Sendo assim, os elementos mínimos da UD tendem a ser compostos por mais estruturas repetitivas, que proporcionaram a coesividade do discurso e a condução e manutenção do tópico discursivo.

No **subprincípio da proximidade**, o que está mais próximo no âmbito do significado, permanece mais próximo na forma. Isto é,

o fato de as entidades estarem próximas funcional, conceptual ou cognitivamente motiva os falantes a colocarem os termos designativos dessas entidades próximos no nível da frase (WILSON; MARTELOTTA, 2015, p.83).

Em nosso estudo, as estruturas repetidas que partilham de assunto semelhantes tendem a ficar mais próximas na sequência conversacional. No exemplo (01), também, podemos observar a proximidade de significado e de forma dos verbos que foram retomados de maneira contígua. Além disso, ainda que os termos repetidos não sejam enunciados contiguamente, consideramos o princípio da proximidade, visto que analisamos a repetição nas sentenças que compõem uma unidade discursiva, assim, os termos compartilham o mesmo tópico discursivo:

(02) INF: [...] já perderam um *bocado* na **inocência** porque eles estavam muito acostumados a **vivenciar** diariamente a violência e isso me machucava muito / de ver **crianças** que não existiam mais // **inocência** // nem ingenuidade pra uma **criança** de seis anos / você **vivenciar** isso é muito doloroso e aí ele não fazia nada na sala [...] (L.S.S.).

No enunciado (2), o informante é questionado acerca de alguma história interessante que tenha acontecido com os seus alunos. Assim, L.S.S. diz sobre o comportamento difícil desses estudantes, fato que é resultado de uma família desestruturada, argumentando que essas crianças perderam a inocência. Nesse exemplo, foram repetidos os vocábulos “inocência”, “vivenciar” e “crianças/criança”. Embora não tenham sido enunciados de maneira contígua, eles partilham de um mesmo assunto e constituem uma mesma unidade discursiva, retratando como a recorrência de um item renova o seu significado inicial. Podemos observar, ainda, nesse excerto, o processo metonímico, pois, cada termo retomado faz parte de um subdomínio que torna evidente uma característica de um domínio-matriz. Por exemplo, o termo criança é citado, inicialmente, de forma genérica, “ver **crianças** que não existiam mais // inocência” (domínio-matriz), e depois retomado de maneira singular: “**criança de seis anos**” (subdomínio), fazendo referência à repetição matriz.

Ademais, o informante foi motivado, cognitivamente, a repetir esses termos com a função de promover coesividade ao texto, característica do aspecto funcional paralelização que será explicado mais adiante na Seção 5.

Por fim, no **subprincípio da ordenação linear**, a ordem dos elementos em um período não se dá de maneira arbitrária, na verdade, ela é motivada a partir das experiências vividas pelo falante, como na narrativa “Cheguei à minha casa, tomei banho e, depois, fui dormir”. É válido ressaltar que a ordenação desse período, condizente com a realidade, não pode ser alterada, ou, se fosse, estabeleceria outro sentido. Na repetição, esse subprincípio atua na gradação de sentido produzida pelo fluxo dos elementos mínimos que compõem as unidades discursivas, constitutivas de tópicos conversacionais.

Em geral, considerando o conceito de língua para o Funcionalismo, a iconicidade, conforme Votre (1996), diz respeito à relação de motivação entre forma e função, de maneira que os falantes realizem estruturas linguísticas intencionalmente, apesar de nem sempre identificarmos tal intenção. Essa concepção ratifica a ideia, dos estudos que envolvem, sobretudo, variação e mudança linguística, de que, na língua, nada acontece por acaso.

Na próxima subseção, abordaremos outro preceito da teoria funcionalista que fundamenta a análise da repetição na oralidade.

3.1.4 A união entre a marcação e a expressividade

Conforme Givón (2001), o princípio de marcação é, tradicionalmente, baseado na descrição de sentenças declarativas antes das imperativas e das interrogativas; sentenças ativas antes das passivas; orações principais antes de orações subordinadas; e sentenças afirmativas antes de negativas. A noção de marcação foi introduzida na linguística estrutural a partir do Círculo Linguístico de Praga. Inicialmente, essa noção foi discutida mediante o princípio de valor linguístico, postulado por Saussure (2006 [1916]), ou seja, a relação binária de oposição.

Os linguistas de Praga observaram que as distinções binárias na fonologia e na gramática são sistematicamente assimétricas. Nesse sentido, os estruturalistas debruçaram-se a estudar aspectos formais de marcação, o da complexidade estrutural, analisando que os casos mais marcados são mais complexos e os casos não marcados são menos complexos. Já os funcionalistas, ainda segundo Givón (2001), na tentativa de entender a distribuição tendenciosa da complexidade estrutural na construção gramatical, chegaram à conclusão de que características mais marcantes estão relacionadas, também, à distribuição da frequência. Dessa maneira, a categoria mais marcada é menos frequente no texto e a não marcada é mais frequente.

Além da alta frequência, de acordo com Cunha (2015), as formas não marcadas apresentam outros aspectos: a) forma simplificada ou menor e b) aquisição prematura por parte das crianças. Por outro lado, as formas marcadas, geralmente, são menos frequentes, mais complexas e precisam de um maior esforço cognitivo por parte do falante.

Por exemplo, a sequência “Eu uso este sapato” é menos marcada por ser mais recorrente e por obedecer a ordem tradicional de uma oração (sujeito + verbo + objeto), sendo, desse modo, uma maneira menos expressiva e mais simples de falar. Por sua vez, a sentença “Este sapato eu uso” é mais marcada, visto que é menos frequente, não segue a ordem tradicional de uma oração, exigindo, assim, um maior esforço cognitivo do falante e, além disso, tem maior força argumentativa e expressiva, nesse contexto, por o indivíduo demonstrar que prefere este tipo de sapato a outro.

No entanto, de acordo com Oliveira (1998), a marcação, por si mesma, não é suficiente para explicar o fenômeno da repetição na oralidade, devido à natureza binária em que ele se constitui. Por isso, ao lado do princípio de marcação, Dubois e Votre (1994) adotam também o princípio de expressividade. A expressividade, conforme Bally (2009), é a maneira pela qual o falante utiliza a língua para atingir seus objetivos de exteriorizar seus pensamentos,

deixando em evidência suas marcas de singularidade. E o falante leva em consideração um interlocutor real ou imaginário, individual ou coletivo. Mediante esse princípio

[...] o falante atua por meio da linguagem, fazendo um uso pessoal da língua, recriando-a constantemente. O procedimento que gera a expressividade não é nem automático, nem infalível. Para que a expressividade se realize, é necessário que exista uma realidade psíquica em relação à qual o falante deve agir por meio da linguagem, satisfazendo uma necessidade afetiva. Ademais, seu resultado não é necessariamente aquele esperado pelo falante, já que a língua se realiza em relação a um outro [...] (BALLY, 2009, p.118).

Nesse contexto, a expressividade diz respeito à persuasão, sem afetar o processo de codificação e auxiliando na expansão da coesividade na conversação. Na repetição, “o processo expansionista seria o próprio suporte coesor materializado. Segundo sua formulação, o princípio da expressividade atua na tarefa de equilibrar os processos de codificação” (OLIVEIRA, 1998, p.44).

Diante dos argumentos expostos, pelo fato de a marcação por si mesma não conseguir explicar as várias estratégias encontradas na modalidade da fala em sua expressão, Dubois e Votre (1994) postulam o preceito de marcação-expressiva, pois alguns processos são justificados pelo princípio de marcação, já outros são justificados pelo de expressividade. No caso da repetição, em nosso estudo, as suas categorias funcionais foram analisadas a partir da marcação, pois verificamos quais categorias foram mais recorrentes. Ao passo que expressividade foi analisado funcionamento do fluxo discursivo, considerando a coesividade e a interatividade proporcionadas pela repetição.

Para lembrar...

Quadro 11: Pressupostos funcionalistas

O que foi tratado na subseção	Em resumo...
Crátilo	No diálogo, após vários argumentos, Platão une as duas concepções: o convencionalismo e o naturalismo, as quais, nas teorias linguísticas, correspondem, respectivamente, à arbitrariedade e à iconicidade.
Função	Dentre as várias abordagens acerca do conceito de função, adotamos para o nosso estudo a função/contexto e a função/significado.
Funcionalismo norte americano	Considerando o sistema cognitivo e a experiência do falante, a língua é mecanismo de interação social, por isso não é autônoma, e, além disso, pode ser analisada mediante uma perspectiva pancrônica.
Iconicidade	Relação de motivação entre forma e função. Nesse sentido, consideramos que a repetição

	na oralidade seja iconicamente motivada, sendo analisada a partir dos subprincípios da iconicidade: quantidade, proximidade e ordenação linear; e a partir dos binômios: iconicidade-topicalidade, iconicidade-metafórica e iconicidade-metonímica.
Marcação Expressiva	Na repetição, a taxonomia das funções microestruturadoras são explicadas a partir do princípio de marcação, enquanto o funcionamento do fluxo discursivo é analisado mediante o princípio de expressividade.

A seguir, apresentaremos como a repetição é estudada a partir de alguns pressupostos da Linguística Cognitiva, abordando os processos cognitivos, metáfora e metonímia, pesquisados nessa teoria.

3.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Partindo de uma perspectiva empirista que tem como base questões psicológicas e filosóficas sobre a experiência humana, para a Linguística Cognitiva (LC), a análise da “mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal” (FERRARI, 2011, p.21). Mediante essa noção empírica, a realidade não é, exatamente, considerada como algo que tenha reflexo na linguagem de forma objetiva, já que ela é uma construção humana, não, objetivamente, dada.

Johnson (1987) defende que o corpo, além de definir a experiência, também, constitui a estrutura da cognição. Nesse sentido, segundo Lakoff (1987), o sistema linguístico atua por meio de associações de modelos simbólicos e cognitivos, caracterizados por processos metafóricos e metonímicos, formando conceitos que não são simples abstrações, mas que compõem esquemas imagéticos oriundos de experiências sensório-perceptuais. Esse referido autor utiliza o termo **realismo experiencialista** para designar o processo de construção de uma percepção particular entre diversas percepções possíveis e, também, praticáveis em correspondência com o mundo que ocorre a partir da forma e da configuração do nosso corpo e do cérebro.

As principais propriedades referentes a essa proposta são de que: (1) o pensamento é ancorado ao corpo, uma vez que sistema conceptual tem como base a percepção, o movimento corporal e as experiências de natureza física ou social; (2) o pensamento, também, tem caráter imaginativo, de modo que os conceitos, que não têm relação direta com a nossa

experiência física, façam o uso da metáfora, da metonímia e da imagética mental; e, por fim, (3) o pensamento tem características *gestálticas*, isto é, os conceitos não têm uma organização global atomística. Na verdade, a consideração é a de que essa organização vá além de uma simples relação entre blocos conceptuais que ocorre mediante determinadas regras.

Na análise da repetição na oralidade, ancorados nos estudos da Linguística Cognitiva e, também, nas pesquisas de Oliveira (1998), essas propriedades citadas que caracterizam o pensamento, em especial, interessam-nos, pois, no traço imaginativo, tem-se o princípio de que o sistema-conceptual da língua, fundado a partir de um contato físico-social entre os falantes inseridos no mundo real e revelado por meio de associações metafóricas e metonímicas, é a base que promove a existência de uma matriz da repetição na conversação. Além disso, o aspecto *gestáltico*, agindo juntamente com a ecologia do pensamento, reflete na estrutura global da interação entre os interlocutores, resultando na crescente correspondência entre os níveis do discurso (arquiestruturação, macroestruturação, interestruturação e microestruturação). Lembrando que, no nosso estudo, optamos por analisar as repetições do nível da microestruturação.

Seguindo essas perspectivas apresentadas, a subseção, destinada a abordar a análise funcional da repetição no nível da microestruturação, representa a esquematização de modelos cognitivos idealizados, processados mental e formalmente, por meio da relação entre os elementos mínimos da unidade discursiva que compõem a organização do tópico discursivo.

Quanto à noção de esquematização de modelos cognitivos, para entendê-la precisamos, antes, definir o termo *frame*. Esse termo, postulado por Fillmore (1982), consiste no conjunto de sistemas conceptuais relacionados de tal maneira que, para entender qualquer um deles, temos que entender toda a estrutura em que eles estão encaixados, pois, quando uma palavra é introduzida no discurso, todas as outras são realizadas automaticamente, ou seja, o significado das palavras é subordinado a *frames* e estes, por sua vez, constituem o sistema de conhecimento organizado, memorizado a longo prazo e estruturado mediante a esquematização da experiência. Então, partindo dessa definição e associando-a aos processos de categorização⁵², Lakoff (1987) criou a concepção de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), conceituando-o como uma união complexa de *frames* diferenciados.

⁵² Segundo Lakoff (1987), o mecanismo de categorização tem relação direta com a capacidade de nossa memória, pois reunimos objetos em categorias para falarmos sobre o mundo, porém não podemos gerar uma quantidade infinita de categoria, já que implicaria a sobrecarga de processamento de informações.

Ainda em relação a essa temática, Lakoff (1987) observa que, apesar de a concepção de MCI, também, consistir em um sistema de conhecimento memorizado a longo prazo, essa noção é mais complexa do que a de *frames*. Os modelos cognitivos idealizados são compostos por três princípios: (i) estrutura proposicional, que consiste na mesma estrutura designada para *frames*, conforme Fillmore (1982); (ii) esquemas imagéticos, que são a base para a estrutura conceptual dos modelos cognitivos idealizados; e, por último, o princípio (iii) metafórico e metonímico, no qual os modelos cognitivos idealizados são estruturados por meio de uma projeção⁵³ da metáfora ou da metonímia, processos que serão abordados mais detalhadamente na próxima subseção.

3.2.1 Projeção entre domínios

Para apresentarmos a metonímia, enquanto um processo cognitivo que fundamenta a repetição, consideramos necessário abordarmos, sucintamente, a metáfora a fim de apresentarmos como a repetição foi compreendida como um processo metafórico por Oliveira (1998), ilustrando, também, como as figuras de linguagem, metáfora e metonímia, passaram a ser estudadas como processos cognitivos, inicialmente, pelos pesquisadores Lakoff e Johnson (1980).

3.2.1.1 Projeção entre domínios: metáfora

É comum associarmos metáfora à figura de linguagem que, baseada na teoria aristotélica, tem como princípio uma relação de congruência entre um objeto ou qualidade A e um objeto ou qualidade B. Segundo Anastácio e Silva (2008), a teoria reporta a uma função semântica da imaginação e, conseqüentemente, do sentimento, que se manifesta por meio do uso figurado da linguagem. Nas teorias clássicas da metáfora, a retórica foi definida como um recurso que tem como principal objetivo persuadir ou agradar. Então, um discurso metafórico que não privilegiasse o sentimento, não era considerado completo ou verdadeiro.

No entanto, para além dessa tradição aristotélica, que, por sinal, vigorou por muito tempo e, ainda, vigora nos livros didáticos, a partir de 1970, iniciaram-se os questionamentos acerca desse dogma retórico da metáfora. Lakoff e Johnson (1980), considerando que a metáfora não fosse apenas uma estratégia que servisse para ornamentar o discurso sem função

⁵³ De acordo com Ferrari (2011), a noção de **projeção** é fundamentada a partir de uma Função pragmática, definida pelo Princípio de Identidade, retratado a seguir: “Se dois objetos, ‘a’ e ‘b’, estão ligados por uma função pragmática $f(b=f(a))$, uma descrição de ‘a’ pode ser usada para identificar sua contraparte ‘b’” (FERRARI, 2011, p. 110).

informativa, romperam com o mito do objetivismo que predominou na filosofia ocidental através da publicação do livro *Metaphorswe live by* (Metáforas da vida cotidiana). No objetivismo, a razão era superestimada em detrimento do sentimento e imaginação, assim, qualquer figura de linguagem como a metáfora deveria ser evitada quando o propósito fosse falar de forma objetiva. Diante desse rompimento, os referidos autores trouxeram para o conceito metafórico um caráter cognitivo, mostrando-nos como a metáfora está infiltrada em nosso cotidiano, tanto na nossa linguagem quanto nos nossos pensamentos e nas nossas ações.

Conforme Lakoff e Johnson (1980), os pensamentos são coordenados por conceitos que estruturam as nossas percepções e experiências sobre o mundo, sobre o que acontece ao nosso redor. Logo, esse sistema conceptual, a maneira como pensamos e o que experienciamos é em grande parte uma questão metafórica. Contudo, geralmente, não temos plena consciência do nosso sistema conceptual. Em nosso cotidiano, por exemplo, realizamos atividades como se estivéssemos no modo automático, então, para tentarmos compreender como funciona nosso sistema conceptual, precisamos colocar a linguagem em evidência e, dessa maneira, constatarmos a sua natureza metafórica.

Assim, considerando que a forma como pensamos e o que vivenciamos é em grande parte uma questão metafórica que tem, sobretudo, uma base na nossa experiência corporal, imaginemos, pois, o conceito genérico de “discussão” e a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA⁵⁴. Podemos perceber essa metáfora em algumas expressões ditas diariamente: (a) *Ele atacoutodos os pontos fracos* da minha argumentação; (b) *Suas críticas foram direto ao alvo*; entre outras. A partir dessas expressões, é importante que apreendamos não somente o conceito de *discussão* mediante termos de *guerra*, mas que, também, apreendamos o processo cognitivo e metafórico do nosso sistema conceptual que se manifesta na linguagem e nas nossas ações.

No entanto, não quer dizer que a discussão seja uma subespécie de guerra, já que discussão e guerra são procedimentos totalmente diferentes, mas quer dizer que a discussão seja parcialmente organizada e compreendida em termos de guerra. Nesse sentido, a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 47), ou melhor, a metáfora é um processo conceptual de um domínio de experiência em termos de outro. Desse modo, podemos identificar, em cada metáfora, um domínio-fonte e um domínio-alvo.

⁵⁴ O exemplo de metáfora DISCUSSÃO É GUERRA foi citado por Lakoff e Johnson (1980).

Para Sweetser (1990), a transferência metafórica de domínios ocorre, em três etapas, de forma estável, sistemática e motivada, partindo de um estágio concreto (realidade físico-social) passando para um estágio mais abstrato (experiência) e, finalmente, chegando ao estágio discursivo (ato de fala). Sendo assim, o domínio abstrato apoia-se em um domínio concreto. Em estudos mais recentes, Ferrari (2011) ratifica esse princípio proposto por Sweetser (1990), reconhecendo que, no domínio-fonte, há características físicas e espaciais, de certo modo, concretas, que, no domínio-alvo, há uma tendência a possuir propriedades mais abstratas, visto que são mais difíceis de entender e representar linguisticamente. Por exemplo, na frase “As suas notas estão baixas”, o domínio-fonte é a dimensão vertical de um espaço físico (baixo), enquanto o domínio-alvo reflete o desempenho (baixo). Partindo dessa perspectiva, fica evidenciado que, nos estudos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, as relações metafóricas ocorrem de maneira unidirecional, isto é, do domínio-fonte ao domínio-alvo e não o contrário.

No estudo de Oliveira (1998), a pesquisadora defende que a repetição na oralidade seja um recurso de natureza metafórica que parte de um domínio genérico para um domínio mais específico, como apresentamos na Seção 2. Desse modo, a relação metafórica da repetição, conforme Oliveira (1998), não ocorre de maneira unidirecional, mas, sim, de forma multidirecional⁵⁵. A pesquisa da referida autora foi feita em todos os níveis da conversação (arquiestruturação, macroestruturação, interestruturação e microestruturação), assim, a transferência metafórica ocorre no mais alto nível da conversação, na arquiestruturação, por meio da retomada de uma matriz da conversação (MC) no decorrer de todo o diálogo temático. A MC não está relacionada a um tópico específico do diálogo, na verdade, ela é uma espécie de fio condutor que centra e organiza todo o quadro tópico da conversação em geral.

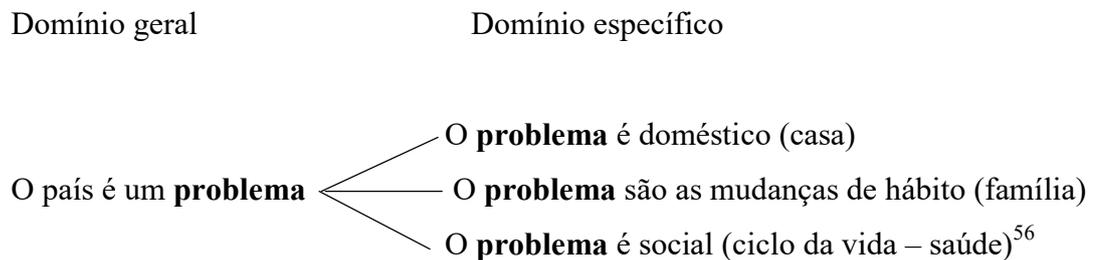
Partindo do pressuposto de que as estruturas linguísticas revelam os modelos cognitivos experienciados por nós, falantes, a transferência metafórica acontece a partir do mundo real para o domínio da linguagem. Desse modo, a MC é um ícone, desenvolvido na transferência metafórica, correspondendo ao fator experiencial, ao universo histórico-cultural no qual estamos inseridos. Quando mais repetimos a matriz da conversação no diálogo temático, mais a alteramos, transformando e ampliando o seu significado. Nas palavras de Oliveira (1998):

O inter-relacionamento do mecanismo de transferência metafórica, segundo o modelo de Sweetser (1990), com os princípios de iconicidade e expressividade aponta para a bifuncionalidade regular da MC. Ao mesmo

⁵⁵ Sobre essa tendência, Castilho (2004) propõe substituir o princípio de unidirecionalidade pelo de multidirecionalidade, pois a língua é um sistema múltiplo, complexo e dinâmico.

tempo em que é o resultado de mudanças de um domínio a outro, transferindo-se do mais concreto (realidade), passando pelo epistêmico (conhecimento) e chegando ao ato de fala (discurso), a MC adquire, progressivamente contornos semânticos mais nítidos, realimentando a metáfora de acordo com a variação de movimento dos tópicos. (OLIVEIRA, 1998, p.148).

Em um dos diálogos temáticos analisados por Oliveira (1998), a matriz da conversação **problema** coordenam significados que são ampliados continuamente, de modo que o processo da transferência metafórica ocorra de um domínio geral para um mais específico:



A partir desse esquema, percebemos que, na medida em que o termo **problema** é repetido, a MC recebe uma nova carga informacional que se atualiza discursivamente, concretizando, assim, o seu significado. Com isso, explicamos como Oliveira (1998) considera a repetição um recurso de natureza metafórica que ocorre de maneira multidirecional:

O funcionamento da matriz da conversação no diálogo temático demonstra que, em termos de repetição, ao contrário da tendência [unidirecional], o percurso se faz [...] do domínio mais genérico (abstrato) para o mais específico (concreto). A partir de um termo lexical de significação geral, a matriz da conversação vai progressivamente *preenchendo* o significado abstrato inicial mediante as retomadas ao longo da conversação. O procedimento *especifica* a metáfora, tornando-a mais *física* e icônica (OLIVEIRA, 1998, p.175, grifo do autor).

Ressaltamos que, nessa subseção, esclarecemos a concepção de metáfora e apresentamos a visão de Oliveira (1998) sobre como a repetição, no nível da arquiestruturação, é um procedimento metafórico. No entanto, em nossa pesquisa, por realizarmos o estudo da repetição somente no nível da microestruturação, consideramos que a repetição seja um processo metonímico, o qual será explicado a seguir.

⁵⁶ Esquema feito por Oliveira (1998), p.148, adaptado.

3.2.1.2 Projeção em um domínio: metonímia

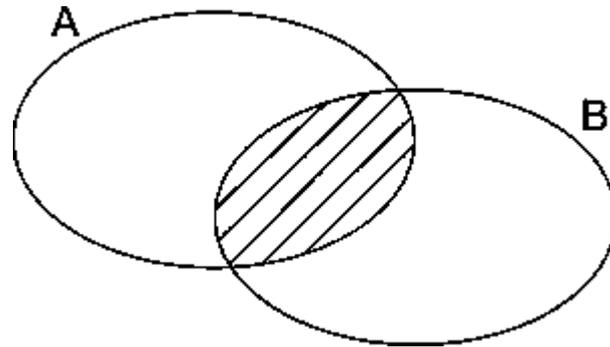
Assim como a metáfora, consideramos que a metonímia não seja somente um recurso puramente linguístico, mas, também, um fenômeno que atua no processo cognitivo. Em geral, a metonímia é definida como uma figura retórica que ocorre quando o significado de uma palavra, normalmente, utilizado para caracterizar determinada entidade, é deslocado, passando a caracterizar outra entidade contígua (FERRARI, 2011).

Segundo Ferrari (2011), essa contiguidade é constituída pelas associações que fazemos a partir de nossas experiências. Por exemplo: “Eu li **Clarice Lispector**”. Nesse enunciado, podemos notar a **função referencial** da metonímia, pois o sujeito faz referência ao livro que leu, citando não a obra, mas a autora, Clarice Lispector. Diante disso, percebemos que é necessário fazermos a inferência de um elemento implícito, porém o elemento explícito não substitui o implícito, na verdade, eles se complementam (WARREN, 2006). No Funcionalismo, a metonímia, também, é considerada uma espécie de inferência pragmática, uma “associação conceptual” baseada no mundo discursivo ou uma transferência de sentido autorizada por uma contiguidade (GONÇALVES et al.;2007).

Diferentemente da metáfora, Lakoff e Turner (1989) propuseram que a projeção da metonímia ocorra somente em um domínio. No entanto, pesquisas posteriores indicam que essa projeção metonímica pode ocorrer entre domínios, desde que estes sejam qualificados como subdomínios de um domínio-matriz (FERRARI, 2011). Nesse sentido, a distinção básica entre metáfora e metonímia dá-se pelo fato de que a primeira ocorre entre dois domínios que não são ramificações do mesmo domínio-matriz⁵⁷ e de que a segunda caracteriza-se pela presença de um mesmo domínio. Observemos a seguir ilustrações que representam a diferença entre a metáfora e a metonímia:

⁵⁷ No entanto, de acordo com Ferrari (2011), há alguns casos de metáfora e metonímia ocorrendo simultaneamente.

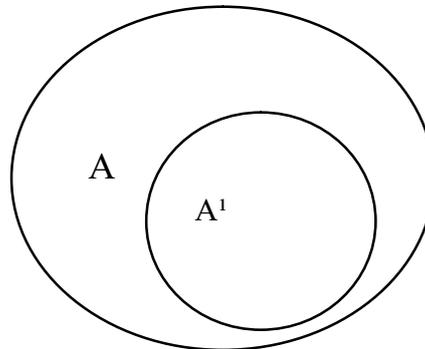
Figura 1: Representação do processo metafórico



Fonte: elaborado pela autora

Na figura 1, há dois domínios distintos, A e B, os quais têm um campo de congruência ilustrado pelas listras. Esse campo de congruência representa as propriedades que A e B partilham, permitindo que o indivíduo experiencie uma coisa em termos de outra, construindo, desse modo, o procedimento metafórico. Agora, vejamos um diagrama que ilustra o processo metonímico:

Figura 2: Representação do processo metonímico



Fonte: elaborado pela autora

Já, na imagem 2, percebemos que há o domínio-matriz A e o seu subdomínio A¹, sendo que este faz referência àquele, promovendo uma contiguidade que é organizada por meio de associações fundadas na experiência do indivíduo, constituindo, então, o procedimento metonímico.

Entretanto, de acordo com Warren (2006), estabelecer a diferença entre metáfora e metonímia, simplesmente, considerando que a primeira está relacionada à semelhança e a segunda à contiguidade não é suficiente. Analisemos a seguinte sentença: “Ela tem a voz de

sua mãe”⁵⁸. Para a referida autora, apesar de haver uma relação de semelhança, não é uma questão metafórica, mas, sim, metonímica, pois poderíamos parafrasear a frase desta forma: “Aquilo (a voz) que é como a voz de sua mãe”⁵⁹. Assim, a possibilidade de tornar explícito ou implícito o elemento antecedente é uma característica da metonímia. Segundo a abordagem de Warren (2006), a interpretação da metáfora, por sua vez, depende da propriedade de seleção. Por exemplo: “Nós vivemos em uma caixa de sapatos”⁶⁰. Isso não faz sentido a menos que tenhamos uma noção de quais atributos do domínio fonte são aplicáveis ao domínio alvo. No exemplo anterior (Ela tem a voz de sua mãe), no entanto, não foi necessária a seleção de propriedades para interpretarmos a sentença.

Outra diferença entre metáfora e metonímia, de acordo com Warren (2006), é que as metonímias são, superficialmente, não literais e as metáforas, por sua vez, são verdadeiramente não literais. Isso porque as metáforas podem ser ditas envolvendo elementos de hipótese, como por exemplo: A vida é pensada **como se fosse** uma jornada⁶¹. Já a metonímia não é hipotética, como, podemos analisar na seguinte sentença: **A chaleira está fervendo**⁶², na qual, o antecedente referencial está implícito.

Apesar de as metonímias não poderem formar temas como as metáforas, a exemplo de DISCUSSÃO É GUERRA, elas podem formar padrões semânticos, como: PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE, ROUPA PELA PESSOA, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO, RECIPIENTE PELO CONTEÚDO, PRODUTOR PELO PRODUTO, INSTRUMENTO PELO RESULTADO, MATÉRIA PELO ARTEFATO etc.⁶³

Segundo Warren (2006), a metonímia ainda pode diferenciar-se em metonímia referencial e metonímia proposicional. A primeira relaciona uma entidade a outra e a segunda relaciona duas proposições. O exemplo que apresentamos inicialmente (Eu li Clarice Lispector) diz respeito à metonímia referencial, a qual é o núcleo dos estudos dos processos metonímicos. Agora, vejamos o seguinte exemplo: “Isso não vai acontecer enquanto eu respirar”⁶⁴. A proposição “enquanto eu respirar” remete-nos a outra: “enquanto eu viver”, logo, esse é um exemplo de metonímia proposicional. É válido ressaltar que, embora admita

⁵⁸ Exemplo citado por Warren (2006), p.17: “Shehashermother’svoice”.

⁵⁹ Exemplo citado por Warren (2006), p.18: “that [i.e. a voice] whichislikehermother’svoice”.

⁶⁰ Exemplo citado por Warren (2006), p.18: “Welive in a shoebox”.

⁶¹ Exemplo citado por Warren (2006), p.15: “Life isthoughtof as if it were a journey”.

⁶² Exemplo citado por Warren (2006), p.15: “The kettleisboiling”.

⁶³ Vejamos alguns exemplos de metonímia: “Gostei tanto desse perfume que já usei **três frascos**” (RECIPIENTE PELO CONTEÚDO); “Vou sair do aluguel e ter meu próprio **teto**” (PARTE PELO TODO); “Vou passar na Maria para fazer uma visita” (PROPRIETÁRIO PELO LUGAR) etc.

⁶⁴ Exemplo citado por Warren (2006), p.5: “It won’t happenwhile I still breathe.”

esses dois tipos de metonímia, a referida pesquisadora centra seus estudos na metonímia referencial.

Finalmente, uma das diferenças essenciais entre a metáfora conceptual e a metonímia referencial é a interação sintática entre elementos de um enunciado. Os sujeitos metonímicos não precisam concordar quanto ao número com os seus predicados, como, por exemplo: “The Frenchfriesiswaiting”⁶⁵. Além disso, no caso de pronomes anafóricos, também, há discrepâncias, pois, em expressões metafóricas, o pronome concordará, de maneira previsível, com o domínio alvo, a passo que, em estruturas metonímicas, por vezes, há a concordância com o elemento explícito e, às vezes, com o elemento implícito da construção. Analisemos as seguintes expressões metonímicas⁶⁶: “Pedro foi atingido no para-choque quando **ele**, momentaneamente, foi distraído por uma motocicleta” E “**As batatas fritas** estão esperando e **ela** está ficando impaciente”. Na primeira construção, o para-choque do carro foi atingido, no entanto, carros não podem ser distraídos, porém o ser humano (Pedro) pode. Assim, o pronome anafórico (ele) concorda com o elemento explícito (Pedro). Na segunda construção, por sua vez, as batatas fritas não podem ficar chateadas, mas os clientes podem, logo, o pronome (ela) estabelece uma concordância com o elemento implícito. Portanto, os dois elementos, implícito ou explícito, podem atuar como antecedentes, já que o conhecimento de mundo e o contexto podem determinar qual dos elementos é aplicado a determinada estrutura (WARREN, 2006).

No processo metonímico da repetição na oralidade, consideramos que a repetição matriz (M) está dentro do domínio-matriz e as repetições derivadas dessa M constituem os subdomínios do domínio-matriz em questão. Analisemos o exemplo a seguir:

(03) INF: Gosto de alguns **filmes** / tem um **filme** ou outro que me fez // tenho algumas recordações, mas eu *num* sou muito boa em nomes / mas eu assisti um **filme** há uns dias atrás chamado Parada Inesperada muito interessante (L.S.S.)

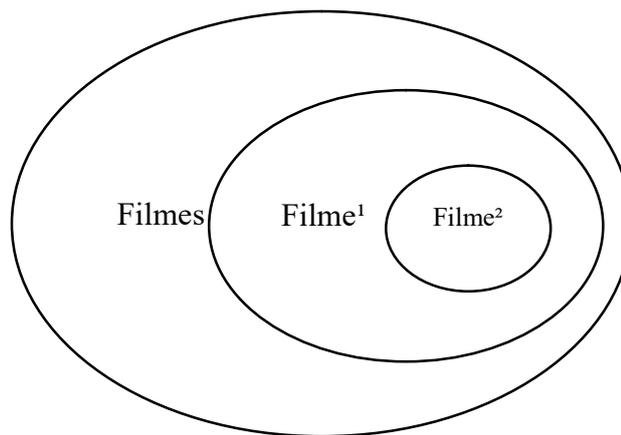
Na ocorrência (03), o informante, inicialmente, anuncia o assunto que será discutido no decorrer do discurso: “Gosto de filmes”. Após essa declaração, ele retoma o vocábulo “filme” mais duas vezes, a fim de dar coesividade ao texto, auxiliando na manutenção e condução do tópico discursivo. Esse tipo de repetição é chamado de **distribuidora**, o qual será abordado na Seção 5. Além disso, podemos notar que *a priori* o termo filme aparece de

⁶⁵Esse exemplo não foi traduzido para o português, pois perderíamos a estrutura que ilustra o argumento. O sujeito da sentença, theFrenchfries (as batatas fritas), está no plural, mas o seu predicativo está no singular, iswaiting (está esperando).

⁶⁶Exemplos citados por Warren (2006), p. 16: “Ringo was hit in the fender whenhewasmomentarilydistractedby a motorcycle”; “The Frenchfriesiswaitingandsheisgettingimpatient”.

maneira genérica, no plural, e, depois, de forma mais específica, no singular, recebendo algumas qualificações. Desse modo, as repetições derivadas são coordenadas, referencialmente, pela repetição matriz (filmes), constituindo, assim, subdomínios de um domínio-matriz. Em outras palavras, a repetição derivada é parte (subdomínio) de um todo (domínio-matriz), como podemos ver no diagrama a seguir:

Figura 3: Processo metonímico do exemplo 03, elaborada pela autora



Fonte: elaborado pela autora

Além disso, como Oliveira (1998), consideramos que a repetição seja anáfora formal, pois retoma uma forma que pode ou não sofrer variação, e catáfora conceptual, porque cada vez que repetimos um item, atribuímos outras características a ele, logo, repetir não é dizer o mesmo. Nesse sentido, no enunciado (3) apresentado, o informante ao repetir o termo “filme” faz referência a um elemento explícito (filmes), como no exemplo de anáfora pronominal apresentado por Warren (2006), “Pedro foi atingido no para-choque quando **ele**, momentaneamente, foi distraído por uma motocicleta”. Assim, os itens retomados (filme) evidenciam características que fazem parte de um mesmo domínio-matriz (filmes) renovando, portanto, o significado inicial e atribuindo à primeira repetição o valor não mais de todo ou qualquer filme, mas o valor de um filme que representa recordação e à segunda repetição algo ainda mais particularizado, fato que nos remete ao processo metonímico da PARTE PELO TODO.

Em geral, a metonímia, segundo Lakoff e Johnson (1980), tem função referencial que possibilita utilizar uma entidade em substituição a outra. Além disso, esse processo cognitivo funciona como um instrumento de entendimento, isto é, indica, especificamente, mais elementos do que está sendo referido. Por exemplo, no caso do conceito metonímico “a parte

pelo todo”, há várias partes que podem constituir um todo, porém a parte que escolhemos determina quais aspectos de um todo está sendo, por nós, focada.

3.3 A METÁFORA E A METONÍMIA NO FUNCIONALISMO

Partindo dos conceitos de metáfora e metonímia postulados por Lakoff e Johnson (1980), estudiosos funcionalistas aplicam e consideram basilares tais conceitos no processo de gramaticalização.

Em geral, na gramaticalização, conforme Martelotta et alii (1996), os elementos lexicais e organizações sintáticas apropriam-se de funções relacionadas à organização interna do texto, isto é, itens lexicais ou construções sintáticas (aqueles que fazem referência a entidades, a ações e a qualidades), dependendo do contexto, passam a ter a funções gramaticais (aquelas que fazem parte a organização interna do discurso, servindo para ligar estruturas do texto).

Nesse sentido, o processo de gramaticalização tem base metafórica, pois a metáfora estabelece um procedimento unidirecional de abstratização crescente, o qual conceitos mais aproximados da experiência humana são usados para expressar o que é mais abstrato, logo, mais difícil de ser entendido. E a gramaticalização, também, tem base metonímica, porque explica os procedimentos de mudança por contiguidade que são formados no contexto sintático (MARTELOTTA et al., 1996). Nas palavras de Neves (1997):

conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos, e entidades claramente delineadas/claramente estruturadas conceptualizam entidades menos claramente estruturadas: experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, relações em termos de processos cinéticos ou de relações espaciais, etc. (NEVES, 1997, p.132).

Por exemplo, podemos notar o processo de gramaticalização nas funções representativas da preposição EM: ESPAÇO, TEMPO e TEXTO/PROCESSO. Em um estudo feito por Araújo, Sousa e Silva (2015) sobre como os falantes do Português Popular de Vitória da Conquista utilizam a preposição EM foram identificadas algumas ocorrências que se encaixam nas funções apresentadas anteriormente: (1) ESPAÇO: “[...] hoje eu falo lá **em** casa que muitas vezes eu atrapalhei [...]”; (2) TEMPO: “Então a história foi esse ano né, **em** fevereiro a gente fez uma excursão pra praia [...]”; e (3) TEXTO/PROCESSO: “Nós era em... **em** dez irmãos, eu e mais...mais nove, né?”⁶⁷. Assim, percebemos que a preposição EM além

⁶⁷ Todos os exemplos citados foram identificados por Araújo, Sousa e Silva (2015) no Corpus Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC), o qual foi organizado pelo Grupo de Pesquisa JANUS.

de indicar ESPAÇO (função canônica), indica, também, TEMPO e TEXTO/PROCESSO. Nesse sentido, analisando a partir do processo metafórico, a preposição EM parte de um domínio concreto (ESPAÇO), passando por um domínio menos concreto (TEMPO) e chegando, por fim, a um domínio mais abstrato (TEXTO/PROCESSO). Já a metonímia não está presente no processo de gramaticalização da preposição EM, pois, para o Funcionalismo, seria necessário que o item linguístico, operando na inter-relação sintática dos constituintes, mudasse a estrutura ou a classe gramatical.

Ademais, no Funcionalismo, de acordo com Hopper e Traugott (1993), a analogia está para a metáfora, atuando em relações no eixo paradigmático, enquanto a reanálise está para a metonímia, operando em relações no eixo sintagmático.

Conforme Saussure (2006 [1916]), a língua é um sistema e as unidades que formam esse sistema estão relacionadas umas às outras. As relações e as oposições entre elementos linguísticos se dão em dois eixos distintos, sendo que cada um deles produz uma ordem de valores. Essa ordenação é representada de duas maneiras em nossa atividade mental, ambas imprescindíveis para a existência da língua: as relações sintagmáticas e as relações associativas ou paradigmáticas⁶⁸.

Por um lado, os termos linguísticos articulam entre si relações ordenadas a partir do caráter linear da língua, excluindo, assim, a pronúncia de dois termos simultaneamente. Tais articulações, que se firmam na extensão, são chamadas de sintagmas. Estes, por sua vez, ainda segundo o referido linguista, são constituídos por duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: “re-fazer”; “diversas disciplinas”; “a linguística funcional”; “eu preciso planejar meu fim de semana” etc.). Logo, essas relações provenientes da natureza linear da língua são denominadas de relações sintagmáticas. Assim, entendemos que as relações sintagmáticas existem *in praesentia*, pois “repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva” (SAUSSURE, 2006, p. 143).

Nesse contexto, a reanálise é o processo “por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático” (CASTILHO, 1997, p.53). Segundo Castilho (1997), essa mudança na percepção ocorre por causa de um tipo de raciocínio denominado *abdução* (ou inferência), que nos remete à projeção metonímica. E é através da abdução que estabelecemos novos “cortes”, apagando fronteiras entre determinados constituintes, sem modificar a expressão superficial da unidade

⁶⁸Nas palavras de Castro (1994): “a transcrição em grades proposta por Blanche-Benveniste et alii (1979) para a língua falada revela-se muito adequada para a visualização dos arranjos sintáticos do enunciado. Trata-se de uma transcrição bi-axial em que se ordenam, na linha horizontal, os segmentos em relação sintagmática, e se alinham, na vertical, os segmentos que se relacionam paradigmaticamente” (CASTRO, 1994, p. 96)

que estamos realizando. Em outras palavras, a reanálise gera novas formas gramaticais, na proporção que os limites dos constituintes são alterados em uma expressão, permitindo, então, que uma forma seja reanalisada como pertencente a uma classe distinta da original (GONÇALVES et al.;2007).

Por outro lado, fora do discurso, na associação mental que fazemos entre unidades linguísticas que revelam algo em comum, temos as relações paradigmáticas ou associativas. Por exemplo, quando pensamos na palavra “florista”, logo podemos fazer associações a “flor” e “floricultura”. De acordo com Costa (2015), essa sistematização paradigmática, na configuração de uma frase, já foi constatada por Saussure (2006 [1916]):

Por exemplo, podemos substituir uma desinência verbal de pessoa e número por outra do mesmo tipo (estudas/estudamos), um adjetivo por outro adjetivo ou locução adjetiva (Ele é bondoso/Ele é caridoso/Ele é do bem), um substantivo por outro substantivo (Gostaria de comprar um livro/Gostaria de comprar uma fazenda), etc. Para Saussure, além da possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto, as relações paradigmáticas são também decorrentes da semelhança de significação (educação/aprendizagem), da semelhança sonora (livro/crivo) ou de qualquer outra situação em que a presença de um elemento linguístico suscita no falante ou no ouvinte a associação com outros elementos ausentes (COSTA, 2015, p.122, grifo do autor).

Ao contrário das relações sintagmáticas, as relações associativas combinam elementos *in absentia* “numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p.143). Em suma, as relações paradigmáticas ocorrem quando a associação na memória entre a unidade linguística que preenche um contexto específico e “todas as outras unidades ausentes que, por pertencerem à mesma classe daquela que está presente, poderiam substituí-la nesse mesmo contexto” (COSTA, 2015, p. 121). A partir dessa perspectiva, a analogia é “uma sorte de aproximação psicológica entre categorias em ausência, isto é, entre categorias situadas no eixo paradigmático (CASTILHO, 1997, p. 52). Desse modo, a analogia não faz surgir novas expressões na língua, ela, na verdade, estende regras a elementos que ainda não foram atingidos, logo, está ligada à projeção metafórica.

Na repetição, como foi dito anteriormente, defendemos que haja ocorrência do processo metonímico e, também, consideramos que há o processo de reanálise. No entanto, embora defendamos o processo de analogia em algumas ocorrências da repetição, quando não há o processo de reanálise, não consideramos que analogia seja um indício para a projeção metafórica em nosso estudo.

Na próxima subseção, abordaremos como funciona os processos de analogia e reanálise na repetição.

3.3.1 A analogia e a reanálise na repetição

Considerando uma análise sintática da repetição, recorreremos ao estudo de Castro (1994), no qual o pesquisador propôs uma descrição de repetições nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos. Vejamos os exemplos citados por ele:

(...) Bom, **bonito**
bonito ele num é (...).

Essa repetição é descrita no eixo paradigmático (ordenada na linha vertical), pois não há diferença funcional entre os elementos repetidos. No entanto, a repetição a seguir é situada no eixo sintagmático (ordenada na linha horizontal), porque há distinção funcional entre os termos:

‘Problemas de sertanejo não me interessam. (...)
Não é preconceito ou esnobismo. Simplesmente acho **pobre pobre**.’ (O Estado de S.Paulo/Cultura, 07/08/93)

Segundo Castro (1994), apesar de esse exemplo ter sido retirado de um texto escrito, ele, pela sua natureza coloquial, poderia ocorrer em uma conversação. Nessa amostra, a matriz (M), pobre, é um substantivo e a repetição (R), pobre, é um adjetivo, em uma relação predicativa, funcionalmente, diferente do exemplo anterior no qual a matriz e a repetição exercem sintaticamente a função idêntica de adjetivo.

Agora, nesses moldes, analisemos a repetição na oralidade com exemplos extraídos do *Corpus PCVC*. Nas ocorrências que seguem, a (4) está situada no eixo paradigmático e a (5) no sintagmático:

(04) INF: Então isso eu adoro na minha profissão, adoro, gosto **demais...**
demais(A.I.R.M.).

No exemplo (4), notamos que o falante, em busca de maior expressividade, repete o termo “demais”, destacando que gosta da profissão. Essa repetição tem uma função intensificadora que, por meio da analogia, denota uma extensão do sentido. No entanto, não há diferença funcional entre as unidades repetidas, ou seja, R1 e R2 poderiam ser substituídas por um único advérbio: “Então isso eu adoro na minha profissão, adoro, gosto demais **mesmo**”.

No próximo fragmento, temos uma repetição de um sintagma nominal. O sintagma **A minha infância** (M) exerce a função de sujeito e tópico simultaneamente, sendo reconstituída em **uma infância** (R) na função de predicativo de sujeito.

(05) INF: **A minha infância** foi **uma infância** muito movimentada (A.I.R.M.)

A mudança de função sintática nessa ocorrência revela o processo de reanálise no eixo sintagmático e, conseqüentemente, a função referencial da metonímia, já que para entendermos R, precisamos fazer inferências de características que estão presentes em M. Portanto, o falante, ao utilizar o recurso da repetição, estabelece relações sintagmáticas, proporcionando uma reanálise sintática, a qual corresponde ao processo metonímico. E, estabelecendo diálogo com a metonímia à luz da Linguística Cognitiva, nesse exemplo, a expressão “uma infância” faz referência ao antecedente explícito e domínio-matriz: “a minha infância”. O informante, inicialmente, especifica a infância a qual está falando e, depois, faz referência a ela de uma maneira mais genérica, utilizando o artigo indefinido “uma”, não sendo, portanto, infâncias diferentes. Desse modo, no recurso da repetição, a matriz (M) configura-se como um domínio e as repetições (R1, R2...) como subdomínios.

Em suma, mediante os exemplos citados e a análise sintática da repetição, percebemos que algumas ocorrências, principalmente as que são classificadas na função intensificadora, são explicadas pelo processo de analogia, visto que não há mudança na função sintática do item repetido. No entanto, quando há essa mudança, a repetição é explicada pelo processo de reanálise.

Para lembrar...

Quadro 12: Os processos cognitivos, a metáfora e a metonímia.

Ponto discutido	Resumo
Pressupostos da Linguística Cognitiva	As percepções cognitivas que fazemos do mundo ocorrem por meio de nossas experiências. Na repetição, os princípios que adotamos dessa teoria foram: (i) propriedades do pensamento, levando em consideração as experiências físicas e as associações metonímicas do falante; e (ii) esquematização de modelos cognitivos idealizados.
Metáfora	Processo cognitivo que nos possibilita entender uma coisa em termos de outra e que, além disso, ocorre entre dois domínios: do domínio fonte (concreto) para o domínio alvo (abstrato) e, às vezes, vice-versa. Por exemplo, no estudo de Oliveira (1998) sobre a repetição, esse processo ocorre do domínio geral (abstrato) para o mais específico (concreto).
Metonímia	Processo cognitivo que tem função

	referencial, ocorrendo quando o significado de uma palavra utilizado para designar uma entidade, é deslocado, passando a designar outra entidade contígua. Além disso, esse processo ocorre somente em um domínio ou entre domínios, desde que estes sejam subdomínios de um domínio-matriz, o que, em nosso estudo, caracteriza o recurso da repetição na oralidade.
Metáfora e metonímia no Funcionalismo	A metáfora, no Funcionalismo, é considerada como um processo cognitivo que implica a transferência de sentido e que, além disso, é relacionada à analogia. Já a metonímia, no Funcionalismo, é considerada como um processo cognitivo que implica a mudança de sentido e que, além disso, está relacionada ao processo de reanálise.

Palavras Finais

Em resumo, a repetição na oralidade é um mecanismo, iconicamente motivado, que tem função cognitivo-interacional, multidirecional (anáfora e catáfora conceptual) e multifuncional, pois contribui para a condução e manutenção do tópico discursivo, favorecendo a coesão e a coerência textual. Diante dessa perspectiva, adotamos, para a nossa pesquisa, a teoria funcionalista, a qual estuda elementos semânticos discursivos à luz da pragmática, e a Linguística Cognitiva, a qual não separa a semântica da pragmática. Desta, consideramos que a experiência do falante influencie no seu sistema conceptual, organizando os processos metafórico e metonímico. Daquela, tomamos como fundamento o fato de os fenômenos linguísticos serem estudados através da pragmática, analisando a descrição de expressões, dentro das condições de uso, que revelam a competência comunicativa do indivíduo.

Ademais, mediante os postulados da Linguística Cognitiva, defendemos que a repetição seja um procedimento metonímico, o qual ocorre entre subdomínios de um domínio-matriz; e, a partir dos pressupostos do Funcionalismo, reconhecemos que, quando ocorre a mudança da função sintática cada vez que um termo foi retomado, há o processo de reanálise. Entretanto, em alguns casos, quando não há essa mudança, ocorre o processo de analogia.

Portanto, a partir dessa discussão, podemos refinar a nossa definição de repetição e afirmarmos que, na oralidade, esse fenômeno, de natureza icônica e multifuncional, auxilia na organização do tópico discursivo, revelando, assim, a expressividade do falante ao retomar elementos já enunciados. Essa retomada proporciona a contiguidade e referenciação do

discurso, fato que caracteriza o processo metonímico e, ainda, ocasiona a transferência e a renovação de sentidos, os quais podem ser explicados pelos mecanismos de analogia e reanálise.

4 MECANISMOS METODOLÓGICOS

Palavras iniciais

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados quando elaborada a pesquisa. Para tanto, primeiramente, tratamos da constituição do *Corpus* utilizado, o Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC; em seguida, explicamos como foi feita a seleção de entrevistas; e, por fim, descrevemos como a repetição foi analisada nas entrevistas escolhidas a partir dos conceitos de unidade discursiva e de função microestruturadora.

4.1 O *CORPUS* ANALISADO

As entrevistas analisadas foram retiradas do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista. Esse *Corpus* foi, detalhadamente, organizado e elaborado por nós, participantes do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, entre os anos de 2011 e 2015. A partir da junção desses dois grupos, formamos o Grupo Janus, pois, como o deus romano, observamos as mudanças e transições que ocorrem do passado para o presente/futuro. Assim, desenvolvemos pesquisas linguísticas olhando para o passado, por isso, ancoramo-nos na Linguística Histórica, e, também, olhando para o presente, por essa razão, baseamo-nos no Sociofuncionalismo, que é o diálogo entre duas teorias: a Sociolinguística e o Funcionalismo.

Nesse sentido, desenvolvemos, no Grupo Janus, o projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552 e tendo como responsável a Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa.

O *Corpus* PCVC é pautado na escolha daquela população que tem, no mínimo, 11 anos de escolaridade e que é natural do município. Os mecanismos metodológicos utilizados para constituir o *Corpus* foram baseados nos trabalhos sociolinguísticos, que se fundamentam na perspectiva variacionista laboviana, e, além disso, a técnica de amostra confeccionada para as entrevistas foi realizada a partir da divisão da BR116⁶⁹, característica peculiar e relevante na cidade, pois, de um lado, há a região Leste da cidade, onde estão localizados a maioria dos bairros de classe burguesa; e de outro lado, há a região Oeste, onde estão concentrados os bairros da classe trabalhadora. Como uma maneira de dizimar essa segregação social, o antigo prefeito da cidade, José Raimundo Fontes, renomeou a BR116 de “Avenida Integração”.

⁶⁹A BR116, no território de Vitória da Conquista, é conhecida como Av. Presidente Dutra.

Além disso, as 24 (vinte e quatro) entrevistas que compõem o *Corpus* são estratificadas em sexo (masculino e feminino) e em faixas etárias I (15 a 25 anos), II (26 a 50 anos) e III (acima de 50 anos). Contudo, ressaltamos que essas estratificações sociais não foram consideradas em nosso estudo, foram relatadas apenas como uma representação do *Corpus* PCVC.

4.2 ASPECTOS GERAIS DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁷⁰, Vitória da Conquista, inicialmente, foi habitada pelos indígenas Mongoyó, Ymboré e Pataxó e as aldeias se expandiam por uma ampla faixa chamada Sertão da Ressaca⁷¹. A chegada dos colonizadores portugueses a esse território foi devido à exploração de metais preciosos, principalmente o ouro, e à apropriação política. Um dos principais responsáveis pelo desbravamento dessa região foi o bandeirante João Gonçalves da Costa, um português que ficou conhecido como um dizimador de aldeias. Após muitas batalhas, a ocupação do Sertão da Ressaca foi realizada por conta da derrota dos povos indígenas e, a região, até então conhecida como Arraial da Conquista, foi, em 1840, elevada à posição de Vila, sendo nomeada Imperial Vila da Vitória, e só em 1891 foi promovida à condição de cidade com o nome Conquista, o qual, mais tarde, em 1943, foi alterado para Vitória da Conquista, mediante a Lei Estadual nº141.

Essa referida cidade está localizada no Sudoeste da Bahia (cf. Imagem 03), sendo o terceiro maior município do Estado, ficando atrás apenas de Feira de Santana, e, conforme o censo do IBGE de 2016, Vitória da Conquista tem uma população aproximada de 346.069 habitantes distribuídos em uma área de 3.704,018 km².

⁷⁰ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=293330>.

⁷¹ Conforme uma pesquisa realizada por Guimarães (2014), o termo Sertão da Ressaca não está relacionado somente à extensão geográfica de Vitória da Conquista, mas, também, às regiões limítrofes de Anagé, Planalto e Barrado Choça.

Figura 4:Localização de Vitória da Conquista



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista

Após a abordagem sobre a constituição do *Corpus* PCVC, passemos para a amostra selecionada.

4.3 AS ENTREVISTAS SELECIONADAS

Em geral, as entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro de perguntas previamente estabelecido. Essas perguntas tinham o propósito de suscitar respostas subjetivas, por isso, eram relacionadas a diversos assuntos, como infância, família, viagens, educação, política, filmes, músicas, festas e religião (cf. Anexo I), e o entrevistador, percebendo o interesse do informante, tinha a liberdade, no momento da gravação, de modificar o assunto em função de algum conteúdo que o entrevistado demonstrasse maior afinidade em discorrer a respeito. Ademais, as entrevistas realizadas têm, no mínimo, 60 minutos de duração e foram transcritas conforme a chave de transcrição produzida pelo Professor Dr. Dante Lucchesi (Projeto Vertentes)⁷².

Para a nossa análise, considerando que a repetição seja uma estratégia altamente produtiva na oralidade e que o nosso objetivo seja, principalmente, descrever como falantes do *Corpus*PCVC utilizam tal recurso na língua falada, selecionamos uma amostra de 04 (quatro) entrevistas, observando 30 minutos de cada. Após esse processo, tivemos acesso ao áudio de cada conversação e delimitamos as pausas, para, então, classificarmos as estruturas repetidas.

Em relação aos informantes selecionados, foram:

Quadro 13: Informantes selecionados do *Corpus* PCVC.

Informante	Sexo
------------	------

⁷² Site do Projeto Vertentes: <http://www.vertentes.ufba.br/home>

F.S.L.B.	Masculino
R.F.V.	Masculino
L.S.S.	Feminino
A.I.R.M.	Feminino

Fonte: elaborado pela autora

Todos esses informantes selecionados são ou foram estudantes do curso de Letras. O informante F.S.L.B., do sexo masculino, com 19 anos de idade, ministra aulas de inglês em um curso de idiomas, é natural do município de Vitória da Conquista, porém já morou em outros lugares e retornou a essa cidade ainda adolescente. O informante R.F.V., do sexo masculino, com 37 anos, trabalha como agente de leitura. Já a informante L.S.S., do sexo feminino, com 37 anos de idade, ministra aula para alunos da Educação Básica. Por fim, a informante A.I.R.M, do sexo feminino, com 60 anos de idade, além de ser formada em Letras, possui especializações em Língua Portuguesa e em Linguística Aplicada e é professora universitária aposentada.

Em nosso trabalho, fizemos tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa. Por um lado, realizamos um estudo qualitativo com o objetivo de observar como a repetição é um processo metonímico, o qual ocorre entre subdomínios de um domínio-matriz, e metafórico, o qual parte de um domínio genérico para um mais específico, e como esse fenômeno auxilia na condução e manutenção do tópico discursivo, na coesão e argumentatividade do texto falado e na compreensão do ouvinte. Por outro lado, fizemos uma análise quantitativa com o propósito de identificar quais aspectos funcionais são mais recorrentes na fala de cada informante selecionado e, assim, na amostra analisada,

A seguir, conceituaremos unidade discursiva e demonstraremos quais parâmetros foram tomados para analisar as funções microestruturadoras da repetição.

4.4 UNIDADES DISCURSIVAS

Anteriormente, quando apresentamos os trabalhos feitos por Ramos (1983) e Oliveira (1998), notamos que as pesquisadoras usam alguns procedimentos diferenciados para analisar a repetição na língua falada. Ramos (1983) divide o estudo da repetição em dois subgrupos: as repetições que atuam no nível da sentença e as que atuam no nível do discurso, mais precisamente, da unidade de assunto. Já Oliveira (1998) faz uma análise da repetição, dividindo-a em dois grupos a partir da unidade discursiva (UD): o da microestruturação, a organização interna da UD, e o da interestruturação, a disposição das UDs entre si. Assim, antes de explicarmos o nosso critério de análise acerca das estruturas repetidas,

apresentaremos algumas definições sobre unidade discursiva, a fim de conduzir a nossa proposta de diálogo entre as duas pesquisas citadas.

De acordo com Castilho (2014), unidade discursiva é uma característica do texto falado, “composto por um conjunto de sentenças que tratam do mesmo assunto, correspondendo ao parágrafo na língua escrita.” (CASTILHO, 2014, p.695). Nesse sentido, Ramos (1983) propõe um paralelo entre o parágrafo na língua escrita e unidade discursiva, que a linguista prefere denominar de unidade de assunto, pois considera a sequência inicial como tópico frasal, já que, nessa sequência, é expressada a ideia central do conteúdo que será desenvolvido nas sequências decorrentes; e Oliveira (1998) entende que a unidade discursiva é “composta por elementos mínimos: orações (com verbo expesso) e/ou frases (com verbo elidido)” (OLIVEIRA, 1998, p.17).

Ainda segundo Castilho (2014), as unidades discursivas podem ser identificadas a partir: “(1) de expressões que figuram na margem esquerda das sentenças tematicamente centradas, (2) [das] próprias sentenças, que atuam como núcleo da unidade discursiva, e (3) [das] expressões que figuram à direita das sentenças (CASTILHO, 2014, p.695)”. Por isso, a unidade discursiva tem uma organização semelhante à da sílaba, da palavra, do sintagma e da sentença, já que ela tem (i) uma margem esquerda (ou Especificador), com a função de introduzir por meio de diversos marcadores conversacionais; (ii) um núcleo, com uma ou mais frases nominais ou verbais; e, também, (iii) uma margem direita (ou complementizador), com um marcador lexical de natureza fática que expressa a busca do locutor pela aprovação de interlocutor.

Conforme Oliveira (1998), a UD, assim como a repetição, obedece ao princípio funcionalista de iconicidade, pois cada UD é motivada na medida em que apresenta um assunto e organiza, em seu sistema interno, os seus elementos mínimos (as orações e/ou frases). Desse modo, as UD's, estabelecendo uma estrutura hierárquica, compõem subtópicos que formam tópicos e estes, por sua vez, produzem toda a conversação. Além disso, a unidade discursiva acata a três subprincípios icônicos: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear. O primeiro, no sentido de que quando as UD's são produzidas a partir de um mesmo conteúdo, elas tendem a estar mais próximas no fluxo conversacional; o segundo corresponde ao fato de que os subtópicos mais realizados possuem maior número de UD's; e, por fim, o terceiro é marcado pela condução linear de sentido produzida pela sequência de UD's formadoras de um determinado subtópico.

Dito isso, em nosso estudo, optamos por analisar a repetição operando no nível da sentença, identificando funcionalmente a relação entre as sentenças na organização interna de

uma UD. Em outras palavras, observamos somente as autorrepetições que atuam no grupo da microestruturação, abordadas por Oliveira (1998), propondo um diálogo com as repetições que atuam no nível da sentença, apresentadas por Ramos (1983). Para tanto, verificamos a unidade discursiva a partir de um critério sobretudo semântico, tendo vista que essa produz um núcleo significativo por meio da articulação de seus elementos mínimos.

Embora reconheçamos a importância de um estudo entoacional, restringimo-nos apenas à marcação de pausas, pois elas são decisivas para a identificação de determinados aspectos funcionais da repetição. Nesse sentido, baseando-nos nos estudos de Ramos (1983), as pausas com entonação de vírgula, em limite sintático, serão ilustradas com /, ao passo que as pausas com entonação de final de sentença serão representadas com //.

A seguir, apresentaremos as funções selecionadas.

4.5 CATEGORIAS FUNCIONAIS DA REPETIÇÃO

Na primeira seção, abordamos alguns estudos funcionalistas que nos auxiliaram na proposta de diálogo entre as categorias funcionais da repetição apresentadas por Ramos (1983) e as categorias apresentadas por Oliveira (1998). Por um lado, a partir da pesquisa de Ramos (1983), selecionamos 05 (cinco) aspectos funcionais que atuam no nível da sentença: Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Reforço e Intensificadora. Por outro lado, mediante o estudo de Oliveira (1998), escolhemos as funções que operam no nível da microestruturação, isto é, repetições que ocorrem na organização da unidade discursiva, sendo que 02 (duas) dessas funções trabalhamos separadamente: Contraste e Temporalização; e 04 (quatro) trabalhamos como subcategorias da função Distribuidora, abordada por Ramos (1983): Desdobramento, Enumeração, Paralelização e Reparação. Por considerar que esses dois grupos da repetição, apesar de serem pesquisas diferenciadas, são estudados a partir de um mesmo parâmetro, o da repetição operando nos elementos mínimos (orações e/ou frases) da unidade discursiva, optamos por agrupar todos esses aspectos funcionais em um só conjunto, o da microestruturção, adotando a nomenclatura abordada por Oliveira (1998).

Esclarecemos que, em nossa pesquisa, trabalhamos apenas com os tópicos e subtópicos que compõem uma determinada unidade discursiva. Assim, não analisamos as UDs entre si, com exceção da paralelização, em que consideramos a heterorrepetição e a autorrepetição, visto que, entre as categorias estudadas, a paralelização é a única que se manifesta em heterorrepetições, com a função de fornecer coesividade ao início do turno discursivo do informante, mantendo uma relação com o que foi perguntado pelo entrevistador.

Com os critérios metodológicos apresentados, passemos para a análise e discussão dos dados.

5 “REPETIR, REPETIR – ATÉ FICAR DIFERENTE”: A MULTIFUNCIONALIDADE DA REPETIÇÃO

“Sei que às vezes uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas?”

Renato Russo, 1986

Palavras Iniciais

Nesta seção, descrevemos o papel da repetição no processo de interação discursiva, mostrando, na prática, como o Funcionalismo com base cognitiva fundamenta o nosso estudo. Primeiramente, apresentamos uma análise qualitativa dos dados selecionados, analisando os elementos mínimos que compõem uma UD e demonstrando como a repetição auxilia na coesão e condução do tópico discursivo; em seguida, apresentamos a análise quantitativa das funções microestruturadoras elencadas, observando qual das funções foi mais frequente no geral e em cada entrevista analisada na amostra de fala retirada do *Corpus PCVC*.

5.1 ANÁLISE QUALITATIVA DA REPETIÇÃO NO *CORPUS PCVC*

Em nossos estudos, elencamos 07 (sete) funções: a reconstituidora I, a reconstituidora II, a distribuidora, o reforço, a intensificadora, o contraste e a temporalização; sendo que, na função distribuidora, há 04 (quatro) subfunções: a retificação, a paralelização, a enumeração e o desdobramento.

5.1.1 Reconstituidora I

A repetição reconstituidora I tem a função de promover contiguidade a elementos que foram distanciados por alguma inserção. Vejamos:

(06)INF: [...] **eu não gosto** por exemplo **eu não gosto de** reunião demais [...] (A. I. R. M.).

(07)INF: [...] **tem uma coisa engraçada** / ah sim **tem uma coisa engraçada** de quando eu era criança [...] (F.S.L.B.).

No fragmento (06), o documentador pergunta sobre a profissão da informante e elarelata a rotina de professor, apresentando o que não gosta. Assim, o falante repete a sequência “eu não gosto”, logo após a expressão “por exemplo” que separou tal estrutura de seu complemento, optando por formar, dessa segunda vez, uma estrutura canônica (sujeito + verbo + complemento): “eu não gosto de reunião demais”.

Já no trecho (07), o documentador pergunta se o informante gosta mais do frio devido ao fato de ele ter morado em cidades mais quentes, então, ele diz que sim e logo se lembra de

algo aconteceu na sua infância em relação a esse assunto. Nesse recorte que fizemos para apresentarmos as estruturas repetidas, o informante retoma o sintagma verbal “tem uma coisa engraçada” depois do marcador discursivo “ah sim”, reconstituindo a estrutura com o complemento nominal “de quando eu era criança”. Desse modo, a partir dessas repetições, o ouvinte foi lembrado de uma informação inicial que, talvez, precisasse ser reestabelecida após a ruptura. Segundo Ramos (1983), na reconstituidora I, a oração, para o falante, é percebida como uma unidade, assim, a interrupção na sentença, como, nesses casos, por meio do “por exemplo” e do “ah sim”, provoca, no indivíduo, a necessidade de repetir toda a estrutura que já foi dita.

Ainda segundo Ramos (1983), há uma tendência para que estruturas canônicas como (i) sujeito + verbo + complemento, (ii) sujeito + verbo intransitivo e (iii) sujeito + verbo de ligação + predicativo sejam reconstruídas por meio da estratégia da repetição. No entanto, há a reconstrução de outras estruturas também, como em:

(08) INF: **A minha infância** foi **uma infância** muito movimentada [...] (A.I.R.M.).

No enunciado (08), o sujeito, que, também, exerce a função de tópico, “a minha infância”, é repetido após o verbo como uma maneira de enfatizar uma informação e facilitar a compreensão do ouvinte. Percebemos que se suprimíssemos o sintagma nominal, “uma infância”, não haveria prejuízo no entendimento semântico da sentença. A partir disso, somos licenciados a inferir que, na repetição, há uma busca por uma maior expressividade.

No entanto, em alguns casos, quando eliminamos o elemento que foi reconstruído, há um prejuízo na compreensão do ouvinte:

(09) INF: [...] eu pretendo **fazer** no futuro após terminar meu *cur* // minha graduação em Letras e estar trabalhando nessa área porque eu já sou professora primária /**fazer**o curso de Direito [...] (L.S.S.).

No trecho (09), o documentador pergunta o porquê de a informante ter escolhido Letras e ela diz que foi a vontade de aprender a falar e a escrever corretamente para, no futuro, poder fazer o curso de Direito. Assim, nos termos repetidos, notamos que se a informante não retomasse o verbo “fazer”, o ouvinte teria que memorizar a oração inicial “eu pretendo fazer no futuro”, recodificar as orações posteriores e, depois, estabelecer uma relação entre a sentença inicial e a sequência “curso de Direito”. Conforme Ramos (1983), como a memória a curto prazo tem uma capacidade limitada, há a probabilidade de a oração inicial ser esquecida antes que a sequência final seja inserida. Nesse sentido, podemos dizer

que a sentença é considerada pelo falante como uma unidade, visto que qualquer interrupção proporciona a reconstituição de elementos já enunciados.

Há, também, a reconstituição de uma estrutura com variação formal. Vejamos:

(10)INF: [...] **todas as pessoas** que conseguem chegarna universidade depois dos 30 / como eu entrei com 35 anos / **a gente** tá mais seguro com que a gente quer [...] (L.S.S.).

No fragmento (10), o informante inicia a oração com uma sequência genérica “todas as pessoas” e, após um comentário, o qual ele se inclui entre essas pessoas que entram na universidade depois dos 30 anos, por meio da sentença “como eu entrei com 35 anos”, o falante retoma, com variação formal e de maneira mais específica, o sujeito inicial com o termo “a gente”, que reforça a sua inclusão no discurso. Percebemos que se o informante não tivesse reconstituído o sujeito da oração com o elemento “a gente”, o enunciado permaneceria no plural, sem grandes prejuízos na compreensão do ouvinte: “**todas as pessoas** que conseguem chegarna universidade depois dos 30 / como eu entrei com 35 anos / *estão mais seguras com o que querem*”.

Além disso, nesse último exemplo, podemos, claramente, analisar o processo metonímico ocorrendo no ato de repetir. Como vimos anteriormente, a projeção metonímica pode acontecer entre domínios, somente se estes forem subdomínios de um domínio-matriz. Desse modo, quando o informante utiliza o sujeito “todas as pessoas” (domínio-matriz) e retoma esse sujeito mediante o termo “a gente” (subdomínio), ele se insere no discurso e faz referência, com um antecedente explícito, a todas essas pessoas que entram na faculdade depois dos 30 anos. Esse antecedente, por sua vez, é parte de um todo, o que configura o processo metonímico, como nos exemplos (08) e (09).

Traçando um diálogo com as funções abordadas por Oliveira (1998), a reconstituidora I corresponde à categoria funcional reordenação que tal linguista define como o processo de reelaboração que tem por finalidade recuperar ou reformular estruturas interrompidas pela inclusão de algum comentário ou marcador discursivo.

5.1.2 Reconstituidora II

A repetição reconstituidora II corresponde à reconstrução de estruturas canônicas ocupando a localização original de elementos que foram topicalizados:

(11)INF: **Num grupo de teatro** // eu namorava uma outra pessoa/ porque namorei de dez a catorze anos com um rapaz e aí eu conheci meu marido/ que hoje é meu marido/ **conheci num grupo de teatro** [...] (A.I.R.M.).

No enunciado (11), o documentador pergunta onde a informante conheceu o seu marido e, então, elainicia o seu discurso topicalizando o advérbio de lugar, “num grupo de teatro”, que será repetido após um comentário, preenchendo a sua posição sintática canônica, “conheci num grupo de teatro”.

Na ocorrência (12), a seguir, o documentador pergunta se o informante lembra-se de algum fato interessante que tenha ocorrido no seu trabalho. O informante, inicialmente, responde que não e depois topicaliza a expressão “a aula” que, após uma pausa, é retomada, ocupando a sua posição original de objeto direto e seguindo a organização canônica de uma oração – sujeito (inexistente) + verbo + complemento (objeto direto):

(12)INF: [...] **a aula** / **tema aula** e vai embora, é só isso [...] (F.S.L.B.).

Já no enunciado (13), o documentador questiona como é a relação da informante com o filho. A informante responde que é “de irmã”. Assim, ela topicaliza essa sentença (de irmã) que, quando retomada, será colocada em sua posição original de predicativo do sujeito, formando uma estrutura padrão (sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito): “minha relação com meu filho é mais de irmã”. Observemos:

(13)INF: **de irmã** / infelizmente, depois de ter sido avaliada por uma psicóloga // minha relação com meu filho **é mais de irmã** do que de mãe e filho (L.S.S.).

Por fim, notemos que a topicalização presente nas ocorrências apresentadas pode ser interpretada como uma estratégia de enfatizar um elemento. Essa categoria funcional, a reconstituidora II, reflete, de certa maneira, o processo cognitivo do falante quando este coloca primeiramente em evidência, na função de tópico, a informação que ele julga ser mais importante e, também, acata ao subprincípio da ordenação linear no sentido de que, por meio da repetição, o falante reconstitui uma estrutura canônica. Além disso, na Reconstituidora II, o processo metonímico é revelado quando o falanteretoma os termos que, inicialmente, foram topicalizados, pois eles fazem referência à repetição matriz, sendo, assim, subdomínios de um domínio-matriz. E, ainda, estabelecendo um diálogo com a reescrituraçãoabordada na Semântica do Acontecimento, notamos que as palavras repetidas (de irmã/de irmã) não só fazem referência a outros elementos do texto, mas elas, também, auxiliam-nos na composição de sentido, pois as palavras carregam uma história, permitindo que interpretemos o texto após o acontecimento.

Mediante essas análises, percebemos que a principal diferença entre a reconstituidora I e a reconstituidora II deve-se ao fato de que, na primeira, a inserção de sentenças provoca um

distanciamento entre os constituintes da oração inicial, ao passo que, na segunda, um dos elementos da sentença, inicialmente, fica fora de sua ordem sintática, por causa da topicalização, sendo necessária, assim, a repetição para reconstruir a estrutura canônica.

5.1.3 Distribuidora

A função distribuidora torna explícito o tópico que será explicado na nova sequência, auxiliando na coesividade do discurso. Analisemos o seguinte exemplo:

(14)INF: Bom eu não gosto de **São João**// quando o **São João** vira micareta ou carnaval né? Mas eu gosto daquele **São Joãozinho** assim de cidade do interior sabe? [...] (F.S.L.B.).

Nesse excerto, o documentador pergunta se o informante gosta de São João. Assim, quando o falante, inicialmente, informa que não gosta de São João, indica que as próximas sentenças serão sobre tal tópico. Dessa maneira, a repetição da expressão “São João” gera novas sequências, assegurando a coesividade do discurso. Nesse sentido, segundo Ramos (1983), o tópico atua de forma semelhante ao título de um texto. Em relação a uma análise sintática, notamos que a matriz, constituída pelo SN São João em “gosto de São João” tem a função de complemento verbal (objeto indireto), ao passo que em “o São João vira micareta”, a repetição tem função de sujeito e, por fim, volta a ser completo verbal em “gosto daquele São Joãozinho”. Essa mudança de função sintática revela o processo da reanálise.

Observemos outro enunciado que caracteriza a função distribuidora:

(15)INF: A minha **rua** é uma **rua** // eu posso falar o nome da **rua**? A **rua** / **rua** João Pessoa que já foi **rua** da Boiada, né, popularmente conhecido como **rua** da... hoje é uma **rua** altamente movimentada [...] (A.I.R.M.).

No enunciado (15), o documentador pergunta à informante se o bairro onde ela mora é movimentado ou tranquilo. Desse modo, em seu discurso, A.I.R.M indica que o tópico a ser desenvolvido será sobre a sua rua e, após uma pergunta ao documentador, ela continua a abordagem sobre o assunto. Sintaticamente, podemos observar que **rua**, em um primeiro momento, é núcleo do sujeito (“a minha rua”), em seguida predicativo do sujeito (“é uma rua”), depois complemento nominal (“nome da rua”), sujeito (“a rua / rua João Pessoa), predicativo do sujeito (“foi rua da Boiada”), o objeto direto (“conhecido como rua”) e, por fim, novamente, predicativo do sujeito (“hoje é uma rua”).

A partir dessa análise, podemos notar que há a repetição de uma forma (rua), anáfora formal, e, a cada reduplicação de um elemento, há a presença de uma nova informação (rua João Pessoa/ rua da Boiada/ rua altamente movimentada), fato que renova o significado,

caracterizando, portanto, a catáfora conceptual. Assim, ratificamos a nossa premissa de que repetir não é dizer o mesmo.

Outros aspectos que analisamos nesse exemplo foram o processo de reanálise e o processo metonímico. Mediante o contexto sintático, percebemos que há uma mudança de função sintática do termo repetido (rua), o que proporciona uma reanálise do léxico nas relações sintagmáticas e, também, do ponto de vista semântico, já que há uma ampliação no sentido. Em relação ao processo metonímico, a repetição de “rua” proporciona uma relação de contiguidade que ocorre por meio de um antecedente explícito (rua) e por um antecedente implícito, pois, apesar de o documentador perguntar, de uma maneira geral, sobre o bairro da informante, ela responde dando características da sua rua, fazendo, conseqüentemente, referência ao bairro. Isso revela como a experiência do indivíduo e o modo como interpreta a realidade que está a sua volta reflete na linguagem. Nesse sentido, podemos categorizar “rua” como parte de um todo: “bairro”. Ademais, promovendo uma relação com a Semântica do Acontecimento, embora o termo bairro não seja mencionado pelo informante, o vocábulo “rua” traz uma história que nos permite interpretar as características do bairro.

Por fim, essa ocorrência revela também aspectos da função reconstituidora I, pois o falante retoma o termo “rua” como uma forma de enfatizar e focalizar o tópico discursivo: “A minha **rua** é uma **rua**”; A **rua** / **rua**⁷³ João Pessoa que já foi **rua** da Boiada”. Nesse sentido, reforçamos a natureza multifuncional e polissêmica da repetição.

Estabelecendo um diálogo com a pesquisa feita por Marcuschi (2015) acerca da repetição, a função distribuidora corresponde ao aspecto funcional esclarecimento, abordado pelo referido linguista, que consiste em tornar explícito as informações que serão desenvolvidas e, por meio de repetições alteradoras ou idênticas, promover a ampliação dessas informações.

Ramos (1983) aborda outros casos que se encaixam na função distribuidora, porém não chega a nomeá-los como subfunções. Assim, considerando a nossa proposta de diálogo entre as pesquisas de Ramos (1983) e Oliveira (1998), nomeamos esses outros casos partindo das funções microestruturadoras abordadas por Oliveira (1998), sendo elas: o desdobramento, a enumeração, a paralelização e a reparação.

5.1.3.1 Desdobramento

Diferentemente da função distribuidora, o desdobramento ocorre, no desenvolvimento do tópico discursivo, quando uma informação, que *a priori* estaria em um plano periférico, é

⁷³ A repetição de **rua** seguida de uma pausa caracteriza uma hesitação.

retomada, tornando-se o subtópico da unidade discursiva. Para entendermos melhor, observemos a ocorrência a seguir:

(16)DOC: E como era as brincadeiras na sua infância?

INF: [...] eram brincadeiras ou de rua, ou de quintal, então nós brincávamos muito e brincávamos eh... trabalhando muito com o corpo, porque por exemplo era muito de pular, era muito brincadeira de correr, era muito brincadeira de... de... de fazer peraltices, certo?, então a gente tinha eh//**tonga**. **Tonga** era o nome de uma brincadeira que em outros lugares eh... recebiam outros nomes, mas aqui se chamava **Tonga**, que era uma brincadeira de correr para pegar o outro, né?, então chamava-se **Tonga**, em outros lugares chamava picula eh... mas aqui o nome era **Tonga**. Tinha duas espécies de **Tonga**, tinha **Tonga** de... de correr e tinha **Tonga** de esconder, pra você poder encontrar o outro que tava escondido, e no **Tonga** de correr, uma... uma pessoa pessoa era destinada ao **Tonga**, que corria atrás das outras pessoas. Bem, aí também havia uma submodalidades, era de pegar, segurar ou então o **Tonga** tinha triscou pegou, era considerado pegou. Isso era uma das brincadeiras [...] (A.I.R.M.).

Na ocorrência apresentada, podemos notar que, a partir do tópico “brincadeiras da infância”,houve um comentário paralelo sobre uma determinada brincadeira, o “tonga”, proporcionando, assim, um desdobramento de informações acerca do subtópico. O comentário paralelo, por ter aspectos semântico-funcionais, vale-se desse recurso da repetição como uma maneira de ampliar a significação e auxiliar no fluxo discursivo (catáfora conceptual). Além da expansão semântica, percebemos que em cada repetição no nome “tonga” (anáfora formal), há uma função sintática diferenciada: (a) complemento verbal (objeto direto) em “a gente tinha eh// tonga”; (b) sujeito em “tonga era o nome de uma brincadeira”; (c) complemento verbal (objeto direto) em “aqui se chamava tonga” e “chamava-se tonga” (d) complemento verbal (objeto direto); (e) predicativo do sujeito em “aqui o nome era tonga”; (f) complemento nominal em “tinha duas espécies de tonga” (g) novamente complemento verbal (objeto direto) em “tinha tonga de correr” e “tinha tonga de esconder”; (h) advérbio de modo em “no tonga de correr” (i) mais uma vez complemento verbal (objeto indireto) em “uma pessoa era destinada ao tonga”; e, por fim, (j) novamente sujeito em “o tonga tinha triscou pegou”.

Nesse exemplo, na medida em que a palavra **tonga** é repetida, há uma nova informação que retrata a realidade de uma época, o que equivale ao fator experiencial, ao universo histórico-cultural do falante. **Tonga** é só parte das brincadeiras que estavam inseridas na infância do indivíduo, assim, o processo metonímico ocorre mediante um antecedente explícito (a repetição do vocábulo tonga) e, também, um antecedente implícito, já que **tonga** refere-se às brincadeiras de um modo geral.

A repetição com função de desdobramento, também, pode ocorrer por meio de referência pronominal:

- (17)DOC: {risos}Eh o que você acha das brincadêras de sua época em relação às brincadêras de hoje?
 INF: Não sei, eu acho que... cada época é uma época, né? Assim eu gostava de brincá [*correno*] na rua e eu podia [porque] a gente morava no... no internato e era, [tipo] era seguro, era murado e tinha um monte de família lá, a gente conhecia todo mundo... eh mas hoje apesar de sê mais difícil ainda...ainda acontece, né? Eu tenho um **primo**, **ele** é pirralhinho e **ele** brinca ainda com os colegas dele na rua, brinca de bicicleta, joga gude [...] (F.S.L.B).

O tópico da unidade discursiva é sobre as brincadeiras de antigamente e as brincadeiras de hoje e, mediante um comentário paralelo, um subtópico é desenvolvido, sendo referenciado pelo pronome “ele”. Quanto a análise sintática, o termo “primo”, primeiramente, exerce a função de completo verbal e, posteriormente, a função de sujeito.

Nesses dois casos citados, podemos perceber como a repetição é anáfora formal na retomada de uma forma idêntica (tonga>tonga) ou alteradora (primo > ele); é catáfora conceptual a cada novo sentido atribuído à forma repetida, por meio das características que são acrescentadas; e, além de ser um processo de reanálise pela mudança de função sintática, é um processo metonímico pelo fato de as repetições derivadas serem subdomínios de um domínio-matriz. No exemplo (17), o pronome anafórico “ele” faz referência a um antecedente explícito “primo”.

Para melhor entendermos a função desdobramento, observemos o seguinte exemplo:

- (18)INF: [...]eu procuro estar muito perto das pessoas com quem eu convivo no meu dia a dia, tanto na universidade / quanto no **bairro** onde eu moro / que é um **bairro** de periferia [...] (L.S.S.).

Nesse enunciado, o documentador pergunta sobre a forma de falar da informante e ela responde dizendo que usa gírias e tem sotaque, mas que isso, depende do lugar onde está, por isso, L.S.S. aborda sobre a sua convivência com as pessoas e cita alguns ambientes, a universidade e o bairro. Porém, quando a informante faz referência ao bairro, ela, por meio de uma repetição idêntica do termo destacado (anáfora formal), fornece uma característica ao termo que passou a ser o foco do seu discurso por um instante (catáfora conceptual). Essa característica especifica um elemento que antes era genérico.

Desse modo, houve uma projeção metonímica que concorda com um antecedente explícito, pois a repetição “bairro” é um subdomínio do domínio-matriz (bairro). Além disso, na expressão “bairro de periferia”, o falante faz referência à localização do bairro na periferia da cidade e não, necessariamente, que o bairro pertence à periferia, como indica o uso da preposição “de”. Com isso, a partir de um antecedente implícito, podemos ratificar a contiguidade, a função referencial da metonímia e a sua característica de ser, superficialmente, não literal. Podemos ver isso não somente nesse exemplo, mas, também, nas

ocorrências de tonga/tonga e de primo/ele, pois as repetições derivadas de uma repetição matriz configuram na relação metonímica da PARTE PELO TODO. Por fim, percebemos, mediante o contexto da entrevista, que a experiência da informante, o modo como ela se situa no mundo e no ambiente comunicativo refletem como ela usa a língua.

Em suma, o aspecto funcional desdobramento ocorre a partir do comentário paralelo de um tópico, no qual há a expansão semântica de um elemento, marcando o detalhamento de uma informação e gerando novas sequências.

5.1.3.2 Enumeração

A enumeração ocorre quando há a justaposição de itens. Conforme Oliveira (1998), a função enumeradora tem certa tendência a ser realizada em uma autorrepetição, sem variação formal. Ramos (1983) acrescenta que, nesse caso de justaposição, as estruturas não estabelecem formalmente quaisquer relações coordenativas ou subordinativas. Já Marcuschi (2015) denomina essa função de listagem, considerando que as listas, formadas por palavras ou orações, geram paralelismos sintáticos⁷⁴ – pressuposto, também, considerado por Ramos (1983). Verifiquemos a ocorrência a seguir:

(19) INF: **Morei** em Brumado/**moreiem** Cachoeira do São Félix [...]/**morei** em uma fazenda perto do município Firmino Alves/**morei** em Sobral no Ceará e **moreia** aqui em Vitória da Conquista (F.S.L.B).

Nesse exemplo (19), o informante é questionado acerca dos lugares onde morou. Assim, para responder a pergunta, ele forma uma espécie de lista a partir do sintagma verbal “morei”, elencando diversos complementos, mas apenas um de cada vez – fato que, provavelmente, seria diferente na modalidade escrita, pois seriam utilizados recursos sintáticos para relacionar os vários complementos a um mesmo sintagma verbal simultaneamente. Nesse trecho, podemos, ainda, perceber o duplo papel da repetição. Ela é anáfora formal, pois há a repetição de uma forma (morei) e, também, é catáfora conceptual, pois quando o falante forma uma espécie de lista a partir de um padrão sintático (morei/tinha), ele acrescenta uma nova informação.

Examinemos outros exemplos de enumeração:

(20) INF: [...] **sempre gostei de ler / sempre gostei de** adquirir livros [...] (R.F.V.).

⁷⁴O paralelismo sintático abordado por Marcuschi (2015) é bastante frequente na oralidade por meio da repetição, com ou sem variação formal, de estruturas.

(21)INF: [...] **porque** tinha que mudar / **porque** as coisas mudam / **porque** os tempos mudam / **porque** o contexto muda / **porque**a situação toda muda [...](A.I.R.M.).

No caso (20), o documentador pergunta o porquê de o informante ter escolhido o curso de Letras e, no enunciado (21), a informante foi questionada acerca da mudança do São João de antigamente em relação ao São João dos dias atuais na cidade de Vitória da Conquista. Nos dois trechos, notamos que, por meio da repetição de um padrão sintático (sempre gostei de/ porque), o qual configura a anáfora formal, um falante enfatiza o seu gosto pela leitura e outro enfatiza o porquê que as coisas mudam. As novas informações que são acrescentadas após a sentença “sempre gostei de” e após a conjunção “porque” são semelhantes, pois estão relacionadas à leitura e à mudança, mas, ainda assim, caracterizam a catáfora conceptual, já que há outra carga semântica. Ademais, nesses exemplos, são evidenciadas a experiência dos falantes e maneira como eles interpretam o mundo. Desse modo, eles foram motivados a repetir determinada sentença não apenas por causa de uma maior expressividade, mas, também, por causa de sua experiência e do seu contexto histórico-cultural.

Na enumeração, também, pode ocorrer listas em que somente é repetida uma parte da frase, como em:

(22)INF: [...] eu **tinha** amigos assim grupinho que eu andava / **tinha** um pernambucano / ø um amazonense, ø um mineiro / ø um maranhense, ø um carioca agora pensa nas gírias né? (F.S.L.B).

(23)INF: [...] a educação de Conquista **precisa de muitas** transformações e ø **de muitas** melhorias efetivas (L.S.S.).

A partir dessas ocorrências, verificamos que, para compreendermos os elementos que compõem a lista, é necessário que pressuponhamos o padrão sintático que serve de suporte: “tinha” e “precisa de muitas”. É válido ressaltar que as elisões ocorrem à esquerda, como no exemplo (22) e (23), pois elas omitem alguma estrutura (anáfora formal); já as expansões das listas ocorrem à direita, porque apresentam uma nova informação (catáfora conceptual). Nesse sentido, segundo Marcuschi (2015), “a listagem não é um procedimento de *tematização*, mas de *remantização* constante e se constitui como uma forma econômica de comentar e sustentar o tópico” (MARCUSCHI, 2015, p.222, grifo do autor).

Em suma, a enumeração é uma categoria de repetição importante e frequentemente utilizada, pois estabelece uma ligação interfrástica, por meio da repetição, fornecendo um tom harmonioso na interação entre os locutores que ora aparece explicitamente, que ora é marcado pela elipse, a depender da necessidade vislumbrada pelo interlocutor. Ademais, não consideramos que a metonímia ocorra nessa categoria funcional.

5.1.3.3 Paralelização

A paralelização é a função básica das repetições microestruturadoras. Essa categoria funcional atua nas unidades mínimas da UD que compartilham um valor semântico e/ou uma organização sintática semelhante, retomando itens lexicais ou estruturas sintagmáticas análogas enunciadas anteriormente. No estudo dessa função, também, fica evidente a relação entre repetição e paralelismo sintático, apresentado por Marcuschi (2015), na situação comunicativa. Para ilustrar essa categoria, Oliveira (1998) apresenta somente ocorrências com autorrepetições e Ramos (1983) aborda que esse caso da função distribuidora ocorre quando o falante reitera algo dito pelo interlocutor (heterorrepetição). Diante dessas possibilidades presentes nos estudos realizados sobre o tema, em nossa pesquisa, julgamos que a paralelização seja realizada tanto na autorrepetição quanto na heterorrepetição. Analisemos um exemplo de autorrepetição:

(24)INF: **Tive uma infância** muito feliz / **eu tive uma infância** extremamente movimentada (A.I.R.M).

Nesse fragmento, a informante é questionada sobre a infância dela e, inicialmente, ela responde com o sintagma oracional “tive uma infância”, no qual, é revelado um paralelo entre a matriz, que manifesta uma generalização sobre a infância (tópico), e a R, “eu tive uma infância”, que expressa uma nova informação mais específica acerca do tópico. Segundo Ramos (1983), alguns autores tratam o paralelismo sintático como uma estratégia enfática. No exemplo citado, há um tom intensificador do tópico, porém, assim como Ramos (1983), consideramos que o fator motivacional do paralelismo sintático seja facilitar o processo do discurso, promovendo a coesão com o acréscimo de um novo argumento “extremamente movimentada”, como no seguinte exemplo de heterorrepetição, com variação formal:

(25)DOC: ‘**Cê gosta de dar aula de inglês**, F.?
INF: **Eu gosto de dar aula de inglês** porque eu mantenho contato com a língua inglesa (F.S.L.B)⁷⁵.

Notamos que, nesse excerto, configura-se o encadeamento de uma nova sequência enunciada pelo informante a uma sequência anterior dita pelo documentador, por meio da repetição. Quando ocorre a heterorrepetição, percebemos que o informante é motivado a repetir a fala do documentador para que a sua resposta fique, possivelmente, melhor contextualizada, sem, necessariamente, ter uma intenção consciente que vá além da recuperação do que foi perguntado.

⁷⁵ É válido lembrar que, na função paralelização, consideramos, também, as heterorrepetições, por isso, há exemplos incluindo tanto a fala do documentador quanto a fala do informante.

Para além desse propósito, algumas ocorrências da paralelização trazem uma natureza explicativa ou restritiva:

(26) INF: [...] quando **eu vim pra Conquista** / **logo que eu vim pra cá** / eu morei no bairro Brasil [...] (F.S.L.B).

A partir de uma repetição alteradora, o falante produz uma espécie de aposto explicativo e as pausas reforçam essa representação de um aposto na língua falada. Agora, analisemos estes outros exemplos:

(27) INF: [...] eu lembro de alguns anos atrás a gente ia a **família** toda / **essa família** que se reúne pro natal [...] (F.S.L.B).

(28) [...] é uma necessidade né / de hoje em dia **da gente** tá morando nesse bairro / quando eu falo **a gente** é eu e minha família [...] (R.F.V.).

Nesses fragmentos, os informantes retomam o termo destacado (família/a gente) a fim de restringir as pessoas as quais eles estavam falando, construindo, assim, uma intercalada com o propósito especificativo. No trecho (27), o falante restringe toda a família àquela que se reúne para o natal, ao passo que, na ocorrência (28), o falante limita a expressão “a gente” a ele e à família. Ainda, podemos observar, nesses exemplos, o processo metonímico na repetição, pois as frases “essa família que se reúne pro natal” e “a gente é eu e minha família” são subdomínios que fazem referência a um antecedente explícito, o domínio-matriz “família toda” e o domínio-matriz “da gente”. Nesse sentido, os informantes repetem essas estruturas por uma necessidade que eles sentem de especificar ou explicar. Assim, o recurso da repetição está à disposição deles para fornecer coesividade ao discurso e facilitar a compreensão do ouvinte.

Conforme foi possível apreender, diferentemente da enumeração, a paralelização não apresenta significados muito distintos entre as sequências, sua função auxilia, mais especificamente, na argumentação, na coesividade e no valor enfático do texto.

5.1.3.4 Reparação

A reparação é uma marca da língua falada que tem por finalidade evitar embaraços característicos da conversação, auxiliando, assim, a interação entre interlocutores. Essa função consiste basicamente em repetir um elemento, fazendo a retificação de algo que foi dito anteriormente. Nas pesquisas apresentadas na Seção 2, podemos promover um diálogo da reparação com o aspecto funcional correção/retificação abordado por Defendi (2009), que

ocorre quando a informação repetida é, ligeiramente, diferente da que já foi enunciada. Analisemos a seguinte ocorrência:

(29) INF: Eu acho assim depende muito da criança mas eu acho que *eh...*
elas se di//**elas** sempre vão encontrar a diversão em alguma coisa tanto as de
 hoje// claro! [...] (F.S.L.B.).

No fragmento (29), o informante após um rompimento na estrutura sintática, repete o item “elas”, referindo-se a crianças, e reformula a estrutura, assegurando o *continuum* conversacional e expressando melhor a sua opinião. Sabemos que se fosse em um texto escrito, esse traço de reformulação não estaria evidente, pois, simplesmente, seria apagado. No entanto, como a oralidade apresenta-se sem ser passada a limpo, foi possível visualizarmos essa repetição com o propósito de reformulação.

Ramos (1983) trata essa função reparadora como um caso especial da função distribuidora, nomeando-o de retificação. Para tanto, a pesquisadora traz o seguinte exemplo:

Olha/
 tinha uma **diretora** lá no
diretora não/coordenadora//
 o nome dela é D. .Marina (E 5 P 5)⁷⁶

Constatamos que, nesse excerto, há a recorrência do nome “diretora”, seguido da partícula “não”, e a substituição pelo nome “coordenadora”, revelando, portanto, uma retificação. No nosso *Corpus* PCVC, encontramos amostras parecidas com esse exemplo de Ramos (1983), como em:

(30)INF: [...] *num* tenho **sonhos** assim estapafúrdios não... **sonhos** não,
 tenho vontades [...] (F.S.L.B.).

No fragmento (30), ocorre a retomada do item “sonhos”, seguido do advérbio de negação e sendo substituído por “vontades”, indicando uma correção para um uso mais adequado do que se pretende expressar. Esse caráter de oposição encontrado na função reparadora harmoniza-se com a pesquisa feita por Castro (1994). O linguista, considerando uma análise semântica, atestou que a maioria das ocorrências repetidas analisadas foi iniciada por expressões que têm determinado valor adversativo, como, por exemplo, ‘aliás’, utilizado para revisar ou corrigir algo. Nessa perspectiva a repetição exerce uma função de coesão textual que se realiza por meio da

[...] relação de oposição de idéias que ela estabelece em relação ao que vem antes no discurso, relação esta que não somente está implicada na própria noção de correção, como também se explicita nas expressões de caráter adversativo que introduzem a frase em que ocorre a repetição (CASTRO, 1994, p. 98).

⁷⁶ Exemplo citado por Ramos (1983), p. 86

Portanto, a repetição reparadora, a nosso ver, não ocorre somente quando há a ruptura de uma estrutura, mas, também, após o acréscimo de uma partícula negativa (não) ou marcador discursivo de natureza adversativa.

5.1.4 Reforço

A função reforço consiste em repetir enfatizando itens das sentenças, após uma pausa como em:

- (31)INF: [...] eu acho que se divertem **com outros tipos** de brincadeiras/
com outros tipos [...] (A. I. R. M.).
- (32)INF: [...] fiz a atividade e não tinha **nada** escritonada feito //
nada(L.S.S.).
- (33)INF: [...] mais afastado do Centro **é mais periférico** / **é periférico**
(R.F.V.).

No fragmento (31), por exemplo, a informante é questionada sobre a sua opinião em relação às brincadeiras de antigamente e as brincadeiras dos dias atuais. Em sua resposta, ela reforça uma informação que julga importante, por meio da repetição, sem variação, da sequência “com outros tipos”. No exemplo (32), a informante está relatando sobre um de seus alunos que não cumpria as atividades escolares e percebemos que, nessa narração, primeiramente, há a presença da função enumeradora em “nada escrito nada feito”, o que revela o caráter multifuncional da repetição, e, também, notamos a função reforço quando o informante, após uma pausa, reitera o termo “nada”. Por fim, no enunciado (33), o informante é questionado sobre o bairro onde mora e, mediante a retomada de uma sentença com variação formal, “é periférico”, ele enfatiza um dado que acredita ser importante. Assim, notamos que os falantes repetem uma informação após uma pausa com o intuito de chamar a atenção do ouvinte para o que é destaque, para eles, naquele discurso.

Nesse sentido, Ramos (1983) nomeia esse processo de repetição não contígua após uma pausa como “topicalização à direta”. Observemos outro exemplo:

- (34)INF: **Sempre fui um aluno de média**, [na] maioria das minhas
matérias eu tirava seis, as...é seis, sete, tirava oito, nove, dez nas
matérias de língua, português [e] inglês / **sempre [fui]**
assim(F.S.L.B.).

O informante, mediante uma repetição alteradora, enfatiza, no fim da unidade discursiva, uma informação que foi dita inicialmente, demonstrando, mais uma vez, uma espécie de topicalização à direita.

Outro aspecto que podemos observar no aspecto funcional reforço é que os dados repetidos pelos informantes trazem a história e o contexto do que já foi dito, mas acrescentando um tom enfático a esse dado, chamando atenção para o que os falantes julgam importante, portanto, essa repetição não diz, exatamente, a mesma coisa, pois há a renovação de uma carga semântica, o que configura a catáfora conceptual. É válido ressaltar que a história trazida nas ocorrências repetidas não diz respeito apenas ao contexto linguístico, mas, também, à experiência do indivíduo o modo como ele interpreta o mundo que está a sua volta. Por exemplo, quando o informante R.F.V. diz que o bairro onde mora está localizado na periferia da cidade, ele revela a sua experiência espacial e, ainda, enfatiza que esse local é, realmente, periférico, evidenciando, assim, o seu ponto de vista.

Além disso, a repetição da partícula **não** tem características as quais nos permitem interpretá-las como a função reforço, pois a segunda ocorrência é enunciada de maneira enfática e a omissão dessa ocorrência não acarreta em problemas de interpretação semântica. Vejamos:

(35)INF: [...] eu **num** gostava muito destas **não**(A. I. R. M.)

No entanto é uma estratégia cristalizada na língua portuguesa não há uma pausa considerável antes da partícula repetida, por isso, ela não foi considerada em nossos estudos.

Por fim, a repetição com função de reforço pode ter ou não variação, é utilizada como uma maneira de diminuir a falta de atenção do ouvinte e reforçar informações que, talvez, tenham passado despercebidas. E, além disso, como na enumeração, não consideramos o processo metonímico nessa função.

Para a classificação dessa função, observamos, sempre, a marca, do ponto de vista formal, estabelecida pela topicalização à direita.

5.1.5 Intensificadora

A função intensificadora ocorre quando o falante repete, de maneira contígua e sem variação, determinado item linguístico, como, por exemplo:

(36)INF: **Nãonão**, trabalho dando aula ainda não [eu pretendo] começar esse ano lá mesmo (F.S.L.B.).

No fragmento (36), o informante é questionado sobre o seu trabalho em determinada instituição de ensino e, assim, em sua resposta, ele repete a forma do advérbio de negação “não”, intensificando aspectos semânticos desse elemento.

De acordo com Ramos (1983), o efeito semântico da repetição de um elemento varia dependendo da classe gramatical a que ele pertence. Assim, quando adjetivos, advérbios ou locuções adverbiais são reduplicados, a repetição expressa intensificação, como no exemplo anteriormente citado, ou como no excerto a seguir:

- (37) INF: [...] o clima de Conquista é **muito bom muito bom** (A.I.R.M.).
 (38) INF: [...] é porque assim... eu sou **muito muito** controladora (L.S.S.).
 (39) INF: **Bom bom** mesmo eu não acho né [...] (R.F.V.).

No enunciado (37), o documentador pergunta acerca do clima de Vitória da Conquista e a informante responde de forma elogiosa, fato que é intensificado pela repetição da locução adverbial “muito bom”. Já, nos exemplos (38) e (39), a repetição dos advérbios “muito” e “bom” expressa uma carga semântica negativa, considerando o contexto linguístico. No (38), a informante é questionada sobre a relação dela com o pai de seu filho, assim, a reduplicação de “muito” evidencia essa qualidade, demasiadamente, negativa do termo controladora. Ao passo que, no (39), o documentador pergunta sobre o que o informante acha de morar em determinado bairro, e embora sua resposta seja iniciada com o advérbio “bom”, o que nos faz ter uma percepção positiva, a reduplicação de “bom”, juntamente, com o “não” citado posteriormente reforçava carga negativa do discurso.

Interessante destacar, no entanto, que, quando a reduplicação se dá por meio de verbos, indica continuidade ou repetição do processo:

- (40) INF: [...] porque o carnaval foi... foi
esmaecendo esmaecendo (A.I.R.M.).

Nos três trechos apresentados para explicar a função intensificadora, podemos observar a manifestação dos subprincípios da iconicidade: (i) o da proximidade, pois as repetições contíguas do advérbio, da locução adverbial e do verbo intensificam e partilham aspectos semânticos semelhantes; (ii) o da quantidade, visto que essas repetições idênticas expressam, com realismo e dinamismo, a experiência vivida pelo falante, demonstrando uma relação de motivação entre o sentido, quantidade e tempo, no caso do verbo, relacionados ao ato de negar, qualificar e esmaecer; e, por fim, (iii) o da ordenação linear, pois as repetições proporcionam uma gradação de sentido, intensificando características semânticas do item linguístico.

Do ponto de vista funcionalista, essas reduplicações revelam uma transferência de sentido entre os elementos explicada pelo processo de analogia e a motivação do falante em busca de uma maior expressividade, o que confirma o caráter icônico da repetição. E, apesar de, sintaticamente, as repetições do advérbio, da locução adverbial e do verbo não implicarem

uma mudança de função gramatical, elas manifestam uma nova carga de sentido a cada item repetido, por isso, a repetição é catáfora conceptual. Já nos termos da Linguística Cognitiva, a repetição do verbo “esmaecendo” caracteriza o processo metonímico PARTE PELO TODO, pois faz referência a um elemento implícito, a repetição da ação de “esmaecer”, isto é, o verbo no gerúndio “esmaecendo” é parte de uma ação (esmaecer) que, gradativamente, diminui.

Em suma, a função intensificadora acata ao princípio de iconicidade, pois a quantidade de repetição idêntica, em contiguidade, implica um maior volume de informação. Além disso, percebemos que o falante, ao utilizar essa função, realmente, tem a intenção de enfatizar um elemento, ao passo que em outras funções, como a paralelização, a distribuidora e o desdobramento, o informante reitera itens sem ter, necessariamente, uma intenção consciente, mas, em dúvida, há uma motivação na busca em fornecer coesividade ao discurso e facilitar a compreensão do ouvinte.

5.1.6 Contraste

A função contrastiva consiste em reelaborar a repetição matriz mediante uma manifestação distintiva ou opositiva. Nessa categoria, é função *sinequa non* a presença de um item ou expressão linguística com valor contrastivo. Avaliemos estes exemplos:

(41) INF: **Eu gosto de dar aula de inglês** porque eu mantenho contato com a língua inglesa, mas... **num gosto muito de dar aula não** (F.S.L.B).

(42) INF: [...] **não tinha muitos brinquedos** mas **os brinquedos que eu adquiria** // eu sabia aproveitar ao máximo né (R.F.V.).

No enunciado (41), o documentador pergunta se o informante gosta da sua profissão e, no enunciado (42), o informante é questionado sobre a sua infância. Nesses fragmentos, por meio da conjunção “mas” de valor adversativo, é expressa a oposição entre a repetição matriz (eu gosto de dar aula de inglês/não tinha muitos brinquedos) e a reelaboração dessas estruturas (*num* gosto muito de dar aula não/os brinquedos que adquiria). No caso do exemplo (41), essa reelaboração adicionada ao advérbio de negação “não” reforça ainda mais o caráter contrastivo entre as frases repetidas. Já no exemplo (42) é a falta desse advérbio na sentença reelaborada que revela o contraste em relação à negação que está presente na matriz.

Em um estudo feito por Castro (1994), a análise semântica da repetição exerce uma função textual de coesão que se processa mediante dois recursos: (a) a reduplicação de um item lexical; e (b) o contraste de informações que se organiza em relação ao que vem antes no enunciado, “relação esta que não somente está implicada na própria noção de **correção**, como também se explicita nas expressões de caráter adversativo que introduzem a frase em que

ocorre a repetição [...]” (CASTRO, 1994, p. 98, grifo do autor). Nesse sentido, o referido pesquisador advoga que há uma tendência a frases com um valor semântico adversativo proporcionarem o uso da repetição. O que, na Sociolinguística, denominaríamos como condicionantes internos.

É válido ressaltar que, além de conectivos com valores adversativos, alguns advérbios, também, podem interferir na construção de sentido da função contraste. Averiguemos os exemplos (43) e (44):

- (43) INF: Não acho que no meu tempo **as crianças** eram mais felizes não / acho que **as crianças** de hoje são felizes também (A.I.R.M).
 (44) INF: [...] hoje eu **entendo** dessa forma / há 15 anos atrás eu não **entenderia**[...] (L.S.S.)

No caso (43), a informante é questionada sobre o que ela acha em relação à infância antigamente e nos dias atuais. Na resposta, A.I.R.M. reduplica a sequência “as crianças”, mas, apesar de haver a repetição de uma mesma forma (anáfora formal), a M e a R têm sentidos diferentes (catáfora conceptual), pois essas crianças estão situadas em tempos diferentes, ainda que tenham a mesma característica de serem felizes. Notamos, em particular, a natureza contrastiva dessa reduplicação a partir da locução adverbial “no meu tempo” acompanhando M e do advérbio “hoje” ao lado de R.

No enunciado (44), inicialmente, o falante utiliza o verbo entender no tempo presente do modo indicativo, acompanhado do advérbio de “hoje” e, posteriormente, retoma tal verbo utilizando o tempo futuro do pretérito para se referir ao passado e não a uma condição que projeta um futuro. O que nos possibilita fazer essa interpretação não é, necessariamente, a forma “entenderia”, mas, sim, o sintagma verbal “há 15 anos atrás” que nos remete ao passado. Mediante esse exemplo, percebemos o contraste de duas sequências, sendo que uma está associada ao presente e a outra ao passado. Além dessa questão, identificamos, ainda, em (44), o aspecto funcional temporalização, o qual será explicado posteriormente. Essa análise ratifica a nossa concepção de que a experiência e a forma como o indivíduo interpreta o mundo, a partir de uma ancoragem corporal, influenciam, cognitivamente, na maneira como ele expressa a linguagem. No exemplo (44), o informante situa-se em um tempo e contrasta ideias que fazem parte de sua experiência. É válido ressaltar que este contraste é perceptível, linguisticamente, por meio de modelos simbólicos e cognitivos.

Portanto, podemos assegurar que a função contrastiva tem caráter argumentativo e, geralmente, as repetições por si só não revelam a oposição entre os argumentos. Como vimos,

é necessário analisarmos que está no entorno do elemento repetido, como, por exemplo, os valores de oposição provocados pelas conjunções adversativas e pelos advérbios.

5.1.7 Temporalização

A função temporalizadora diz respeito à repetição de verbos que sofrem alteração em suas desinências em função do modo e tempo verbais que melhor se adequam à necessidade do falante:

(45) INF: Repare bem / o ser humano ele é curioso do saber desde quando ele nasce e ele vai ser assim até **morrer** a não ser que ele **morra** antes de sucumbir fisicamente (A.I.R.M).

Nesse excerto (45), a informante é questionada sobre o porquê de o estudo ser importante. Então, na sua resposta, ela, primeiramente, utiliza o verbo na forma nominal do infinitivo e, posteriormente, utiliza o verbo no presente do modo subjuntivo. O verbo na forma nominal do infinitivo é substituído pelo subjuntivo a partir da necessidade de se estabelecer um elemento que condicione, colocando como provável, a ação da morte.

Conforme Oliveira (1998), a temporalização, frequentemente, está relacionada a outros aspectos funcionais da repetição, como se o recurso de reformulação verbal estivesse à disposição de outras funcionalidades da microestruturação, tais como a paralelização, o reforço e o contraste. Portanto, a repetição é, também, polissêmica. Assim, uma mesma estrutura formal que exerce várias funções. Examinemos os seguintes exemplos:

(46) INF: Você **tinha** uma gama de conteúdos muito pequena em relação à gama de conteúdo que você **tem** hoje [...] (A.I.R.M).

(47) INF: Sim eh // há nove anos que eu **moro** nessa // nesse bairro né / antes de eu morar nesse bairro eu **morava** num bairro mais central[...] (R.F.V.).

No excerto (46), a informante é questionada acerca da educação e, no (47), o documentador pergunta sobre onde o informante mora. Nesses enunciados apresentados, os falantes articulam o verbo em tempos diferentes, no (46), o verbo *a priori* o verbo “ter” é conjugado no tempo passado, “tinha” e, depois, no tempo presente, “tem”. Por sua vez, no (47), acontece, justamente, o contrário, pois o falante primeiro utiliza o verbo “morar” no tempo presente, “moro”, e, depois, no tempo passado, “morava”. Essa alternância no tempo verbal leva-nos à função contrastiva da repetição nessa ocorrência. Esse fato retrata como o indivíduo não só repete, como nesse caso em particular, determinado verbo, alterando o tempo e/ou o modo, buscando uma maior expressividade, como, também, realiza a repetição motivado pela sua experiência e pelo seu contexto histórico-cultural. Ainda, é válido ressaltar

que algumas expressões, dentro do contexto linguístico, reafirmam o caráter contrastivo do discurso, como, por exemplo: “hoje”, “há nove anos” e “antes”.

Em nossa pesquisa, consideramos, também, repetições alteradoras verbais associadas à função reparadora. Vejamos:

(48) INF: Também no meu tempo *num* era nota, né, no meu tempo era conceito, na faculdade era conceito, então eu **tirava//tirei** nessa dis... dois semestres [...] (A. I. R. M).

Nessa ocorrência, podemos observar que o informante, após uma pausa, realiza uma reparação no tempo verbal, substituindo a forma “tirava” (pretérito imperfeito) por “tirei” (pretérito perfeito), forma/tempo verbal que melhor expressa a sua experiência, denotando certeza à ação concluída.

Em geral, as repetições com função de temporalização têm caráter morfológico, o que nos leva a considerar que essas repetições estão situadas no eixo paradigmático. Logo, são explicadas pelo processo de analogia, pois a alteração ocorre na desinência verbal, a qual nos permite interpretar o tempo e o modo dos verbos, demonstrando as relações discursivas que diferenciam a natureza das ações realizadas.

5.1.8 Casos Especiais

Encontramos três casos de repetição com algumas características peculiares em relação às funções por nós elencadas.

O primeiro caso lembra-nos uma das figuras de estilo postuladas por Campos (1965): a epanástrofe, que é a repetição de um verso ou frase com palavras na ordem inversa. Avaliemos a ocorrência encontrada:

(49) INF: [...] **daqui para lá. De lá para aqui** (A. I. R. M.).

Nesse trecho, o informante repetiu uma sequência na ordem inversa a que ela foi dita inicialmente e essa repetição inversa está, de certa forma, vinculada à experiência espacial do falante, ele retoma os elementos, considerando a sua localização.

O segundo caso, também, remete-nos a uma figura de estilo apresentada por Campos (1965): a poliptóton, que é a repetição da mesma palavra em diversos casos, graus, tempos e pessoas. Essa figura, como já foi dito, é semelhante à temporalização, no entanto, é restrita apenas à repetição alteradora de verbos. As poucas ocorrências que encontramos referente a esse caso especial foram relacionadas à repetição de grau. Vejamos:

(50) INF: [...] assim eu *num* vejo problema em... em **criança** trabalhar não, eu trabalhei na realidade desde que eu era **criancinha** mas eu trabalhei em casa [...] (F.S.L.B.).

Nesse fragmento, o informante repete o termo em negrito, “criança”, por meio de uma variação de grau, utilizando o diminutivo, como uma forma de fazer referência ao seu tamanho quando criança, como se, com a presença desse grau, a idade pudesse ser percebida ainda como menor.

Por fim, o terceiro caso, já foi avaliado por Castilho (2014), o da nominalização, que ocorre quando o verbo repetido se nominaliza. Vejamos:

(51) INF: [...] pra mim **beijar** era uma coisa secundária sem nenhuma importância porque eu tenho // eu sentia uma coisa muito forte **prabeijar** alguém alguém e num gosto muito de beijá e aí ficou // **beijo** na boca tem que ter muito sentimento (L.S.S.).

No exemplo (51), podemos observar que o informante, na terceira referência à matriz (beijar), nominaliza o verbo, já citado duas vezes, em beijo, adequando-o à sua necessidade de uso e fornecendo coesividade ao texto.

Finalizada a nossa análise qualitativa, a seguir, apresentaremos a análise quantitativa dessas funções elencadas.

5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DA REPETIÇÃO NO *CORPUS* PCVC

Inicialmente, serão apresentadas quatro tabelas com o percentual dos aspectos funcionais da repetição encontrados em cada uma das entrevistas analisadas e, depois, mais duas tabelas, com os dados gerais obtidos em toda a amostra estudada. Na primeira tabela, mostraremos a análise percentual da entrevista de F.S.L.B.:

Tabela 1: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de F.S.L.B. do *Corpus* PCVC.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
PARALELIZAÇÃO	77	53%
ENUMERAÇÃO	12	8%
CONTRASTE	8	6%
DESDOBRAMENTO	7	5%
DISTRIBUIDORA	7	5%
TEMPORALIZAÇÃO	7	5%
INTENSIFICADORA	5	4%
RECONSTITUIDORA II	5	4%
REFORÇO	5	3%
REPARAÇÃO	5	3%
CASOS ESPECIAIS	4	3%
RECONSTITUIDORA I	2	1%

Fonte: Elaborado pela autora

Na entrevista desse informante, selecionamos 144 (cento e quarenta e quatro) ocorrências, sendo que a categoria mais localizada foi a paralelização, com 53% dos dados. Em um total de 77 ocorrências, 53 delas foram heterorrepetições e 24 autorrepetições. Acreditamos que esse resultado foi devido ao fato de o falante pouco desenvolver o tópico da unidade discursiva, por isso, foi necessário que o documentador fizesse um maior número de perguntas, as quais, geralmente, eram respondidas de maneira objetiva e com retomadas da fala do entrevistador.

Os tópicos discursivos mais desenvolvidos por esse falante foram os tópicos relacionados à infância, à família, à educação e à viagem.

Após a paralelização, nessa entrevista, as outras funções verificadas foram, por ordem de frequência: a enumeração, com 8%; o contraste, com 6%; o desdobramento, a distribuidora e a temporalização, com 5%; a intensificadora e a reconstituidora II⁷⁷, com 4%; o reforço e a reparação, com 3%; e, por fim, a reconstituidora I, com 1%.

Na próxima tabela, apresentaremos o percentual dos dados obtidos na entrevista do informante R.F.V.:

Tabela 2: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de R.F.V. do *Corpus PCVC*.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
PARALELIZAÇÃO	100	57%
ENUMERAÇÃO	11	6%
DESDOBRAMENTO	10	6%
TEMPORALIZAÇÃO	10	6%
CONTRASTE	8	5%
RECONSTITUIDORA I	8	4%
REPARAÇÃO	8	4%
DISTRIBUIDORA	7	4%
REFORÇO	6	3%
CASOS ESPECIAIS	4	2%
RECONSTITUIDORA II	3	2%
INTENSIFICADORA	1	1%

Fonte: Elaborado pela autora

Na entrevista de R.F.V., selecionamos 176 (cento e setenta e seis) ocorrências da repetição, sendo que o aspecto funcional mais recorrente foi a paralelização, com 57%. Em um total de 100 ocorrências, 57 delas foram autorrepetições e 43 heterorrepetições. Percebemos que esse resultado foi, relativamente, equilibrado. O informante desenvolveu bem

⁷⁷ As funções intensificadora, reconstituidora II, reforço e reparação tiveram o mesmo número de ocorrências, logo, o número percentual de cada uma delas, considerando as casas decimais, é: 3.472%. No entanto, o programa Excel aproximou os valores de duas funções, as quais tinham sido citadas, inicialmente, na tabela de cálculo.

os tópicos discursivos, retomando a fala do entrevistador. Além disso, os tópicos mais desenvolvidos foram os relacionados à educação e à família.

Quanto às outras categorias funcionais a repetição, as mais recorrentes, depois da paralelização, foram: enumeração, desdobramento e temporalização, com 6%; o contraste, com 5%⁷⁸, a reconstituidora I, a reparação e a distribuidora, com 4%; o reforço, com 3%; os casos especiais e a reconstituidora II, com 2%; e, por fim, a intensificadora, com 1%.

Na próxima tabela, apresentaremos os dados obtidos da entrevista da informante L.S.S.:

Tabela 3: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de L.S.S. do *Corpus PCVC*.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
PARALELIZAÇÃO	64	44%
ENUMERAÇÃO	18	13%
TEMPORALIZAÇÃO	14	10%
CONTRASTE	10	7%
DESDOBRAMENTO	10	7%
DISTRIBUIDORA	6	4%
REPARAÇÃO	6	4%
RECONSTITUIDORA I	4	3%
REFORÇO	4	3%
INTENSIFICADORA	3	2%
RECONSTITUIDORA II	3	2%
CASOS ESPECIAIS	2	1%

Fonte: Elaborado pela autora

Na entrevista desse informante, foram encontradas, também, 144 (cento e quarenta e quatro) ocorrências de repetição, sendo que, como na anterior, o aspecto funcional mais frequente foi a paralelização com 44%. Em tal função, com um total de 64 dados, 50 deles foram autorrepetições e apenas 14 foram heterorrepetições. Ao contrário da entrevista de F.S.L.B., o número de autorrepetição foi bem maior, pois os turnos discursivos desse falante eram maiores do que os turnos da entrevista que apresentaremos a seguir.

Após a paralelização, as outras funções identificadas, por ordem de frequência, foram: a enumeração com 13%, a temporalização com 10%, o contraste e o desdobramento com 7%; a distribuidora e a reparação com 4%; a reconstituidora I e o reforço com 3%; a intensificadora e a reconstituidora II com 2%; e, por fim, os casos especiais com 1%.

A seguir, representaremos na tabela os dados obtidos na entrevista de A.I.R.M.:

⁷⁸ As funções contraste, reconstituidora I e reparação tiveram o mesmo número de ocorrências, portanto, o percentual de cada uma delas, considerando as casas decimais, é 4,54%. Porém, o programa Excel aproximou o valor da função contraste, a qual tinha sido citada, inicialmente, na tabela de cálculo.

Tabela 4: Análise percentual das categorias funcionais da repetição selecionadas na entrevista de A.I.R.M. do *Corpus PCVC*.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
PARALELIZAÇÃO	37	23%
REFORÇO	21	13%
TEMPORALIZAÇÃO	20	12%
DESDOBRAMENTO	18	11%
ENUMERAÇÃO	17	10%
CONTRASTE	15	9%
INTENSIFICADORA	11	7%
DISTRIBUIDORA	7	4%
REPARAÇÃO	7	4%
RECONSTITUIDORA I	6	4%
RECONSTITUIDORA II	4	2%
CASOS ESPECIAIS	1	1%

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa entrevista, foram encontradas 164 (cento e sessenta e quatro) ocorrências de repetição, sendo que, também, a função mais frequente foi a paralelização, com 23%. Nessa função, em um total de 37 dados, 20 deles foram heterorrepetições e 17 autorrepetições. Percebemos que, embora o número de heterorrepetições nas duas entrevistas seja maior, nesse diálogo, há um equilíbrio entre esses dois tipos de repetição, como na entrevista de R.F.V. Ao passo que, nos diálogos anteriormente apresentados, não há esse equilíbrio, visto que, no de F.S.L.B., a quantidade de heterorrepetição era mais expressiva em relação à autorrepetição, enquanto que, no de L.S.S., a quantidade de autorrepetição era mais expressiva em relação à heterorrepetição. É válido ressaltar que, nas entrevistas de A.I.R.M. e de L.S.S., o documentador pouco fez perguntas, pois os informantes desenvolveram bastante os tópicos, ao contrário do falante F.S.L.B., o que, possivelmente favoreceu o maior número de heterorrepetições.

Depois da paralelização, as outras funções verificadas, por ordem de frequência, foram: o reforço; com 13%; a temporalização, com 12%; o desdobramento, com 11%; a enumeração, com 10%; o contraste, com 9%; a intensificadora, com 7%; a distribuidora, a reparação e a reconstituidora I, com 4%; e, por fim, a reconstituidora II, com 2%. As funções reforço, temporalização, desdobramento, contraste e intensificadora tiveram uma quantidade mais significativa se compararmos com os valores da outra entrevista, ao passo que a distribuidora teve uma quantidade equivalente e as funções reconstituidora I, reconstituidora II e reparação tiveram pouca frequência nos dois diálogos analisados.

Após essas representações dos dados obtidos em cada entrevista, apresentaremos duas tabelas com resultado total dos aspectos funcionais da repetição encontrados na amostra

selecionada: a primeira com os valores das 08 categorias analisadas e a segunda com os valores de cada categoria, incluindo as subcategorias da função distribuidora. Vejamos:

Tabela 5: Resultado geral das categorias funcionais da repetição analisadas no *Corpus PCVC*.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
DISTRIBUIDORA	434	69%
○ PARALELIZAÇÃO		
○ ENUMERAÇÃO		
○ DESDOBRAMENTO		
○ REPARAÇÃO		
TEMPORALIZAÇÃO	51	8%
CONTRASTE	41	7%
REFORÇO	36	6%
INTENSIFICADORA	20	3%
RECONSTITUIDORA I	20	3%
RECONSTITUIDORA II	15	2%
CASOS ESPECIAIS	11	2%

Fonte: Elaborado pela autora

Mediante os resultados apresentados, localizamos um total de 628 (seiscentos e vinte e oito) ocorrências, visto que a categoria funcional com um percentual mais expressivo foi a distribuidora, alcançando 69%. Essa função, também, foi a mais recorrente nos estudos de Ramos (1983).

Entre as subfunções da categoria distribuidora, a mais encontrada foi a paralelização, seguida da enumeração; depois, do desdobramento; e, finalmente, da reparação. Posterior à categoria distribuidora, os valores percentuais das outras funções analisadas foram: a temporalização, com 8%; o contraste, com 7%; o reforço com 6%; a intensificadora e a reconstituidora I, com 3%; e a reconstituidora II, com 2%; e, por fim, os casos especiais, com 2%. Vejamos, a seguir, a análise percentual de todas as funções avaliadas separadamente:

Tabela 6: Resultado geral de cada categoria funcional da repetição analisada no *Corpus PCVC*.

CATEGORIA FUNCIONAL	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
PARALELIZAÇÃO	278	44%
ENUMERAÇÃO	58	9%
TEMPORALIZAÇÃO	51	8%
DESDOBRAMENTO	45	7%
CONTRASTE	41	7%
REFORÇO	36	6%
DISTRIBUIDORA	27	4%
REPARAÇÃO	26	4%
INTENSIFICADORA	20	3%
RECONSTITUIDORA I	20	3%
RECONSTITUIDORA II	15	3%
CASOS ESPECIAIS	11	2%

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dessa tabela, percebemos que a categoria funcional mais recorrente é a paralelização, com 44%. Resultado que dialoga com a pesquisa de Oliveira (1998), a qual a função mais recorrente, também, foi a paralelização. Nessa categoria, foram consideradas as autorrepetições e as heterorrepetições, sendo que, em um total de 278 (duzentos e setenta e oito) ocorrências, a primeira foi encontrada em 148 (cento e quarenta e oito) dados e a segunda em 130 (cento e trinta). Após a paralelização, os percentuais dos aspectos funcionais localizados foram, em ordem de frequência: a enumeração, com 9%; a temporalização, com 8%; o desdobramento e o contraste, com 7%; o reforço, com 6%; a distribuidora e a reparação, com 4%; a intensificadora, a reconstituidora I e a reconstituidora II, com 3%; e, por fim, os casos especiais, com 2%.

A frequência das categorias funcionais pode ser explicada pelo princípio de marcação. O falante produz, naturalmente, repetições que proporcionam coesividade, sem muito esforço cognitivo, apenas como uma maneira de conectar elementos do texto, facilitando a compreensão do ouvinte. Nesse sentido, pensando na quantidade de funções paralelizadoras, ela foi menos marcada. Ao passo que as repetições que, de certa maneira, exigem um maior esforço do indivíduo, ainda que se seja para reconstituir e formar estruturas canônicas como: a reconstituidora I, a reconstituidora II e a reparação, elas são menos recorrentes, portanto, mais marcadas.

Em geral, notamos que (1) os dados encontrados na entrevista de A.I.R.M. e na de R.F.V. foram melhor distribuídos entre as categorias do que na dos informantes F.S.L.B. e L.S.S.; que (2) a paralelização foi a função com maior predominância nas entrevistas, como uma maneira de dar coesividade ao texto; e que (3) a quantidade de estruturas repetidas, de certa forma, depende da relação do falante com o tópico da unidade discursiva e da maneira como ele desenvolve tal tópico. Fato que confirma como a repetição é um mecanismo que auxilia na composição do texto e na condução do tópico discursivo, considerando a experiência do falante e a sua busca por uma maior expressividade.

Palavras Finais

Mediante as análises, qualitativa e quantitativa, reforçamos a tese que defendemos anteriormente, na Seção 3: a repetição é um recurso da oralidade, de caráter multifuncional, que obedece a um princípio de iconicidade. O falante, em busca de uma maior expressividade, é motivado, cognitivamente, a repetir estruturas que melhor se adequem à sua necessidade na interação discursiva, facilitando, assim, a compreensão do ouvinte e auxiliando na condução e manutenção do tópico discursivo. Essa expressividade é revelada na língua, que, por sua vez, reflete de alguma maneira a experiência do falante e a sua perspectiva sobre o mundo.

Ratificamos, ainda, o que advogamos na Seção 3, a repetição não é apenas a retomada de uma forma idêntica ou semelhante, pois a cada forma repetida, há uma ampliação de sentido e, por vezes, uma mudança no papel sintático, por isso ela é, simultaneamente, anáfora formal e catáfora conceptual. A partir desse duplo papel da repetição, algumas ocorrências foram explicadas pelo processo de analogia, outras pelo processo de reanálise e, ainda, em alguns dados, sobretudo nas funções Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Desdobramento, Paralelização e Intensificadora, pudemos verificar a projeção metonímica de PARTE PELO TODO.

Ademais, vimos como os subprincípios da iconicidade atuam no estudo da repetição. Em relação ao subprincípio da proximidade: analisamos as repetições que compõem uma determinada unidade discursiva, percebemos, claramente, que os termos retomados, referentes a um mesmo tópico ou subtópico, estavam próximos, ainda que não estivessem contíguos. Quanto ao subprincípio da quantidade: o ato de utilizar a repetição para conduzir o tópico discursivo e facilitar a compreensão do falante acarreta em um maior volume informacional. E, no que diz respeito ao subprincípio da ordenação linear: as repetições derivadas da repetição matriz revelam uma gradação de sentido, a cada informação acrescentada ao elemento reduplicado, obedecendo a uma linearidade.

Por fim, em relação ao princípio da marcação-expressiva, observamos a expressividade do falante no fluxo discursivo quando ele é motivado a utilizar repetições que expressam funções diversificadas, as quais, por vezes, encontram-se e revelam o caráter polissêmico da repetição. Já o princípio da marcação, pode ser observado nos valores percentuais das categorias funcionais. Dentre as 11 funções analisadas, a paralelização foi a mais recorrente e, portanto, a mais marcada, resultado já esperado, visto que essa função, considerando o princípio do paralelismo sintático, promove a coesividade do discurso. A partir desse resultado, reforçamos a premissa de que a maneira como o falante desenvolve o tópico discursivo reflete diretamente na quantidade de ocorrências selecionadas e no tipo de função mais recorrente, pois o informante que respondeu às perguntas objetivamente, produziu um maior número de heterorrepetições na paralelização do que os informantes que desenvolveram mais o tópico discursivo, produzindo, portanto, mais autorrepetições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi investigar, sobretudo, a partir de postulados funcionalistas, como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o fenômeno linguístico: a repetição, verificando os seus aspectos funcionais que organizam e auxiliam na manutenção do tópico discursivo, facilitando a interação entre os interlocutores e, ainda, compreendendo como esse fenômeno constitui-se em um processo metonímico.

Para tanto, *a priori*, apresentamos como a repetição é estudada em diversas linhas de pesquisa, desde a retórica, passando por estudos de redobrimento em textos medievais, pela semântica enunciativa, pela Linguística Textual e chegando ao Funcionalismo, teoria utilizada como embasamento maior neste trabalho. Esse percurso traçado na Seção 2 foi importante para entendermos como o fenômeno de repetição foi compreendido ao longo do tempo, por estudiosos e teóricos que se dedicaram ao assunto, bem como foi importante para delinear o nosso estudo a partir de diversos olhares e diálogos.

Após esse percurso entre teorias, abordamos o nosso aporte teórico, o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, demonstrando quais princípios dessa teoria serviram de luz para os nossos dados. Essas teorias têm princípios que conversam, por isso, foi possível uma espécie de enlace entre elas. Do Funcionalismo, ancoramo-nos, principalmente, nos princípios da iconicidade e marcação-expressiva, o primeiro diz respeito à relação motivada entre a forma e a função e o segundo está relacionado à busca por uma maior expressividade pelo falante, o que ocasiona a utilização recorrente de construções menos complexas. Da Linguística Cognitiva, resgatamos, especialmente, os conceitos de metáfora e metonímia, os quais, também, são abordados na teoria funcionalista, e baseamo-nos no realismo experientalista, visto que a forma como o indivíduo se expressa por meio da linguagem tem uma estreita relação de dependência com a sua experiência e com o modo como interpreta a realidade que está a sua volta.

Realizadas essas discussões teóricas, explicamos os nossos procedimentos metodológicos, apresentando a constituição do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e as entrevistas escolhidas, conceituando unidade discursiva e descrevendo os critérios utilizados para a escolha das funções analisadas para, por fim, após delinear a teoria e apresentarmos a metodologia, ser possível a análise dos dados na amostra selecionada, a qual é composta por quatro informantes que cursam ou cursaram Letras:F.S.L.B.; R.F.V.; L.S.S. e A.I.R.M.

Nessas entrevistas, fizemos um estudo observando os seguintes aspectos funcionais da repetição: a reconstituidora I, a reconstituidora II, a distribuidora, o reforço, a intensificadora, o contraste e a temporalização; sendo que, na função distribuidora, há 04 (quatro) subfunções: a retificação, a paralelização, a enumeração e o desdobramento. A partir do estudo dessas funções microestruturadoras, confirmamos a hipótese de que a categoria mais recorrente seria paralelização. Resultado obtido não só devido ao fato de considerarmos as heterorrepetições e as autorrepetições, mas, também, ao fato de essa função proporcionar coesividade no início e na continuidade do turno discursivo do falante, sendo, portanto, mais utilizada no decorrer do discurso e menos marcada, já que exige pouco esforço cognitivo do falante.

Além disso, constatamos que o mecanismo de repetição (1) é altamente produtivo na oralidade; (2) facilita a interação entre os interlocutores; (3) auxilia na condução e manutenção do tópico discursivo a partir de seus aspectos funcionais; (4) é um processo metonímico; (5) tende a ser utilizado em frases que têm um valor semântico adversativo; e (6) é, cognitivamente, motivado, refletindo o modo como o indivíduo interpreta a realidade que está a sua volta. Podemos afirmar ainda que a repetição é iconicamente motivada, pois a sua reprodução formal está subordinada à função, exercendo, assim, múltiplos papéis à medida em que se organiza entre os elementos mínimos da unidade discursiva.

Diante dos resultados alcançados nesta pesquisa, podemos definir a repetição na oralidade como um mecanismo icônico, multifuncional, expressivo, que exerce duplo papel, é anáfora formal e catáfora conceptual, podendo, ainda, ser analisada como um processo metonímico que ocorre coordenado, principalmente, por um antecedente explícito e entre domínios, desde que estes sejam subdomínios de um domínio-matriz.

Esse estudo é relevante, pois, além de demonstrar como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o recurso da repetição na interação discursiva, contribuindo, dessa forma, para a descrição do vernáculo conquistense, traça um diálogo entre várias linhas de pesquisa, principalmente, entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, constatando que a repetição é um processo metonímico. Assim, esperamos que este estudo possa servir de subsídio para outros trabalhos acerca da repetição, sobretudo, se o enfoque for na modalidade oral, auxiliando na elaboração de hipóteses e no diálogo entre os resultados obtidos.

Ademais, visto que, nesse estudo, são explicadas funções regulares de um dos recursos mais produtivos do texto falado e, que, no espaço escolar, de forma indiferente à língua em uso, esse mecanismo ou é apresentado como um recurso estilístico ou é sugerido que não seja utilizado, acreditamos e esperamos que a nossa pesquisa sobre repetição na oralidade possa fornecer material para o ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, embora tenhamos um leque de possibilidades na língua para escolher e dispor as palavras do jeito que melhor expressem os nossos sentimentos, as nossas opiniões e ações, há um sistema que devemos obedecer, pois a língua tem um caráter social e pragmático. Enquanto sujeitos sociocomunicativos, nós carregamos uma história e uma experiência que nos influenciam cognitivamente, constituindo processos metafóricos e metonímicos, os quais são evidenciados nas palavras que utilizamos. Às vezes ou muitas vezes, repetimos palavras, seja de maneira idêntica ou semelhante. Repetimos não só a sua forma, mas, também, o seu passado, acrescentando algo novo ou, apenas, reforçando informações que julgamos importantes.

As palavras repetidas têm uma natureza multifuncional no discurso, elas nos ajudam a organizar, a reafirmar e a reformular os nossos argumentos, facilitando a compreensão do outro que dialoga conosco. Assim como nós não somos os mesmos de ontem e não seremos os mesmos amanhã, as palavras que pronunciamos, embora repetidas, não são as mesmas, porque elas são maleáveis, adaptam-se à nossa expressividade, podendo ser distintas no sistema, quando adotam diversas funções sintáticas, ou podendo ser diferentes no conteúdo, quando, dependendo do contexto, constroem outros significados. As palavras nem sempre são aquilo que o dicionário diz, elas, na verdade, são o que nós somos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. **Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras.** Volume único. São Paulo: Moderna, 2005.
- AMADOR, E. M. M. **Dicionário Gramatical.** Barcelona: Editorial Ramón Solena S.A, 1954, p. 1292-1293.
- ANASTÁCIO, S. M. G.; SILVA, C. N. **As narrativas e o processo de recriação do sujeito: a semiótica das metáforas.** Salvador: EDUFBA, 2. ed. rev., 2008, p. 47- 53.
- ANITELLI, F. Sintaxe à vontade. In: O Teatro mágico: **entrada para raros.** CD. Faixa 1. São Paulo: O teatro mágico, 2003.
- ARAÚJO, E. F. C.; SOUSA, V. V. **Análise linguística do ni como variante da preposição em.** In: XI Colóquio Nacional e IV Colóquio Internacional do Museu Pedagógico: Crise, Conflitos e Conhecimento de Mundo Contemporâneo, v.11, 2015.
- BALLY, C. **El lenguaje y la vida.** 5. ed. Trad. Amado Alonso. Buenos Aires, Argentina: Editorial Losada, 1967. Colección Filosofía y Teoría Del Lenguaje.
- CAMARA JR. J. M. **História da Linguística:** tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4. ed.. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CAMPOS, G. **Pequeno dicionário de arte poética.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- CASTILHO, A. T. de. Repetição e constituição da sentença na língua falada. **Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 3ª reimpressão, 2014, p.156-163.
- CASTILHO, A. T. de. Unidirectionality or multidirectionality? **Revista do GEL,** São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 35-48, 2004.
- CASTILHO, C. M. Gramaticalização, redobramento sintático e minioração. In: _____. **Fundamentos sintáticos do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2013, p.25-35.
- CARROLL, L. **Através do espelho e o que Alice encontrou por lá.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 195.
- CASTRO, V. S. Um caso de repetição no português. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos** 27, 1994, p. 85-101.
- COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2.ed.,3ª reimpressão, 2015, p. 113-127.
- CROFT, W. **Typology and Universals.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2.ed.,3ª reimpressão, 2015, p.157-176.
- DEFENDI, C. L. A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização? In: MORAIS, Maria Aparecida C. R. Torres; ANDRADE, M. L. da C. V. de O. (orgs.). **História do português paulista.** Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009, p. 123-140.
- DUBOIS, S.; VOTRE, S. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico: à procura da essência da linguagem,** 1994.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-106.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed). **Linguistics in the morning calm.** Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p.11-137.
- FIORIN, J. L. **Figuras de retórica.** São Paulo: Contexto, 2014.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar.** Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. **Syntax: an introduction.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- _____. **Domínio semântico de determinação**. In: _____; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2007, p. 77-84.
- _____. **A enumeração, funcionamento enunciativo e sentido**. Campinas: *Cad. Est. Ling.* 51, 2009, p. 49-68.
- GUIMARÃES, M. A. de S. **Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da Conquista – BA: construções para compreensão da sócio história do português no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UESB, Vitória da Conquista, 2014.
- HAIMAN, J. **The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation**. *Language*. v. 56, 1980, p. 515-540.
- HALLIDAY, M.A.K.; **An Introduction to Functional Grammar**. Second Edition, 1994, p. 39-40.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Company, 1991, p.17-36.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- JUBRAN, C. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p.85-126.
- KOCH, I. G. V. A repetição como estratégia de construção do texto falado. In: **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 123-145.
- KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Trad. Maria Margarida Barahona. Edições 70: Lisboa, 1969.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LIMA-HERNANDES, M. C. A evolução da gramática e o aporte funcionalista bases teóricas. In: _____. **Indivíduo, sociedade e língua: Cara, tipo assim, fala sério**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesb, 2011, p.21-22
- MACHADO, R. **Questões de Gramática Latina**. Tômoo segundo: morfologia geral e elementos de morfologia histórica. Lisboa: Editora A.M. Teixeira e Cª Filhos, 1941.
- MARCUSCHI, L. A. Repetição. IN: JUBRAN, C. S. (Org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto. v. 1, 2015, p. 207-240
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de; CUNHA, M. A. F. da. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.18-55.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: _____. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ: Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996, p. 24-40.

- MARTINET, A. **Qu'est-ce que lalinguistiquefonctionnelle?**. In: ALFA: Revista de Linguística. v. 38, 1994, p.11-18.
- MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- MASSAUD MOISÉS. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 4.ed. 1985.
- NEVES, M. H. de M. Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: KATO, M. A. (org.) **Gramática do Português Falado**. v. V – Convergências. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 119-154.
- _____.M.H.de M. **Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **A gramática passada a limpo**: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola, 2012.
- NÓBREGA, C. M. P. de S. **Anáfora pronominal e repetição lexical**: estudo no contexto da produção textual de 9º do ensino fundamental. Natal: IFRN, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. de. **Repetição em diálogos**: análise funcional da conversão. Niterói. EDUFF, 1998.
- OLIVEIRA, M. R. de. Gramaticalização na repetição. In: MARTELOTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: EniPulcinelliOrlandi. Campinas: Pontes, 1997 [1983].
- PERINI, M. A., 1980. A função da repetição no reconhecimento de sentenças. In: **Ensaio de Linguística 3**. Belo Horizonte, UFMG, p.111-123.
- RAMOS, J. **Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1983.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RIBEIRO, E. C. **Serões Grammaticaes**: Nova GrammaticaPortugueza. Cidade de Salvador: Livraria Progresso Editora: Aguiar e Souza LTDA, 6. ed., 1955, p. 792-793.
- RUSSO, R. **Quase sem querer**. In: Legião Urbana: dois. CD. Faixa 2. São Paulo: Abril Coleções, 1986.
- SANTAELLA, L. **O que é a Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SILVA, J. A. A.; SOUSA, V. V. **Português culto de Vitória da Conquista**, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – UESB, 2013.
- SOUSA, V. V. **Os (des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. 2008. Tese (Doutorado) - UFPB, João Pessoa, 2008.
- SWEETSER, E. **Frometymologytopragmatics**: metaphorical na cultural aspectsofsemanticstructure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRINGALI, D. **Introdução à Retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- VOTRE, S. J. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: UFRJ: Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996, p. 15-23.

WARREN. B. **Referential Metonymy**. Scripta Minora: Royal Society of Letters at Lund, Sweden (2006). ISBN 91-22-02148-5. p. 2-10.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2.Ed.,3ª reimpressão, 2015, p. 72-84

ANEXO A

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Abaixo, seguem sugestões de perguntas, topicalizadas por tema, que podem ser feitas na entrevista com o informante selecionado através do Perfil Social. É importante que: (1) sejam realizadas previamente a leitura e a seleção das perguntas; e que (2), quando necessário e desejado, as perguntas sejam reformuladas pelo entrevistador.

Infância:

1. Como foi a sua infância?
2. Você se lembra de alguma história interessante que tenha acontecido com você na sua infância? Ou você se lembra de alguma história interessante na sua infância com você, com sua família ou com alguém conhecido?
3. Como eram as brincadeiras na sua infância?
4. O que você acha das brincadeiras de sua época em relação às brincadeiras de hoje?
5. Na sua opinião, as crianças sempre se divertem independentemente do tipo de brinquedo, sempre se adaptam? Ou as crianças eram mais felizes antes que hoje ou o contrário disso são mais felizes hoje, porque têm mais recursos, do que antes?
6. No Brasil e na própria região onde moramos, há crianças que trabalham desde cedo. Você conhece alguém nessa situação?
7. O que você acha disso?

Localidade - bairro/ rua

1. Você sempre morou nesse bairro?
2. Você acha bom morar aqui? Por quê?
3. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
4. Como é que é morar nesse bairro? É movimentado ou tranquilo? Você preferiria que fosse como?
5. E a vizinhança? Como ela é?

Localidade – cidade

1. O que você acha de morar em Vitória da Conquista? Por quê?
2. Você falou que gosta (ou que não gosta) de Micareta/ Carnaval. O que você costuma fazer nesse período?
3. Você falou que gosta (ou que não gosta) de São João. O que você costuma fazer nesse período?
4. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
5. O que você acha do clima daqui? Você gosta ou não? Por quê?
6. E os conquistenses? O que você acha das pessoas que moram aqui?
7. Quando você viaja e passa um tempo fora, quando volta tem saudades de quê? Por quê?

Profissão:

1. Você trabalha em quê?
2. O que você faz no seu trabalho? Conte a sua rotina, um dia de trabalho.
3. É essa sua profissão?
4. Você tem vontade de trabalhar em outra coisa ou em outro lugar? Por quê?
5. Como foi a experiência para você do primeiro emprego?
6. Se fosse para você escolher hoje uma profissão, qual você escolheria? Por quê?
7. Você se lembra de algum fato interessante ocorrido no seu trabalho?

Escola:

1. Onde você estuda? Tem quanto tempo que estuda lá?
2. Quais foram os motivos que impediram/ que dificultaram que você estudasse?
3. Você gosta da escola? Por quê?
4. Você teve vontade de estudar?

5. Você acha o estudo interessante e importante? Por quê?
6. O que você acha da educação em Conquista?
7. Você vê diferença na educação de hoje e na educação de antes? Em que são diferentes?
8. Você se lembra de alguma história interessante que aconteceu na escola?

144

9. Qual é a disciplina que você mais gosta? Por quê?
10. Se você pudesse retirar uma disciplina da escola, qual você retiraria? Por quê?
11. Você pensa em fazer vestibular? Para quê?
12. Quais os motivos que contribuíram para você escolher esse curso?
13. O que você mais gosta (ou mais gostava) na escola?

Família:

1. Como é a sua família? Você tem quantos irmãos?
2. Como é que são seus pais? Fale um pouco sobre eles.
3. Como é que são seus irmãos? Onde moram? O que fazem?
4. Vocês passavam muito tempo juntos na infância? O que vocês faziam juntos?
5. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família na infância?
6. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família?
7. Lembra de alguma viagem? Conte.
8. Você tem filhos? Como é o seu relacionamento com eles?
9. O que você acha que faz por eles que seus pais não fizeram com você?
10. Você é casado (a), tem namorado (a)? Como vocês se conheceram?

Lazer:

1. O que você costuma fazer em Conquista nos finais de semana? Você costuma sair? Para onde?
2. O que costuma fazer nesse lugar?
3. Você disse que gosta de cinema/ novela. Tem algum (a) filme/novela em especial que tenha marcado você? Que você goste mais? Qual?
4. Conte um pouco a história dele (a).
5. O que você acha das opções de lazer em Conquista?
6. O que você acha que poderia melhorar?
7. Qual é a sua diversão preferida?
8. Qual é o estilo de música que você mais gosta? Por quê?
9. O que você acha dessas músicas atuais?
10. Qual é a sua religião? Fale um pouco a respeito dela.
11. Com relação à religiosidade, a sua família também pensa com você?
12. Costuma ler livros? Lembra de algum que tenha lido? Conte a história.

Pessoais:

1. Estudar e trabalhar para você são difíceis de conciliar? Por quê?
 2. O que você acha da sua forma de falar? Por quê?
- 145
3. Você mudaria alguma coisa no seu jeito de falar?
 4. Você acha que todos os brasileiros falam da mesma forma? Por quê?
 5. Você conhece alguém que fala diferente de você? Como é essa diferença?
 6. Você já teve alguma doença mais séria? Qual foi?
 7. Você já esteve diante evento de morte de uma pessoa querida? Como foi?
 8. Como você se sentiu?
 9. Você já fez algo que se arrependeu depois? Conte.
 10. O que mais magoa você?
 11. Você tem algum sonho? Conte.
 12. Se tivesse um cargo tipo presidente da república o que faria de imediato? Por quê?

13. O que você gostaria de ver publicado na manchete de um jornal?
14. Você gosta de novelas? Quantas costuma assistir diariamente? Qual é a que mais gosta na atualidade? Por quê?
15. Ao ler revistas, o que procura nas mesmas? Qual é o seu maior interesse nas revistas?
16. E futebol? Qual é o seu time? Gosta de assistir aos jogos pela televisão ou rádios? Por quê?
17. Costuma ir a estádios?
18. Como é assistir a um jogo em um estádio?
19. Costuma viajar nas férias?
20. Há algum lugar específico que sempre vai ou escolhe lugares diferentes?
21. O que você procura fazer quando viaja? Geralmente, qual é o motivo que o faz viajar: férias, ver amigos, visitar parentes, trabalhar, participar de eventos?
22. E esse São João? O que você fez nesse São João?
23. Tem planos para as próximas férias? Quais?